Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos**

ANO 55.º/18 963 — 4$00

QUARTA-FEIRA 28 JANEIRO 1976

FINALMENTE A CHUVA?

Choveu finalmente em Lisboa. Precipitação por agora ligeira, foi porém bastante para alterar a fisionomia da cidade, como pode ver-se pela foto. Entretanto, há notícias de aguaceiros noutros pontos do território continental, nomeadamente nas terras altas do interior a lavoura é a principal beneficiada depois de intensa estiagem que entrou pelo Outono dentro e trazia as pessoas do campo àngustiadas.

A PROPÓSITO DOS DINHEIROS DA C.E.E.

SÁ CARNEIRO NO RASTO DE MELO ANTUNES

O major Melo Antunes, que se encontra desde segunda-feira em Bruxelas e regressa esta tarde a Lisboa, deu esta manhã uma conferência de Imprensa do Centro de Informação de Imprensa da capital belga, seguida uma hora e meia depois, no mesmo local, por outra do dr. Sá Carneiro. Observadores relacionam a visita destas duas importantes personalidades da cena política portuguesa, afirmando-se em certos círculos que Sá Carneiro tenta retardar os eventuais empréstimos do Mercado Comum até à realização das eleições e condicioná-las ao resultado das mesmas.

Por outro lado, fontes próximas dos meios financeiros europeus afirmam que os possíveis empréstimos que estão a ser tentados junto dos Estados Unidos, a efectivarem-se, serão feitos não directamente ao Governo Português, mas através de particulares como Champalimaud, Melo e outros. A confirmarem-se tais notícias estaríamos em presença não só de uma chantagem do grande capihal internacional como também de um hábil processo de reintegração na vida económica portuguesa de personalidades que, entre outras coisas, muito tiveram a ver com duas realidades chamadas fascismo e colonialismo.

Nas suas conversações com os dirigentes belgas Melo Antunes assegurou que Portugal não pensa sair da NATO, e salienta que lhe parece excluída a eventualidade de uma tomada de poder pelo Partido Comunista, segundo revela um telegrama da France Press, citando uma fonte belga autorizada. Considerou também injustificado o receio de muitos países europeus de ver Portugal transformar-se em «cavalo de Tróia» comunista na Europa Ocidental, acrescentando que a URSS não está de forma alguma interessada na instauração de uma democracia popular, mas, em contrapartida, os dirigentes soviéticos desejam evitar o regresso do fascismo em Portugal.

O ministro português manifestou ainda a opinião de que «o caminho para a paz na Europa passa pelo desmantelamento dos blocos militares» e ao ser-lhe perguntado por Van Ilsland se um Governo em cuja composição entram elementos comunistas poderá manter-se cem por cento fiel à NATO, Melo Antunes, sem responder directamente à pergunta observou que os ministros e secretários de Estado comunistas estão colocados em departamentos técnicos, sem qualquer acesso a segredos militares e políticos.

Nas conversações que manteve com o ministro dos Negócios Estrangeiros belga, e em que foram abordados problemas relativos à ajuda financeira dos «Nove» e de cada um dos seus países membros a Portugal, Melo Antunes afirmou que «sem a ajuda financeira dos países da Europa Ocidental, todos os esforços actualmente empreendidos para estabelecer uma verdadeira democracia em Portugal serão vãos e condenados ao malogro». Sublinhando que o País estava aberto a toda a forma de cooperação e de investimento que os «Nove» possam oferecer numa base bilateral».

Van Elsland, ministro dos Negócios Estrangeiros belga, afirmou por sua vez que a Bélgica foi dos primeiros países a pedir que fosse concedido a Portugal o estatuto de «país em vias de desenvolvimento» e a advogar uma ajuda financeira por parte dos «Nove».

Fontes oficiais revelaram também que a Bélgica prometeu a Melo Antunes, numa primeira fase, uma ajuda financeira de 30 milhões de francos belgas (18.500 contos) para a reintegração dos refugiados angolanos no circuito económico.

SÁ CARNEIRO REGRESSA AMANHÃ

Depois de uma visita à Bélgica que teve como objectivo «proporcionar uma longa troca de impressões com os responsáveis pela iniciativa das políticas comunitárias, de que se espera decorram efeitos favoráveis no plano de estreitamento de relações com a Europa do Mercado Comum e da activação de novas formas de cooperação técnica e económica entre o nosso país e a Comunicade Económica Europeia», o dr. Sá Carneiro regressa amanhã a Lisboa.

Ontem de manhã foi recebido na CEE pelo presidente Ortoli, e pelos comissários Searascia e Hillery, encarregados respectivamente da Informação, Assuntos Parlamentares, Crédito, Investimento e Assuntos Sociais.

DESDE FINS DE MAIO PASSADO

MAIS DE TREZENTOS ATENTADOS NO CONTINENTE E ILHAS

Eleva-se a mais de trezentos o número de acções terroristas praticadas entre fins de Maio de 1974 e 25 do mês corrente — diz uma informação proveniente do Partido Comunista Português ontem difundida através do Serviço de Informação e Propaganda deste partido. A nota é a propósito do recrusdescimento da violência fascista registado nos últimos dias e faz uma enumeração sumária das acções levadas a efeito no referido período. As acções de violência fascista concretizaram-se de forma variada: bombas, assaltos, saques, fogo posto, cercos, autos-de-fé e atentados a tiro.

Em pormenor de números, diz a nota, foram accionadas ou despoletadas a tempo, em certos casos, 145 cargas explosivas, verificaram-se 149 assaltos, saques, fogos postos, autos-de-fé e cercos e 11 atentados a tiro. Geografia do terror: das mais de trezentas acções levadas a efeito, 75 por cento verificaram-se no Norte, 22 por cento a Sul da linha definida pelos distritos de Lisboa, Santarém e Portalegre, e 3 por cento nas Ilhas Adjacentes. Das acções registadas a sul — precisa a nota — 13 por cento registaram-se no distrito de Lisboa, particularmente nos concelhos do norte.»

A vaga de terrorismo conheceu dois períodos de maior intensidade: Agosto, Julho e Novembro do ano passado, quando se registaram 63,55 e 57 acções, respectivamente. Todavia, lembra o P.C.P. só nos primeiros 24 dias de Janeiro deste ano já era de 47 o número de atentados.

Lembra ainda a nota do S.I.P. que o alvo preferido destas acções tem sido o P.C.P.: 50 por cento dos atentados terroristas foram dirigidos contra o P.C.P., 13 por cento contra o M.D.P./C.D.E. 7 por cento contra outros partidos de esquerda (M.E.S., U.D.P., F.S.P., L.U.A.R., P.R.P. e F.E.C.), 3 por cento contra o Partido Socialista, 5 por cento contra objectivos militares, 5 por cento contra sindicatos e sindicalistas e 5 por cento contra orgãos de informação.

A propósito do recrudescimento das acções terroristas que actualmente se verifica (e que aproxima o inventário de Janeiro corrente aos meses de mais intensa actividade terrorista no ano passado), diz o P.C.P. que «é urgente pôr fim a esta lista negra de crimes e nesse sentido continuará a desenvolver iniciativas, quer junto da opinião pública quer junto das entidades responsáveis.»

P.S. DEMARCA-SE DO P.C.P. E DA DIREITA

(Pág. 20)

M.D.P./C.D.E. CONTACTA INDEPENDENTES DE ESQUERDA

(Pág. 20)

Dois mortos em operação "stop"

PORTO, 28 — Foram abatidos a tiro por forças da G. N. R. dois dos quatro ocupantes de um automóvel que se recusou a parar no decorrer de uma operação «Stop» levada a cabo na sequência de diligências efectuadas para prender os autores de um assalto que teve lugar em Resende. De acordo com informações obtidas ao fim da manhã, a G. N. R. de Resende, admitindo que os autores de um assalto realizado nessa vila durante a noite, tivessem tomado pela estrada de Alpendorada, pediu do Porto à G.N.R. que tomassem providências para os deter e esta organizou prontamente uma operação «Stop» com esse objectivo.

Os agentes que participaram nesta operação verificando que um automóvel não se detinha, abriram fogo «para o ar e para os pneus» do mesmo verificando pouco depois, que a viatura transportava quatro indivíduos dos quais dois tinham sido vitimados pelas balas. De acordo com as informações que obtivemos, o incidente teve lugar às 8.30 não nos tendo sido possível, por enquanto, identificar as vítimas.

20 PAGINAS

Nacional

Conselho de Ministros

Aprovado o estatuto do cooperante e nomeados os novos gestores da banca

O Conselho de Ministros de ontem aprovou, entre outros, dois diplomas com inegável interesse. Um deles define o estatuto do cooperante (ou seja do trabalhador português interessado em cooperar no desenvolvimento das ex-colónias), garantindo-lhe as condições e direitos mínimos; o outro obriga a depósito, no prazo de 30 dias, dos certificados Fides e Fundo de Investimentos Atlântico, bem como das acções e cautelas das empresas nacionalizadas.

Esta última medida destina-se a possibilitar a regularização dos fundos de investimento mobiliário e a atribuir as indemnizações devidas aos accionistas das empresas nacionalizadas. Assim, espera-se que a curto prazo a pequena poupança veja alguns dos seus problemas resolvidos e que as indemnizações sejam prioritariamente pagas aos pequenos accionistas.

Portanto, ainda não foi desta que o Conselho de Ministros se debruçou sobre o horário de trabalho nacional. Entretanto, os trabalhadores continuam à espera que seja aprovado e publicado o prometido diploma sobre o 13.º mês (subsídio de Natal) e que devia ter entrado em vigor no ano passado.

Eis o texto integral do comunicado difundido através do Ministério da Comunicação Social:

. «O Plenário do Conselho de Ministros reuniu em S. Bento, tendo aprovado as resoluções e os projectos de diplomas a que a seguir se faz referência sumária:

. 1 — O Conselho de Ministros analisou um projecto de decreto-lei emanado do Ministério da Cooperação que define o Estatuto do Cooperante. O novo diploma, que se destina a incentivar e promover a adesão e recrutamento de cooperantes qualificados, permite com prévio acordo do Estado solicitante a autorização do Estado português, a contratação de trabalhadores, quer da função pública, quer de meros particulares, empregados ou não por conta de outrem, para prestarem trabalho em territórios anteriormente sob administração portuguesa.

O «contrôle» de cooperação obrigatoriamente reduzido a escrito, e assinado pelo Estado solicitante, pelo Estado português e cooperante, acautelará devidamente os interesses deste, mediante inclusão expressa de cláusulas sobre o seu objecto, duração e renovação do «contrôle», situação do cooperante, remuneração, transferências monetárias, habitações e alojamento, doenças e acidentes de trabalho, férias e resolução do contrato, além de outras matérias cuja regulamentação vier a mostrar-se adequada.

O cooperante manterá a situação jurídica em que se encontrava à data da celebração do contrato de cooperação, sendo-lhe contado, para todos os efeitos, o tempo de serviço prestado naquela qualidade, como se se mantivesse em exercício do lugar que ocupava à data da sua vinculação.

2 — Um projecto de decreto-lei emanado do Ministério dos Transportes e Comunicações atribui eficácia retroactiva, a partir de 29 de Janeiro de 1975, ao disposto no art.º 1.º do Decreto-Lei n.º 598/75, devendo os produtos ou mercadorias necessários ao abastecimento público, importados por organismos de coordenação económica, pagar taxas portuárias desde essa data, correspondendo estas ao pagamento de serviços prestados pelos organismos de administração portuária.»

«FIDES» E «ATLÂNTICO»

«3 — O Conselho de Ministros aprovou um projecto de resolução do Ministério das Finanças tendente à regularização da dívida externa e interna da Companhia Mineira do Lobito, resultante de compromissos que vinham sendo acumulados e assumidos há largos anos, e que somam um total de cerca de sete milhões de contos, dos quais 1,6 milhões correspondem à dívida externa. O «deficit» anual de exploração, que o Estado português cobria regularmente através da doação de avales, era, nos últimos anos, da ordem do meio milhão de contos.

4 — Um projecto de decreto-lei do Ministério das Finanças determina que, no prazo de 30 dias, se proceda ao depósito, quer dos certificados representativos de participação em fundos de investimento constituídos no País, isto é, fundo Fides e Fundo de Investimento Atlântico, quer das acções e cautelas que titulam o capital nacionalizado de sociedades portuguesas.

Esta medida enquadra-se nos esquemas em curso com o objectivo de proceder à urgente regularização da situação dos fundos de investimento mobiliário e dos processos de atribuição de indemnizações devidas aos accionistas de empresas nacionalizadas.»

ADMINISTRAÇÃO DA BANCA NACIONALIZADA

«5 — O Conselho de Ministros depois de ter apreciado a respectiva proposta do Ministério das Finanças nomeou os membros dos conselhos de gestão das instituições de crédito nacionalizadas:

. 1) Banco Agrícola e Industrial Viseense — drs. António F. Morais e António Saldanha;

. 2) Banco do Alentejo — drs. Fernando Mata e José M. Barata;

. 3) Banco do Algarve — drs. António da Silva e José Dias Dinis;

. 4) Banco Borges e Irmão — Presidente: António Castanheiro Santos; drs. Afonso Costa, Fernando Pires de Matos, José Oliveira Marques e Ludovico Morgado Cândido;

. 5) Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa — Presidente: dr. Amilcar Neto Contente; drs. Alberto Prata e José Pinto Alho, Luís Viana Vilela e Miguel Tavares;

. 6) Banco Fernandes de Magalhães — drs. Adriano da Fonseca Fortes e José Luís de Carvalho.

7) Banco de Fomento Nacional — Presidente: dr. João Salgueiro; eng.º António Silva Teixeira, drs. Hernâni Caeiro Pereira e Noel de Melo Loureiro;

. 8) Banco Fonsecas e Burnay — Presidente: dr. Vítor Coimbra Torres; António Dias, eng.º Francisco Lacerda, drs. José da Cunha Guimarães e Mário Macias Fernandes;

. 9) Banco Intercontinental Português — Presidente: dr. José Pires Lourenço; dr. António Palha Sequeira, José Cabral e Manuel Martins de Freitas;

. 10) Banco Nacional Ultramarino — Presidente: dr. Alberto Oliveira Pinto; drs. António Carlos Palmeiro Ribeiro, José Andrade Soares, José Augusto Gaspar, José Manuel Sampaio Cabral, Mário Martins Adegas e Rui Fortes da Gama;

. 11) Banco de Angola — Presidente: dr. António de Almeida; drs. Jorge Aguiar, Henrique Carmona e Vasco da Gama Fernandes;

. 12) Banco Pinto de Magalhães — Presidente: Manuel Guedes da Silva; drs. José Miranda Maciel, Luís Filipe Mota Freitas, Ramiro Ramos da Costa e Albano Sousa Dias;

. 13) Banco Pinto e Sotto Mayor — Presidente: dr. Eduardo Consiglieri Pedroso; Alcino Cardoso, Armando Vieira Rodrigues, drs. José Manuel Castro Rocha, Macaroco Candeias, Manuel José de Deus Vieira e Manuel Tavares Moreira;

. 14) Banco Português do Atlântico — Presidente: dr. Vasco Consiglieri Pedroso; drs. António Gameira, Augusto Mourão, João Esteves da Silva, Raul Capela, João Oliveira e Ricardo Tavares;

. 15) Banco Totta e Açores — Presidente: dr. Augusto Sá da Costa; drs. António Roque Antunes, Dulio Ferreira da Silva e Fernando Alves Serra; Mário Sampaio e dr. Renato Bravo;

. 16) Sociedade Financeira Portuguesa — Presidente: dr. Alexandre Vaz Pinto; drs. António Brás Teixeira e Heitor Castanheira;

. 17) Crédito Predial Português — Presidente: dr. António Seruca Salgado; dr. António Vieira Monteiro, eng. Carlos Mascarenhas de Almeida, drs. João Morais Cabral e João Assunção Fernandes;

. 18) Pancada, Morais e C.ª — Joaquim Filipe Marques dos Santos;

. 19) Banco da Agricultura — A gestão deste banco será provisoriamente assegurada por uma comissão administrativa para a qual foram nomeados os drs. Francisco Ferreira da Silva e Sivino Tomé Paiva Lopes.»

INQUÉRITO AOS SANEAMENTOS NO BANCO DA AGRICULTURA

«O Conselho de Ministros determinou:

. a) A abertura de um inquérito às circunstâncias e ao processo seguido nos saneamentos havidos neste banco;

. b) A criação de uma comissão de inquérito, composta por três elementos representativos, respectivamente do Conselho da Revolução, do Ministério da Justiça e do Ministério das Finanças;

c) A apresentação no prazo de um mês contado a partir da data da nomeação da comissão de inquérito, e por esta, de um relatório preliminar sobre as conclusões do mesmo;

. d) Que, até à conclusão do inquérito, a gestão seja assegurada por uma comissão administrativa composta pelos indivíduos acima nomeados;

. e) Que os restantes membros da anterior Comissão Administrativa deverão prestar à comissão de inquérito as informações e esclarecimentos que se tornem necessários.»

Portugal em risco de atingir um milhão de desempregados

Em entrevista concedida ao «Jornal do Comércio», o eng.º Amilcar Martins, ex-secretário de Estado da Indústria Ligeira analisou a situação da indústria portuguesa apontando algumas das causas de degradação actual e a necessidade de definir uma política global para acabar com o «bombeirismo» do Estado, evitar o desemprego de um milhão de portugueses e preservar a independência nacional.

«Efectivamente» — declarou o eng.º Amilcar Matins — «parece-me que, se não houver a definição de uma política económica global, política que enquadre todas as acções (e falo particularmente da indústria), não se passará de ter à disposição um «batalhão de bombeiros» que vai, cada vez que há um fogo, apagá-lo. Não se passará de andar a resolver o problema de vencimentos do mês desta ou daquela empresa. Devo dizer que neste momento, em parte das empresas em que se está a fazer este tipo de intervenção, a assistência do Estado se traduz em intervenções, pois as empresas não têm estruturas capazes de rentabilizar minimamente aquilo que está a ser investido.»

E mais à frente:

«O novo elenco ministerial terá de ter em conta que as comissões de trabalhadores são uma realidade. No Ministério da Indústria não se pode dar contributo efectivo para fazer funcionar a indústria portuguesa sem ter em conta os órgãos representativos dos trabalhadores.

«Por outro lado a inexistência de um aparelho estatal capaz de suportar a actual dimensão de encargos que o Estado é obrigado a suportar pelas responsabilidades que assumiu na economia nacional obriga a que se vá buscar apoio aos órgãos representativos dos trabalhadores. De facto o Ministério da Indústria é uma aberração como estrutura do aparelho estatal: foi criado em Março de 1975 e continua com a mesma estrutura que tinha a Secretaria de Estado da Indústria, Secretaria de Estado pensada em termos de funções que não eram propriamente aquelas que neste momento lhe são exigidas».

PRIORIDADE AO EMPREGO

«Se não se tem como objectivo a manutenção do nível de emprego que ainda existe, muito rapidamente, quase por reacção em cadeia, poderemos atingir o milhão de desempregados» — Alertou o entrevistado — Estou a lembrar-me do sector têxtil: se não se tem mão nele, primeiro com a intenção de manter o emprego, depois com o objectivo da reconversão do próprio sector, muito rapidamente se contribuirá com mais uma largas dezenas de milhares de desempregados, e como este outros sectores importantes.

«Se não se pega nestes sectores como um todo, e não se analisa muito bem quais as consequências que pode advir da cresente crise que os afecta, é evidente que muito rapidamente atingiremos um nível de desemprego muito mais elevado. E não estou a ver, por exemplo, que com um terço da população activa desempregada se possa controlar seja o que for.»

Lopes Cardoso sobre Sá Carneiro

"O disparate é livre"

«O disparate é livre e a democracia é isso mesmo», comentou Lopes Cardoso a propósito das recentes declarações de Sá Carneiro sobre a Reforma Agrária. Inquirido ainda pelos jornalistas, presentes à entrada de S. Bento, sobre a futura proibição de barcos portugueses pescarem em águas territoriais norueguesas, o ministro Lopes Cardoso afirmou que o assunto será discutido com o ministro responsável daquele país, que no próximo mês visitará Portugal.

Lopes Cardoso disse ainda que poderá ser alargado o limite das águas territoriais a fim de proteger os bancos pesqueiros utilizados pelas nossas frotas e que se situam a cerca de 40 milhas da costa. O assunto ganhou agora nova acuidade devido à presença de barcos estrangeiros junto dos limites actuais.

Por seu turno, Medeiros Ferreira, secretário dos Negócios Estrangeiros, desmentiu que estivesse eminente o reconhecimento da República Popular de Angola por parte do Governo português. Sobre as relações com Moçambique adiantou que a libertação dos sete portugueses ali retidos foi bem sucedida e que o acordo aéreo entre os dois países depende fundamentalmente do reatamento das negociações, que se prevêem longas.

Entretanto, o ministro do Trabalho, ouvido sobre a caso Timex, criticou a administração e disse compreender a posição dos trabalhadores que ocuparam as instalações. E a propósito das multinacionais disse ter nomeado uma comissão de análise para tratar dos assuntos mais prementes, o primeiro dos quais é da própria Timex.

Também à entrada para S. Bento, o ministro das Finanças, pronunciando-se sobre os rumores do próximo regresso a Portugal de grandes financeiros, afirmou que «nada fora feito nesse sentido, ao nível do Governo e do seu departamento».

Finalmente, falando sobre as possíveis repercussões na economia portuguesa de uma baixa drástica da cotação do outro, o ministro Salgado Zenha afirmou que a única solução para Portugal é a sua recuperação económica, a qual implica a sua recuperação financeira. Referiu, depois que têm-se verificado factores positivos pois os depósitos aumentaram substancialmente nos primeiros dias deste ano ao mesmo tempo que a produção melhorava e as remessas de emigrantes aumentavam. «Se continuar assim», prosseguiu o ministro, «com o ouro alto ou baixo a economia portuguesa ficará recuperada; se assim não for, com o ouro alto ou baixo, nós não nos salvaremos».

Hartman à partida

"Todo o apoio possível"

«Todo o apoio possível» foi a garantia dada ontem pelo assistente de Kissinger, Arthur Hartman, no termo de uma visita a Portugal de três dias e após ter mantido contactos com membros do Governo e autoridades político-militares.

Hatman, prestando declarações antes da partida do avião, afirmou: «As autoridades portuguesas sabem agora em que direcção querem caminhar, para construír um modelo democrático de Governo», explicando depois que o móbil principal da sua visita foi «obter informações acerca da situação económica e política em Portugal e saber quais são os pontos de vista dos dirigentes portugueses, para os transmitir ao meu Governo».

Arthur Hartman, que foi recebido em Lisboa por Costa Gomes, Pinheiro de Azevedo, Melo Antunes e Vítor Crespo, referiu-se também à situaçao em Angola, afirmando: «Não estou interessado em falar detalhadamente sobre a situação. Apenas posso dizer que estamos muito preocupados com a intervenção maciça da União Soviética através de uma força expedicionária de cerca de dez mil cubanos, o que nos preocupa, não só pelo que se passa em Angola, mas também pelo que significa em termo de actividade soviética em outras zonas do globo e pelos efeitos que pode ter nas nossas relações com a U. R. S. S.».

post scriptum

Quem ouviu a RTP no domingo

Quem, como eu, assistiu ao Telejornal das 20.30 h., de domingo pode ver a diferença de trato técnico ou de transmissão que flagrantemente existiu entre as reportagens em que ouvimos o dr. Sá Carneiro e Álvaro Cunhal.

Da parte dos responsáveis pelos serviços de noticiário não houve a preocupação de sugerir que se interrompesse a transmissão, ao verificar a anomalia técnica (oxalá eu não esteja a ser condescendente ao considerar que de facto houve avaria técnica). Não tiveram sequer o cuidado de dar uma simples satisfação no final do noticiário, pela anomalia verificada.

Deixaram prosseguir uma transmissão em más condições. Se a anomalia não foi intencional, mas derivou da necessidade de acelerar a passagem da imagem e do som por motivos de tempo, porque não dividiram o mal pelas duas transmissões ou, pelo menos, pelo resto do noticiário?

Considerando que o que se passou foi tornar uma reportagem que tinha o mesmo direito de ser transmitida decentemente, numa reportagem ridicularizada, resta-me apenas exigir da RTP que trabalhe em condições porque pago taxa, e trabalho.

Maria Margarida S. M. Costa Bento — Queluz

«O Retornado» visto por um retornado

Quer queira, quer não, sou para todos os efeitos, na fase política que atravessamos, um «retornado». E isto porque, há alguns anos, emigrei para Angola, de onde regressei em Maio do ano passado, de onde regressaram também até à independência daquele país algumas centenas de milhares de outros portugueses, cada um por seus motivos pessoais e todos (ou quase) por uma causa geral que foi «o processo de descolonização de Angola», o qual, hoje ainda, divide em duas partes a própria O.U.A., pelos consabidos motivos — imperialismo para um lado, socialismo para o outro.

É óbvio que nem todos os que regressaram após o «25 de Abril» (embora todos retornados) estavam lá pelo mesmo motivo — «o processo de colonização de Angola». Pelo que nem todos eram colonos ou colonialistas, embora todos fossem bafejados pelos privilégios indiscutíveis que possuiam, em relação ao africano, por via de uma legislação, dimanada de Lisboa na sua maior parte;

. — É óbvio também que, houve muitos que lutaram lá (tal como cá) pela abolição do regime ou, no mínimo (tal como é), se colocaram sempre ao lado dos mais desfavorecidos, contra os verdadeiros colonialistas;

. — É óbvio ainda que lá (como cá) a luta de classes existia, independentemente da situação especial de privilégios legais (e reais) da etnia branca, onde essa luta de classes era claramente palpável, dado o relativamente vasto proletariado existente desta etnia;

. — E evidente por isso que nem todos os que regressaram e vulgarmente englobados na mesma designação de «retornados», pertencem à mesma classe, e assim sendo, é absolutamente ridículo e descabido que, quando um grupo de reaccionários se manifesta, ainda que em nome dos «retornados», por motivos óbvios, se passe a classificação a todos, por tabela;

— Por minha parte, sempre estive ao lado do proletariado, a que pertenço e que nunca reneguei, donde vem este protesto:

. — contra uma publicação, dita jornal que dá pelo nome de «O Retornado» e que é em todos os aspectos uma ofensa grave a todo o proletariado que regressou das ex-colónias portuguesas (e não só...)

— contra a passividade das autoridades conpetentes em permitir essa publicação e em permitir determinadas manifestações-provocações que têm sido levadas a cabo por indivíduos perfeitamente identificados, encorpadas por pequenos grupos, que não podem ser confundidos com «os retornados» em geral;

— contra a ineficácia havida na consessão de auxílios e benefícios, onde alguns oportunistas têm conspurcado a situação de todos «os retornados»;

contra as exorbitâncias que têm sido gastas com tão pouco proveito em hotéis e outros remedios, quando deviam ser empregues na criação de postos de trabalho e noutras soluções do problema habitacional, não só dos retornados como de todos os portugueses;

. — contra aqueles que, referindo-se a atitudes pouco dignas de «alguns retornados», não têm o pejo de as tornar extensivas «aos retornados», em vez de apenas se referirem a «alguns» ou a «um grupo de»;

— contra a APRU-associação dos portugueses refugiados do ultramar, que não tem qualquer expressividade nem razão de ser, funcionando apenas como uma organização contra-revolucionária.

Mário Martins Pereira — Lisboa

Universidade do Trabalho

Em relação ao funcionamento da Cooperativa 1.° de Maio, lá para os lados de Avis, tenho a dizer que na minha opinião não se trata de uma cooperativa, mas sim de uma Universidade. Uma Universidade a que eu chamaria de «Universidade do Trabalho», onde as principais condições para nela se entrar são: não ser egoísta, nem odioso, desejar uma sociedade justa, deixar as ideias partidárias e as suas orientações à porta. Que pena que os doutores, pseudo-doutores e não só, quando trabalham não deixem as suas opções partidárias nos bengaleiros, e não tentem atingir pontos comuns que a todos poderão beneficiar. Basta só que passem pela «Universidade do Trabalho», que as aulas são gratuitas.

José Aguiar Filipe — Feijó

SAIGÃO NA REVOLUÇÃO

1. O REGRESSO À TERRA

HUGHES TERTRAIS

Os vietnamitas do Norte e do Sul vão eleger uma assembleia nacional a 25 de Abril. A reunificação do país erá sem dúvida proclamada logo em seguida. O comité encarregado de preparar as eleições é dirigido pelos presidentes das duas delegações à conferência de Novembro sobre reunificação: atruong Chinh por Hanoi, Pham Hung por Saigão. São ambos membros do Partido dos Trabalhadores (comunista).

Os problemas a resolver não faltam: o Norte acaba de ser vítima de uma vaga de frio que comprometeu uma boa parte da colheita do arroz; no Sul começa a revolução socialista.

SAIGÃO — Saigão acorda. Numa rua do10.° bairro, dez carros e vários camiões estão alinhados ao longo do passeio. Em redor, uma pequena multidão. Rostos graves, sorridentes ou preocupados; bagagens, trouxas confusas. Os grupos jovens do bairro improvisaram uma pequena festa, cantam ou apressam-se: uma partida para as novas «regiões económicas».

Desde o fim da guerra, uns quatro mil saigoneses — aproximadamente 10 por cento da população do aglomerado — tomaram a direcção dos campos, em pequenos comboios ou separadamente, mas sempre em família. Alguns mostram optimismo no início dessa viagem a caminho dos campos verdes ou baldios deixados pela guerra; um jugoslavo é um dos candidatos à partida, com a sua mulher vietnamita. A outros falta evidentemente entusiasmp: o êxido urbano faz menos parte dos costumes do que o êxodo rural, tão brutal no Vietname.

As principais regiões de acolhimento — um vasto semicírculo a Norte da capital — não têm nada de um paraíso. Jovens voluntários fazem também a viagem para ajudar nos primeiros trabalhos, e, muitas vezes, o exército popular preparou os abrigos. As autoridades que asseguram o transporte concedem em média 5000 metros quadrados a cada família, uma pequena casa e instrumentos agrícolas, arroz e dinheiro de algibeira para seis meses, e ainda assistência técnica e médica. Serão construídas escolas. Se foram cometidos alguns erros de coordenação ou de implantação — um editorial do *Giaiphong*, quotidiano do FNL denunciava-os em Novembro —, o sistema parece estar hoje rodado, apesar das hesitações ligadas ao carácter não autoritário da operação; as terras entregues em bom estado começam logo a dar coheitas.

Comités especializados organizam a todos os escalões essa operação de regresso à terra, muitas vezes evocado em conversas e que tem largo eco na Imprensa. Nas múltiplas reuniões que se realizam na cidade, os responsáveis explicam a necessidade de uma tal migração e recordam os objectivos das autoridades: 1.500.000 partidos de Saigão-Cholon para fim de 1976, isto é, umas 100.000 por mês numa população calculada em 4 milhões de almas.

A urbanização do Sul, desmesurada para um país subdesenvolvido — 40 por cento de citadinos na véspera da libertação —, é a herança mais pesada da guerra.

O antigo regime obrigava à concentração da população nas cidades, únicos locais que, na verdade, governava. Uma sociedade urbana de «serviços» — e de bairros-de-lata — substituía progressivamente uma sociedade rural de produtores. Saigão consumia aquilo que já não produzia, mergulhando cada vez mais na dependência da assistência americana. Como o fluxo de dólares foi interrompido, as cidades foram ficando sem recursos e com muitos desempregados. Vários milhões deles.

Os responsáveis têm de modificar as condições que deram azo a uma tal situação. É necessário criar empregos, aumentar a superfície cultivada e a produção, redistribuindo a primeira das forças produtivas: a população. Resta Saigão, durante tanto tempo mantida «por conta», a crescer demograficamente enquanto a sua economia estagnava. A sua população activa é essencialmente composta por uma pequena burguesia comerciante (sem falar dos traficantes de toda a espécie) e de empregados, que estavam muitas vezes ligados aos estrangeiros. Neste mundo citadino, os debates teóricos são um luxo. Para cada família, o problema essencial consiste em encontrar um emprego produtivo — viver, simplesmente.

E hoje de bom tom em Saigão reivindicar a ligação a uma «célula de produção», quando não se tem nenhuma categoria profissional bem definida. É certo que aqui e além, nos bairros, as famílias agrupam-se, por exemplo, numa *célula de costura*, encarando a hipótese de fazer bordados para exportação, montam uma fábrica de esteiras, criam galinhas. Produções sem dúvida modestas mas que servem de apoio e transformam progressivamente o antigo reflexo de sobrevivência — o pequeno comércio, o pequeno tráfego — uma mentalidade mais criadora. Entre outros, os militantes da Associação das Mulheres da Libertação, ajudam essa mutação, como o fazem, nos distritos, especialistas do comércio e do artezanato. A nova estrutura do poder, cujo *tôt* (unidade de base que reagrupa umas vinte famílias em que há três responsáveis) facilita essa evolução.

Por seu lado, as comunidades religiosas preocupam-se igualmente com os problemas económicos (a liberdade religiosa é total). É assim que os pagodes já não podem contar com os dadores laicos que sobretudo se recrutavam entre o estrangeiro. O arcebispo de Saigão, monsenhor Binh, não hesitou, por seu lado, em convidar em Novembro os seus clérigos para uma jornada de estudo sobre o tema do trabalho no sistema marxista: foi feita uma exposição por Nguyn Ho, presidente da Federação dos Sindicatos da cidade. As dificuldades são numerosas.

Foi assim que nas paróquias de gente do Norte vinda para o Sul em 1954, paróquias essas situadas a norte do aglomerado, a população, que por vezes vivia da guerra e dos múltiplos tráficos que se operavam entre a base militar e a capital, viu de repente desaparecer os seus proventos. Começa entao a pôr de pé pequenas cooperativas, as de apanhar papel, por exemplo.

Os problemas postos pela indústria são de importância diferente. Eles estão praticamente encaminhados mas não podem assegurar a independência do país. Trata-se essencialmente de pequenas empresas: têxteis, ferramentas modernas, sector alimentar. No entanto, a classe operária — duzentas e cinquenta mil pessoas na região de Saigão em 1975 — ocupa um lugar importante no Vietname actual, apesar do carácter camponês bastante pronunciado do avanço revolucionário: ela é uma das bases em que se edificará o futuro, isto é, a independência. Já as delegações operárias surgem à cabeça das manifestações populares. Fizeram-se campanhas de emulação cujos resultados são publicados nos jornais. Paralelamente surgem as secções sindicais.

Mas a organização socialista do trabalho continua a ser um simples projecto. O Governo revolucionário pediu às empresas privadas locais, e também às empresas estrangeiras que agissem. Encoraja a «burguesia nacional» a produzir. Os capitais serão, sem dúvida, orientados para o desenvolvimento. No «Encontro dos capitalistas nacionais», realizado em Agosto, indicou-se que os capitalistas eram, no fim do antigo regime, cento e oitenta e três mil. Os técnicos, por vezes brilhantes, não faltam. No sector da construção e dos trabalhos públicos, muitas empresas privadas já fizeram contratos com o Governo.

As empresas estrangeiras — essencialmente francesas — continuam a funcionar. As nacionalizações foram raras e foram sobretudo dirigidas aos bancos e às plantações. A CARIC — estaleiros navais e construções mecânicas — lançou em Novembro a sua primeira unidade desde a libertação, uma barcaça de 200 toneladas a que foi dado o nome de *Saigão Libertada.*

Seria exagerado dizer que essa política não sofre nenhum contratempo. No entanto, a condição melhorou incontestavelmente desde os dias que se seguiram à vitória revolucionária. À inexperiência de alguns quadros, recentemente saídos da floresta, juntava-se uma situação económica bastante catastrófica agravada pela paragem das importações de matérias-primas. Não há dúvida que os revolucionários tiveram muita dificuldade em dominar a herança do antigo regime e a reinseri-lo no espaço nacional.

O mercado interior reorganiza-se sem precipitação. Já se reorganizou no que diz respeito à gasolina, distribuída por uma companhia nacional de criação recente. A paragem das importações e a especulação muitas vezes organizada a partir dos bairros de Cholon, provocaram um aumento nos preços de certos produtos manufacturados, como as bicicletas. A estrutura do pequeno comércio não facilita a tarefa do poder — com a sua pletora de lojas e mercados. Também é preciso contar com todos os pequenos vendedores que, fora dos mercados ou à esquina das ruas, propõem cigarros, livros ou objectos de pacotilha. A «feira da ladra», velha instituição saigonesa, continua a vender tudo o que a cidade contém em objectos de luxo. As autoridades fecham os olhos a esse comércio, que, na hora da reorganização da economia, faz viver muitas famílias.

O Governo, que se ocupou dos circuitos de distribuição dos produtos de primeira necesscidade, o arroz, por exemplo, nem sempre controla perfeitamente esses preços. Ele organizou uma rede de lojas de Estado, que distribuem ao preço oficial o arroz, os cigarros, o açúcar, o leite para os doentes e para as crianças Mas essas lojas são em pequeno número e não têm «stocks» suficientes para a sua clientela potencial. Por isso a inflação ainda não foi dominada.

Como falar então de um mercado «interior» quando duas administrações, uma das quais é provisória, separam o país? *Enquanto a reunificação não se realizar o Vietname não será totalmente libertado. Numa tal situação, como não haver problemas?* E o intelectual saigonês que nos fala, acrescenta: *A reunificação será a última etapa da libertação, a liquidação de tudo o que nos foi* **imposto pelo estrangeiro.**

Em Saigão, separado ainda há nove meses do resto da nação por uma fronteira interior invisível, onde se interpenetravam a administração do general Thieu e a do G.R.P., o horizonte económico e cultural era muitas vezes o dos Estados Unidos ou da Europa ocidental. Hoje os citadinos redescobrem o espaço nacional. O mesmo acontece com os antigos resistentes, como os cidadãos do Norte, cujo horizonte era o da floresta, onde se abria para os países socialistas. As famílias reunificam-se, os bairros tornam-se lares de vida colectiva, mas Saigão continua numa fase de transição entre dois espaços políticos opostos.

© — *«Le Monde»*

Nacional

SILVIO GUARNIERI NA A.P.E.

Onde se fala de literatura, Mussolini e querela de esquerda

. «A Literatura Italiana no tempo do fascismo» foi o tema abordado ontem à noite, na Associação Portuguesa de Escritores, pelo prof. Sílvio Guarnieri, que se deslocou a Portugal a convite do Instituto Italiano de Cultura. Este tema viria a substituir «O salazarismo como condição humana», que se anunciara como dissertação pelo prof. António Tabucchi, igualmente no nosso país por decisão do I.I.C., sobre romances de dois escritores portugueses: «O Delfim» de José Cardoso Pires, e «A Paixão» de Almeida Faria.

O prof. Guarnieri, que foi um dos fundadores do célebre movimento «Solaria», de Florença, é um militante basista do P.C.I. desde 1944. Crítico e ensaista, alguns dos seus escritos, quer políticos, quer literários, alcançaram grande audiência no país de origem.

Com notável clareza Guarnieri recordou ontem, em menos de uma hora, o percurso do fascismo de Mussolini desde as suas causas remotas e próximas até ao momento da ascensão.

«Falo como uma testemunha que viveu todo aquele período da História italiana, como um homem que esteve presente nas vicissitudes da literatura italiana durante o poder fascista» — disse Sílvio Guarnieri na introdução.

Apontando como causas próximas do advento do fascismo os quatro anos anteriores (1918-1922) em que uma esquerda, ao princípio forte, se degladiou até à exaustão, acabando por se deixar liquidar ingloriamente, Guarnieri tocou um ponto que neste momento muito nos diz a nós, portugueses.

«Foram quatro anos de grande fervor revolucionário» — afirmou —, «em que sempre esteve viva a vontade de fazer a revolução que, no revoluto das palavras, acabou por não se realizar. É então» — acrescentou Silvio Guarnieri — «que os liberais decidem esmagar a esquerda, sem se aperceberem de que eles próprios seriam esmagados pelo fascismo.»

. Centenas de operários e intelectuais foram igualmente vítimas da sanha fascista. O êxito para o estrangeiro tornou-se denso e dramático.

«O fascismo» — explicaria Guarnieri — «apoiou-se sobretudo na pequena e média burguesia. A primeira, de extracção popular, buscava a conquista de novos privilégios, de novas «benesses». E procurava, com a sua ascensão, contrariar a supremacia da grande burguesia, ao mesmo tempo que impedia o acesso das massas proletárias. O fascismo soube jogar perfeitamente com essas contradições. É interessante notar que o primeiro programa fascista em Itália é um programa de esquerda.»

MUSSOLINI E A LITERATURA

Guarnieri recordou a certo passo da sua exposição, uma célebre frase de Mussolini: «O povo italiano, e sobretudo os intelectuais, devem ser conduzidos com o pau numa das mãos e a côdea na outra.» Referindo-se aos escritores, Guarnieri apontou o fundamento da frase de Mussolini: o pau era a repressão a tudo o que não fosse pró-fascista; a côdea eram os louros para os que alinhassem com o regime, porventura os proventos chorudos, a glória da entrada na Academia.

Em seguida dividiu os escritores italianos da época em três grandes grupos distintos. Do primeiro fazem parte os da geração de 1860-70, tais como D'Annunzio, Marinetti, Pirandello, Papini e outros; foram os promotores do fascismo, embora se não pudesse dizer que tivessem sido escritores fascistas no verdadeiro sentido da palavra. O segundo vem com a geração de 1880 e toma forma entre 1900 e 1915, «o período mais vivo, efervescente, período de esperança, de debates, de aspirações, de riqueza cultural,» no dizer do prof. Guarnieri. Esta geração viu o seu fim com o ascenso do fascismo: foi notória a sua queda na total impotência perante a tremenda realidade que se lhes abria diante. Em todo o caso, alguns dos seus autores chegaram a acreditar poder insuflar no fascismo um surto renovador. E por fim temos o terceiro grupo a que Guarnieri chamou de «resistência silenciosa».

«Estes escritores, não podendo exprimir-se politicamente, também nunca aceitaram o fascismo: repudiavam-no. Por isso eram considerados como italianos de segunda categoria» — ironizou o ensaísta.

Mas Guarnieri acrescentaria que, em certo momento, a literatura, a cultura, a linguagem se rebelaram contra o fascismo, recusando-se a aceitá-lo.

«Numa antologia dos últimos tempos de Mussolini» — afirmou — «não haveria, pode-se dizê-lo, uma página válida para a literatura Italiana.»

O Duce nos tempos áureos da Literatura em vias de domesticação

. Para a derradeira geração de escritores nascida em plena aura fascista não existe frustração, não existe a ideia de uma batalha perdida. O fascismo é um facto que não pesa nessa geração. Os seus escritores, relatou Guarnieri, viviam dentro do fascismo, mas com uma vontade que o ultrapassava. Recusam a monstruosa realidade, combatem-na. Seguir-se-ia o grupo dos criadores do neo-realismo italiano, surgido para subverter, por volta de 1930, aquela realidade e injectá-la de um cunho revolucionário. É a época de Vasco Pratolini, Elio Victorini e tantos outros. Nasce também então a poesia da Resistência.

E o prof. Guarnieri terminou:

. «O movimento neo-realista italiano renova completamente a nossa Literatura. Adere a uma nova visão da realidade e vai, com isso, criar uma nova Itália. E, de facto, em 1945 começa uma nova Itália.»

. Após a dissertação seguiu-se um interessante debate. Foi ainda sublinhado o facto de ser a primeira vez que a Associação Portuguesa de Escritores colaborava com o Instituto Italiano de Cultura.

BOA COLOCAÇÃO
COM BOM VENCIMENTO

Obterá se frequentar os Cursos que se iniciam no **próximo dia 2 de Fevereiro**, de :

- Desenhador da Construção Civil
- Programação de Computadores
- Medidor Orçamentista Const. Civil
- Secretária • Contabilidade
- Gestão e Administração de Empresas
- Marketing e Técnica de Vendas
- Relações Públicas
- Perfuração-Verificação (IBM) (individual)
- Decoração de Interiores

A ÚNICA EMPRESA QUE ASSEGURA ESTAGIO

Os nossos alunos beneficiam, em vários países de BOLSAS DE ESTUDO e reconhecimento oficial dos seus cursos.

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

Rua Nova do Almada, 81, 3.°—LISBOA—Tel. 32 55 77
No PORTO — Rua Passos Manuel, 44 — Tel. 25007

PUB S. R.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

INSTITUTO DE APOIO AO RETORNO DE NACIONAIS

AVISO

Para os devidos efeitos se comunica a todos os retornados das ex-colónias que a partir desta data só serão aceites pelo I. A. R. N. **fichas de inquérito com documentos comprovativos** (devolvíveis ou fotocópias dos mesmos) **da data de chegada a Portugal.** tais como bilhetes de passagem, guias de desembaraço, etc.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1976.

POIROT-DELPECH NA GULBENKIAN

"Que fizeram vocês (intelectuais) depois do 25 de Abril?"

Sala 2 da Fundação Gulbenkian-cenário ontem a partir das 11. O que havia para representar uma mesa-redonda sobre a questão: ser (o intelectual) mestre ou não mestre do pensamento, poder ou não poder ser. Actores — o crítico literário do «Monde», Bertrand Poirot-Delpech, «compère» alcatifado, Melo e Castro, a cofiar a barba de Tolstoi antes do segundo lustro, experimental «mutatis mutandis», Jorge Listopad, francês de lâmina e cachimbo apagado, Costa Ferreira, emocionado lugar-comum. Ah, e dois desconhecidos na assistência: um (uma) negando a existência do intelectual português, outro (um) manifestando alergia ao «avant-garde» (Melo e Castro acusou o toque) quando em 60... Quando em 60 havia poetas que não tinham acesso à crítica.

Mas todas as intervenções da mesa-redonda se reduziam ao equilíbrio instável: «Vejo muito bem como as conjunturas sociais e políticas podem influir em certas estruturas da obra, certos modos de considerar a intriga, etc. Mas por outro lado pergunto-me se os autores, que escreveram tal ou tal romance, estavam na verdade animados por preocupações políticas. Porque, se estavam animados por tais preocupações, podemos perguntar-nos por que foi que escreveram romances e não tratados de política ou qualquer coisa de análogo, obras de História, panfletos, etc» (um participante respondendo a uma intervenção de Henri Lefébvre durante um colóquio sobre sociologia de literatura, realizado no Instituto de Sociologia de Bruxelas).

ESCRITORES QUE NÃO PODEM ESCREVER

«Há escritores portugueses que não podem mais escrever. Os seus códigos foram ultrapassados» — disse Melo de Castro referindo-se a realidades de escrita e criação pós-25 de Abril. Para o poeta experimental o problema residia em que a ultrapassagem de um sistema supõe necessariamente a ultrapassagem de códigos.

O crítico literário do «Monde» insistia:

. «Geralmente os escritores mais avançados politicamente são os mais difíceis de compreender massas»

. Excepção concedida a Brecht, Bertrand P. — D. fazia questão em saber se os intelectuais portugueses tinham feito algo em matéria de textos colectivos, de criação a partir de recolha de material na cultura popular, se tinham pensado em escrever folhetins para a TV, se já tinham experimentado a dramatização das realidades concretas do País. O papel a desempenhar pela Televisão, cuja programação nunca é inocente (além do mais: toda a tecnologia é agressora, dis-se-se na mesa-redonda), continuava a ser ponto forte.

Costa Ferreira justificou a sua emoção. Até ao 25 de Abril imaginava os problemas do povo mas não os conhecia. Pecha, aliás, comum às várias e sucessivas elites intelectuais portuguesas — concluiria Melo e Castro.

O escritor já não poderá ser um mestre do pensar. Com o 25 de Abril abandonamos uma noção romântica de artista e herói, caiu o ser isolado e individualista.

A assistente insurgiu-se contra o que parecia um «tout petit» debate académico. E disse: os escritores não sabem transmitir as suas inquietações, não há intelectuais em Portugal, foi uma vez ao MUTI e falavam entre eles e não diziam senão «slogans».

A crítica que vigorou até 25 de Abril foi ensopada por um assistente. Era necessária «uma redistribuição de valores», irão surgir «novos mestres de pensar».

Bertrand P. — D. ouviu e concordou que a crítica nunca é inocente.

«Toda a crítica é ideológica e política» — sintetizou, para referenciar o sentimento de culpa, um estado de pecado da «intelligentsia» ocidental em relação aos sistemas.

Mas não escondeu que Balzac e Céline e Ionesco, enquanto escritores, pudessem ter sido revolucionários, embora fossem conhecidos pelas suas posições conservadoras e reaccionárias.

Hipóteses levantadas pelo crítico francês para o intelectual: descoberta de novos terrenos de comunicação a Televisão, de imediato.

«Como está a Televisão nô vosso País? — perguntou.

«O problema é controlo ideológico da Televisão» — responderam-lhe.

R.R.

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

ELEIÇÕES

REGULAMENTO ELEITORAL

De acordo com o Regulamento Eleitoral aprovado no plenário de dia 20 de Janeiro, vem a CDP informar a classe que :

1) As eleições se realizam no **dia 25 de Março de 1976.**
2) As listas concorrentes devem ser entregues na sede do Sindicato **até às 21.00 horas do dia 6 de Fevereiro de 1976.** (Rua das Gaivotas, 6).
3) Quer os candidatos, quer os eleitores deverão estar no pleno gozo dos seus direitos sindicais, **sindicalizados até 31 de Janeiro de 1976 e com a quota de Janeiro paga.**

Apela-se a todos os professores para que regularizem a sua situação sindical, do seguinte modo :

a) pagando as quotas ao seu delegado sindical, caso exista, para que este as possa entregar até **15 de Fevereiro.**
b) pagando directamente as suas quotas, quando não exista delegado sindical, dirigindo-se, para isso, à Rua do Conde Redondo, 22 - 1.º (Tesouraria).

Apela-se ainda **aos delegados sindicais para que entreguem até 15 de Fevereiro as quotizações acompanhadas dos mapas devidamente preenchidos.** (Deles dependem os cadernos eleitorais).

A COMISSÃO DIRECTIVA

25 de Novembro

Três libertações em Caxias e mais algumas à vista em Custóias

Segundo informação da Polícia Judiciária Militar, serão hoje libertados da prisão de Caxias o capitão da Força Aérea, Nuno Álvaro dos Santos Silva e o ex-alferes da Força Aérea João Manuel Batista Esteves. Ontem foi também posto em liberdade o major Manuel Alves Serra que, tal como aqueles dois militares, se encontrava detido em Caxias na sequência dos acontecimentos de 25 de Novembro. Relativamente a possíveis novas libertações de detidos na prisão de Custóias foi-nos dito pela P.J.M. «que estão em processamento».

Entretanto, foram ontem postos em liberdade de Custóias o aspirante José António Gomes, primeiro-sargento José Gonçalves Morais e furriéis Abel Borges Esteves Lopes e Ernesto Martins Ramos. No último sábado outros dois primeiros-sargentos haviam sido libertados: Ernesto Baptista Marreiros e Francisco Borges Godinho.

Tal como outros antifascistas libertados anteriormente, os militares indicados ficam aguardando julgamento em liberdade condicional, isto é, com residência fixa.

NOTIFICAÇÕES INDEFERIDAS EM CUSTÓIAS

Conforme o «D.L.» recentemente noticiou, foram objecto de indeferimento liminar os pedidos de notificação judicial avulsa apresentados pela comissão de advogados no Tribunal da Comarca do Porto, notificações essas que visavam os comandantes da região militar do Norte, do batalhão n.º 4 da G.N.R. da Casa de Reclusão e ainda o Governador Civil do Porto.

Segundo informações recolhidas junto dos advogados que se propõem defender, apesar de todas as dificuldades que têm sido levantadas ao exercício das suas funções legais, os militares e civis antifascistas detidos em Custóias, foi ontem interposto recurso daqueles despachos no Tribunal da Relação do Porto. Os despachos de indeferimento lavrados pelos juízes do 4.º e 5.º Juizo Cível ainda não foram notificados aos advogados o que motivou que estes também ontem tivessem apresentado um requerimento àqueles juízes para que, no cumprimento da lei, ordenassem essa notificação a fim de se poder dar andamento a outros requisitos processuais.

Entretanto, foi-nos possível tomar conhecimento do conteúdo dessas quatro notificações dirigidas às referidas autoridades e que assumem, na actual conjuntura, inteira, actualidade até pelas palavras do Presidente da República no acto da tomada de posse da «Comissão para Averiguação das violências cometidas sobre pessoas sujeitas a autoridades militares».

OBSTÁCULOS INACREDITÁVEIS

Diz-se no ponto 1 do texto: «Logo após o dito «golpe contra-revolucionário» de 25 de Novembro começaram a ser encarcerados em Custóias, no E.P.P., sucessivas levas de revolucionários militares e civis». Salienta-se em seguida, as vezes sem conta que as famílias e amigos dos presos, residentes na quase totalidade em Lisboa, ali se deslocaram para visitar os detidos, apenas tendo conseguido autorização para o fazer nas vésperas e dias de Natal e Ano Novo, depois de grande esforço colectivo dos seus advogados. Mesmo assim, o ponto número seis da ordem de serviço avulsa número cinco de 24 de Dezembro, publicada no E.P.P., proibia a visita dos familiares que fossem advogados ou magistrados.

Prossegue a notificação esclarecendo que, enquanto os advogados continuam impedidos de visitar os detidos, enquanto os protestos enviados pelos causídicos não tiveram ainda qualquer resposta das autoridades, os detidos são interrogados «neste singular vácuo criado à sua volta, pois não podiam receber oficialmente jornais, a não ser os desportivos, nem livros, nem revistas, nem correspondência sem censura prévia, como censurada é a que expedem oficialmente para o exterior. Ao mesmo tempo, isolados em celas com cerca de escassos 4 metros quadrados de superfície útil, nelas imperará o frio, a humidade e um balde vergonhoso para recolha dos dejectos, no velho estilo penitenciário do século passado. Para mais, encarcerados sem recreio ou qualquer período diário de exercício físico ao ar livre, é intuitivo que não têm igualmente quaisquer condições que lhes permitam dedicar-se com um mínimo de seriedade a trabalhos de ordem intelectual. E tudo isto, já no próprio tempo do fascismo, a lei havia reconhecido, embora demagogicamente, tantas vezes.

Enquanto isto, na mesma cadeia, o Estado-Maior da ex-P.I.D.E./D.G.S. do norte do País que lá estará bem acolitado, desfruta de visitas em comum, recreio, jornais, rádio, talvez mesmo televisão, talvez mesmo karaté e possibilidades de movimentação interna para a c i n t o s a s p r o v o c a ções, etc. E enquanto isto fogem os Tenreiros, os Kaúlzas impõem condições, soltam-se sem julgamento pides, informadores, sabotadores económicos, elpistas, quiçá pior ainda, a pretexto dos direitos humanos que eles sempre violaram, como todo o povo português muito bem sabe. Hoje mesmo acaba de sair o Arnaldo Schultz, ministro do Interior fascista, que se celebrizou no comando da P.I.D.E.»

JUSTIÇA: ALEGORIA DE MAU GOSTO?

Prosseguindo o relato dos fenómenos significativos do perigo que corre a jovem democracia portuguesa, os advogados progressistas referem o apelo dos revolucionários presos para que os seus representantes legais providenciem no sentido de ser instaurado um processo por difamação e abuso de autoridade ao governador civil do Porto «devido ao infelicíssimo, a todos os títulos, comunicado quanto aos trágicos acontecimentos de 1 de Janeiro, em Custóias». Chamam a atenção para o facto de as C. A. A. R. P. verem destruídos quase todos os preciosos elementos dos seus arquivos com o criminoso atentado terrorista à cooperativa «Árvore», a cooperativa cultural mais antiga do Porto. «Neste condicionalismo geral» — continuam — «soube-se agora que já não existirá no Porto (?) um único elemento da Comissão Nacional de Inquérito da P. J. M. — todos terão regressado a Lisboa».

«Vão entretanto decorridos mais de 45 dias sobre os acontecimentos de 25 de Novembro, com preterição manifesta clamorosa até, dos preceitos tão explícitos como os artigos 461, parágrafo único do *C. J. Militar*, 311 e parágrafos do Cod. Processo Penal, 24, 25, 26 e 28 do Dec.-Lei 26643, 291, 292, 293 e 295, do Cod. Penal, etc. Existem, por último, as regras indeclináveis sobre o exercício do mandato e a necessidade de com prontidão o executar quer para a defesa dos direitos humanos e das liberdades democráticas postergadas quanto aos revolucionários que as restituíram ao Povo português, quer para lhes prestar contas quanto ao modo como este tem vindo a ser executado, com ou sem representação sua.

Ora, como justamente assinalaram, escassos dias antes do criminoso atentado, na conferência de Imprensa realizada na cooperativa «Árvore», face às prisões e à tragédia de Custóias os elementos do Comité Russell para Portugal, a realização de inquéritos sem a nossa participação — nossa, ou seja, de todos nós, massas populares incluídas — poderá tornar a palavra justiça alegoria de mau gosto».

LIBERTAÇÃO IMEDIATA

Depois destas fundamentações, os advogados referem os pedidos formulados nas notificações judiciais avulsas a fazer ao brigadeiro Pires Veloso, comandante da R. M. N., ao coronel Sampaio Rodrigues, comandante da Casa de Reclusão e ao major Gomes de Araújo, comandante do batalhão da G. N. R., que se dividem nas quatro alíneas seguintes:

. «A) Os requerentes reclamam providências imediatas para que os detidos revolucionários, militares e civis, de Custóias, sejam imediatamente libertados ou, pelo menos, passem de imediato ao regime de detenção normal deixando de estar isolados, podendo receber os seus advogados, usufruindo de recreio, visitas normais, etc., sem prejuízo dos resultados de um verdadeiro inquérito.

B) De no dia 15 do corrente, ou mesmo antes se possível, os requerentes deslocar-se-ão ao E. P. P. de Custóias com um ajudante de notário, a fim de ali serem autorgadas pelos detidos que ainda não o puderam fazer, as respectivas procurações forenses.

C) De que os requerentes, pelo menos já no dia referido na alínea anterior, desejam conferenciar com os seus constituintes, não só sobre a situação pessoal destes, mas também para a recolha dos elementos necessários para organizarem um eventual *processo a que alude esta notificação.*

D) De que os requerentes — alguns deles presentes em Custóias e quando dos acontecimentos do dia 1 de Janeiro do corrente ano desejam participar e carrear provas para o inquérito que, acerca de tais eventos, estará a ter lugar e que foi ordenado pelo Quartel General desta região militar e pelo comando da G. N. R.»

APELO A CAL BRANDÃO

Por seu turno a notificação judicial ao dr. Cal Brandão, governador civil do Porto contém as três alíneas seguintes: «A) De que deve usar de toda a sua influência para que sejam imediatamente libertados os militares e civis revolucionários detidos em Custóias, ou, pelo menos, que cesse imediatamente a ilegal situação em que eles se encontram. B) Que, na hipótese de a detenção continuar, deverá ser extensiva a conseguir uma ampla permissão para os detidos conferenciarem com os seus advogados, não só com vista à análise da situação pessoal daqueles, mas também para a recolha de elementos em ordem a uma eventual instauração do processo a que alude este requerimento. C) De que os requerentes desejam ser informados da entidade ou entidades que estão a levar a cabo o inquérito civil àcerca dos acontecimentos ocorridos em Custóias, em 1/1/76 e de que pretendem participar, em condições de seriedade, carreando para o mesmo provas, pois de outro modo terão de lhe recusar o seu aval, e quiçá o mesmo necessariamente se verifique por parte do povo português.»

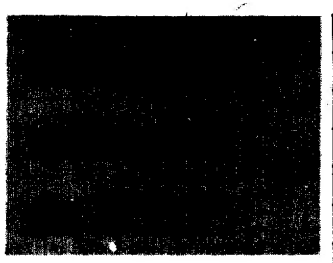
NEM TELEFONE...

Entretanto, segundo informações recolhidas junto da comissão de advogados que se propõe defender os antifascistas detidos em Custóias foi já em tempo apresentado um requerimento ao comandante da casa de reclusão da R. M. N., o que teve lugar na própria manhã do dia, em que foi recusado o exercício de funções pelo ajudante de notário que se deslocou a Custóias para a passagem de procurações. Apesar disso, os obstáculos não foram removidos e mantém-se a situação porque o comandante da Casa de Reclusão afirma não ter competência para tal, despachando este pedido para a *P. J. Militar* que se encontra em Lisboa e alegando não lhe terem sido dadas instruções para o efeito. Os advogados estranham a continuação desta recusa e desta fundamentação dado que, segundo nos disseram, têm conhecimento de que mesmo telefonicamente teriam já vindo ordens para libertar alguns dos detidos que já deixaram Custóias. Estranham o facto ainda por não haver também um telefone para autorizar o exercício legal de contacto dos advogados com os detidos.

Mourão-Ferreira tomou posse

. O presidente da República conferiu hoje posse ao dr. David Mourão-Ferreira no cargo de secretário de Estado da Cultura. A cerimónia teve lugar no Palácio de Belém, cerca do meio-dia.

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se naTABACARIA LUSA Rua Joaquim Sabino Faria, 16



. Foram postos em liberdade, por ordem do juíz de instrução, os militantes da U.D.P. que se encontravam presos desde 9 de Outubro, acusados de participarem nos acontecimentos de que resultou a morte de Alexandrino de Sousa, do M.R.P.P.

Os militantes da U.D.P. estão actualmente a aguardar julgamento em liberdade provisória, depois de terem pago uma fiança.

Um comunicado da U.D.P. a propósito dessa libertação relembra que os seus militantes foram, sem sequer ter sido ouvidos, acusados pelo VI Governo de serem os responsáveis dos incidentes, «tal como agora se faz com os militares progressistas».

Detidos em Moçambique regressam a Lisboa

. Regressaram a Lisboa os sete portugueses que se encontravam detidos em Moçambique desde a data anterior à independência da ex-colónia. Trata-se de Fernando Júlio Filipe, Alberto das Neves Raimundo, Luís Manuel Fernandes Carraço, Rui Fernandes Leal, Rui Oscar Ribeiro Outeiro Pereira, Francisco Carlos e António Oscar Martinho Duarte Gandra.

Com o regresso destes sete ex-detidos todos os portugueses presos em Moçambique antes da independência se encontram já em liberdade.

Comando da G.N.R.

. Vai ser nomeado segundo comandante da Guarda Nacional Republicana o coronel Seara Bento, que actualmente exerce funções de chefe da repartição de Justiça e Disciplina do Ministério do Exército.

Em virtude dessa promoção será homenageado com um almoço no próximo sábado, na quinta de São Vicente, em Lisboa, pelos seus companheiros de trabalho (civis e militares).

«CANRAVATI — IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LIMITADA»

Certifico, para efeitos de publicação que por escritura de 19 de Janeiro do corrente ano, lavrada de folhas 45 a 48 do livro de notas B-689 deste 14.º Cartório Notarial de Lisboa a cargo do notário Lic. Domingos Rodrigues Gomes, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos e sob as cláusulas e condições exaradas nos artigos seguintes:

PRIMEIRO: A sociedade adopta para todos os seus actos e contratos a denominação de «Canravati - Importação e Exportação, Limitada», tem a sua sede e estabelecimento em Lisboa, na Rua Cidade de Cabinda, número vinte e oito, quinto andar, esquerdo, freguesia de Olivais, conta o seu início desde hoje e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO: O objecto da sociedade é o exercício do comércio de importação e exportação de quaisquer mercadorias ou géneros, podendo ainda exercer qualquer outra actividade comercial ou industrial para que não seja precisa autorização especial.

TERCEIRO: O capital social é de duzentos mil escudos, está todo realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes:

Natvarlal Kaujee Dayalal cento e noventa mil escudos;

Bhagyavati Amratlal dez mil escudos;

QUARTO: A cessão de quotas é livremente permitida.

QUINTO: Os sócios obrigam-se a entrar com prestações suplementares de capital até importâncias iguais ou superiores ao montante das suas respectivas quotas, quando os mesmos o entenderem, mas sempre proporcionalmente às quotas que cada um possuir, e se o desenvolvimento dos negócios sociais assim o exigir, dentro do prazo de sessenta dias, a contar da data da respectiva deliberação, a constar de acta.

SEXTO: — Os sócios poderão também fazer suprimentos à sociedade, nos termos que forem convencionados em acta.

SÉTIMO: A administração e a gerência de todos os negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele activa e passivamente, serão exercidas por ambos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução;

§ 1.º — Para a sociedade se considerar validamente obrigada, mesmo em assuntos de responsabilidade, basta que em seu nome assine qualquer dos gerentes;

§ 2.º — Os gerentes poderão delegar os seu poderes e a sociedade poderá constituir mandatários, mediante as respectivas procurações;

§ 3.º — Aos gerentes é expressamente proibido usar a denominação social em actos e contratos que não digam respeito aos negócios da mesma, tais como abonações, fianças, letras de favor e outros semelhantes.

OITAVO: — As assembleias gerais quando devam reunir e a lei não prescreva outras formalidades serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, indicando nelas sempre o assunto a deliberar.

NONO: — Em trinta e um de Dezembro de cada ano, será dado um balanço geral de todos os negócios da sociedade, que deverá estar concluído e aprovado nos noventa dias subsequentes, e os lucros líquidos nele apurados, depois de deduzidos cinco por cento, pelo menos, para o fundo de reserva legal, ou os prejuízos, serão divididos ou suportados pelos sócios na proporção das suas respectivas quotas.

DÉCIMO: Ocorrendo o falecimento de qualquer sócio a sociedade continuará com os sobrevivos e os herdeiros e representantes do falecido, que nomearão um de entre si que a todos represente na sociedade, sem o que não terão nela qualquer ingerência.

DÉCIMO PRIMEIRO: A sociedade dissolve-se nos casos legais, e em qualquer caso de dissolução serão liquidatários os sócios, que procederão à liquidação e partilha, conforme acordarem e for de direito.

Está conforme o original nada havendo na sua parte omitida em contrário ou além do que neste extracto se narra e transcreve.

Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial aos vinte e um de Janeiro de mil novecentos setenta e seis.

O 1.º Ajudante,
João Varão Botelho

S. R.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

INSTITUTO DE APOIO AO RETORNO DE NACIONAIS

AVISO

Pede-se a todas as empresas e organismos públicos que informem com a possível urgência a Comissão de Análise do IARN (Rua de S. Ciro, n.º 79-A — Lisboa) o nome de todos os retornados nacionais (com excepção dos funcionários adidos) que foram admitidos nos respectivos quadros, indicando-se a data das suas admissões (e/ou eventual despedimento) e o montante dos vencimentos mensais que auferem.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1976.

Nacional

PROBLEMA HABITACIONAL E OCUPAÇÕES

Quando a vida e a miséria se confundem

Reportagem de Manuel Anta

. «Bem-vindos sejam a este local de miséria...» — foi o que nos disse um grupo de moradores do lote 49 da Rua dr. José Espírito Santo, situada na zona I de Chelas, nos Olivais Sul, quando chegou a nossa equipa de reportagem. As palavras com que nos receberam correspondiam efectivamente à realidade, pois o «espectáculo» que se nos deparou era digno do «Inferno» de Dante. A miséria constituía a nota dominante nesse edifício inacabado e ocupado por 70 famílias que ali vivem numa situação verdadeiramente dramática e aflitiva. O que se segue tentará demonstrar a verdade e o significado das nossas afirmações.

As condições precárias do edifício afectam em especial as crianças. Já se registaram múltiplos casos de broncopneumonia

A casa (inacabada) pertence aos SSFA, que não são ouvidos nem achados neste problema

Tudo começou à cerca de dez meses (12 de Abril de 1975) quando algumas famílias sem alojamento, ou vivendo em «bairros de lata», ocuparam um edifício ainda em construção que pertencia aos Serviços Sociais das Forças Armadas. Esta ocupação foi realizada dois dias antes da saída do Decreto-Lei n.º 198-A/75, de 14 de Abril, o qual previa no seu artigo 1.º que «as ocupações de fogos devolutos levadas a efeito para fins habitacionais, antes da entrada em vigor deste diploma, em prédios pertencentes a entidades públicas ou privadas, serão imediatamente legalizadas através da celebração de contratos de arrendamento».

É de assinalar que, apesar deste decreto e das inúmeras «démarches» efectuadas pelas famílias, a ocupação ainda não se encontra legalizada — nem em vias de o ser! — em virtude de os Serviços Sociais das FA considerarem a ocupação como «ilegal», continuando cerca de 280 pessoas a viver num edifício — do qual se arriscam a ver-se expulsas de um momento para o outro — em que portas, janelas, água e electricidade são coisas inexistentes. As consequências do evoluir desta situação concretizam-se não só por uma espera angustiante do «dia de amanhã» mas também por uma ausência total de conforto e, sobretudo, a partir do período invernal, por uma séria endémica de broncopneumonias, das quais as crianças foram e são o principal alvo.

É evidente que não se pode culpabilizar os Serviços Sociais das FA por uma situação criada sobretudo a partir de um prédio cuja construção não se encontra totalmente realizada. O problema fundamental dos ocupantes reside em saber se, sim ou não, o edifício em questão continuará a ser posteriormente a sua morada.

«Como é que eu vou mobilar esta casa e empatar dinheiro, se corro o risco de hoje para amanhã ser posto na rua?...» — interroga-nos um dos ocupantes. «Por outro lado» — prossegue o nosso interlocutor — «a maior parte de nós vive com salários de miséria que não excedem os cinco contos. Outros ganham sete contos, mas creio que toda a gente admite ser impossível pagar, com salários como os nossos, uma renda de casa ao preço em que elas estão, quando se tem uma família de quatro ou cinco pessoas, no mínimo, a alimentar».

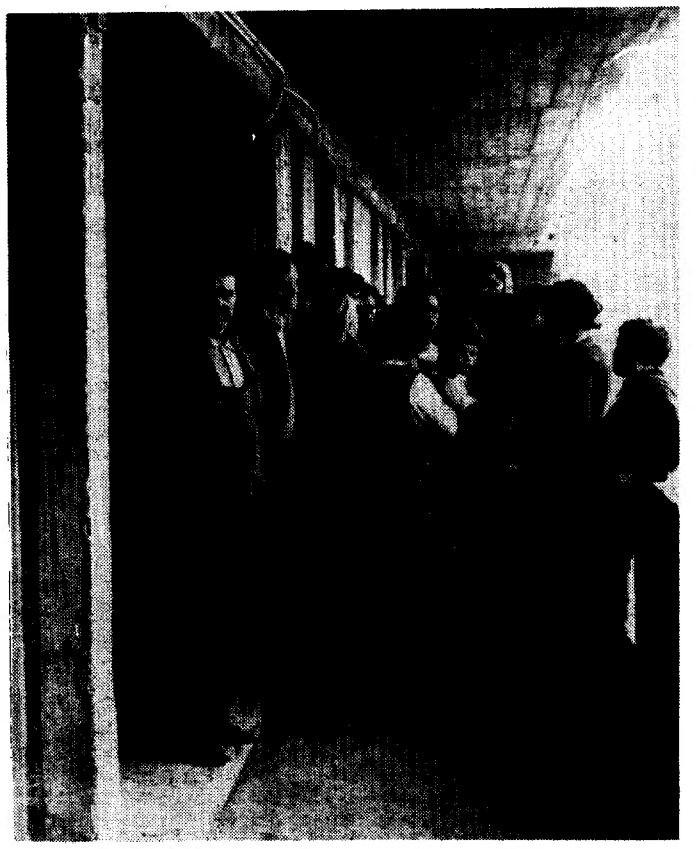
Uma senhora grávida de oito meses afirma-nos:

. «O impasse em que os ocupantes se encontram de há dez meses para cá é bastante desmoralizador, mas posso-lhe afirmar que não abdicaremos do nosso direito de termos um tecto para acolher os nossos filhos.»

FALA A COMISSÃO DE MORADORES

Interrogada sobre as tentativas efectuadas para a resolução do problema, a comissão de moradores local informou-nos ter efectuado as diligências necessárias junto das autoridades competentes desde o início da ocupação.

«Logo nesse dia começámos a informar entidades como a PSP, Ralis, Copcon, etc. A partir daí, e até hoje, são constantes as tentativas para resolver a situação. Dizem-nos que este prédio pertence às Forças Armadas, o que impede a legalização da nossa ocupação... Achamos estranha esta atitude vinda da parte de pessoas que falam tanto neste País na união Forças Armadas-Povo. Esta situação» — prosseguem os membros da comissão de moradores — «tem-nos acarretado muitas despesas, muita saúde e muitas horas perdidas em busca de uma solução que permita resolver definitivamente o problema em que nos debatemos. Estamos dispostos, no caso de obtermos uma resposta positiva, a trabalhar ao lado dos trabalhadores que neste momento abordam a fase final da construção do edifício, o que permitiria terminar a obra num espaço de tempo mais curto».



Moradores rodeiam o repórter do «DL» e dizem: «Não abdicaremos do nosso direito de termos um tecto para os filhos»

Entretanto as broncopneumonias transformam-se «em pão nosso de cada dia» e crianças e adultos enfrentam quotidianamente o frio, que nem os plásticos, transformados em janelas, nem os cobertores, transformados em portas, conseguem deter. Várias crianças, devido a esta situação, encontram-se hospitalizadas com doenças pulmonares. Assistir ao espectáculo de crianças febris em razão de condições habitacionais é algo de inadmissível, sobretudo numa sociedade que diz pretender caminhar para o socialismo. A agravar a situação existem ainda as viagens incessantes (escada acima, escada abaixo) e as verdadeiras «bichas» ocasionadas pela falta de água, a qual lhes é fornecida por uma só e única torneira que serve igualmente para os trabalhadores da obra prepararem o cimento...

É óbvio que situações como esta são consequência lógica de uma política que esqueceu quase por completo o problema habitacional que aflige o País e sobretudo as massas laboriosas. Deve-se, hoje em dia, considerar a habitação como um luxo ou como um direito inerente a todo o ser humano? Fizeram-se nacionalizações no nosso país, mas ninguém pensou nacionalizar sectores de base tão importantes como os da habitação, da saúde, e do ensino. Falar da «ilegalidade» (?) das ocupações sem resolver primeiro, com medidas concretas e adequadas, o problema habitacional daqueles que se encontram desprovidos de um tecto para viver, parece-nos ser francamente um modo errado para a resolução de problemas reais e aparentemente fundados.

Crianças inadaptadas têm cooperativa em Santa Isabel

A Comissão de Moradores da freguesia de Santa Isabel encontra-se em funcionamento desde Dezembro de 1974 através de vários sectores: Habitação, Educação e Cultura, Saúde e Assistência, Fundos e Propaganda.

Neste momento, o desenvolvimento de uma cooperativa para crianças inadaptadas, já legalizada em Outubro passado, leva os elementos do secretariado da comissão a desenvolverem uma acção de angariação de associados e recolha de fundos que mobiliza a atenção de todos.

A ideia da criação desta cooperativa tinha sido lançada ainda antes do 25 de Abril mas só agora está em vias de efectivação, no velho edifício ocupado pela comissão na Rua de S. Bernardo 33. O prédio foi posteriormente requisitado pela Câmara Municipal para sede desta associação de moradores.

A cooperativa deverá entrar em funcionamento no início do próximo mês prestando assistência a vinte crianças deficientes cuja idade oscila entre os quatro e 14 anos. Este número poderá vir a ser aumentado para meia centena quando a estrutura estiver mais desenvolvida e for possível recorrer a pessoal especializado. Neste momento há apenas três professoras dispensados pelo MEIC.

Dada a inexistência de uma assistência em condições para crianças inadaptadas, a Comissão de Moradores de Santa Isabel tenta resolver o problema através desta cooperativa que, dando prioridade aos seus moradores, está contudo aberta a outras zonas limítrofes nomeadamente o Casal Ventoso.

As crianças que terão assistência na cooperativa provêm de meios sociais extremamente pobres que levaram as famílias de algumas a acorrentarem-nas porque não tinham ninguém que olhasse por elas durante as horas de trabalho. Em vez de seres que progressivamente vêem atrasadas as suas possibilidades, já alteradas por várias circunstâncias, a cooperativa procurará dar-lhes uma profissão que venha a tornar estas crianças úteis à sociedade.

OCUPAÇÕES SUSPENSAS

A actividade desenvolvida por esta comissão de moradores revelou a existência de uma taxa de analfabetismo da ordem dos 36 por cento para cerca de 14 mil habitantes. Nos 800 prédios pelos quais se encontra distribuída a população, foram detectados 200 fogos sem instalações sanitárias. Em muitos casos, não há água canalizada em casa, sobretudo nos pátios, o que obriga os moradores a servirem-se do chafariz público. De momento as ocupações encontram-se suspensas.

A comissão constituída por 250 elementos, levou a cabo meia centena de ocupações tendo sempre em linha de conta a existência de casas que não eram habitadas há muitos anos e sobre as quais se confirmou a inutilidade relativamente ao senhorio. Os elementos do secretariado, constituído por dois elementos dos vários sectores da comissão, foram unânimes em afirmar que os contratos de arrendamento devem ser feitos directamente entre a Junta de Freguesia e os candidatos a inquilinos de modo a evitar as fraudes dos senhorios.

Ao nível da educação, estabeleceram-se já contactos com a Escola João de Deus de modo a concretizar uma acção de interajuda com a comissão de moradores. Está em vias de desenvolvimento a assistência pré-primária na escola oficial. Ainda no que se refere à acção junto dos jovens, o sector da saúde luta contra o problema da droga que tem vindo a intensificar-se nos últimos tempos. No domínio da saúde, a comissão pensa que a reestruturação do Centro Sofia Abecassis pode estender a assistência médica a um maior número de moradores. Também o problema da terceira idade tem merecido as atenções da comissão dado que na freguesia o número de velhos é extremamente elevado.

Águas, esgotos e lixo

. A Universidade Nova de Lisboa propõe-se realizar um curso de operadores de estações de tratamento urbanos de águas, esgotos e lixos, incluindo estações de tratamento de águas residuais, semelhantes às urbanas.

O perfil dos alunos a admitir a esse curso deverá obedecer a uma de duas hipóteses possíveis: — operadores de estação de tratamento com menos dois anos de prática profissional; — indivíduos com o 2.º ciclo dos liceus ou equivalente.

Será dada prioridade aos primeiros, ocupando os segundos eventualmente existentes após a admissão dos primeiros e dentro do número máximo de alunos a admitir, o qual, no primeiro curso (que terá início no dia 29 de Março e terminará a 18 de Junho) será limitado a vinte. As inscrições deverão ser feitas durante o mês de Fevereiro nos Serviços Académicos da Universidade Nova de Lisboa, na Av. da República, 65-1.º, das 9 e 30 às 11 horas e das 14 e 30 às 16 e 30.

Nacional

Angola

Progressão das F.A.P.L.A. no Sul força defesas sul-africanas

. Embora não haja notícias confirmadas quanto à situação militar na frente sul-leste, parece manter-se a progressão das F.A.P.L.A. rumo a Huambo e Silva Porto. A situação, no entanto, é extremamente confusa, sobretudo em Huambo, de onde surgem indícios de novos confrontos armados entre a U.N.I.T.A. e a F.N.L.A. Outras informações indicam que as FAPLA se encontrariam já nos subúrbios da cidade e que o tiroteio que ali se regista seria consequência da próxima libertação da cidade. De qualquer modo, confirma-se que a U.N.I.T.A. transferiu o seu Quartel-General para Silva Porto, o que não deixa lugar a dúvidas quanto ao futuro de Huambo, autoproclamada por Jonas Savimbi como «sua capital».

A artilharia das F.A.P.L.A. destruiu, entre outros, este blindado sul-africano («Panhard» francês fabricado sob licença).

Outras notícias da frente militar anunciam que os MIG-21 da Força Aérea Popular de Angola (F.A.P.A.), depois da sua «estreia» no início desta semana em Novo Redondo, estão presentemente em acção próximo de Teixeira de Sousa, no extremo da nova linha defensiva estabelecida pelos sul-africanos a partir de Benguela, passando por Huambo e Silva Porto. Alguns observadores são, no entanto, da opinião que os principais efectivos sul-africanos foram já retirados mais para sul, provavelmente para o eixo Moçâmedes, Sá da Bandeira, Silva Porto, onde Pretória estaria a montar a sua derradeira linha defensiva, depois das grandes derrotas sofridas na frente do Queve.

São, entretanto, consideradas como totalmente fantasiosas, carecendo em absoluto de fundamento, as notícias postas a circular em certos círculos sobre uma eventual viragem da política dos Estados Unidos, a qual favoreceria agora o M.P.L.A.

Em Luanda tais notícias são consideradas como mais uma manobra do imperialismo, sobretudo quando pretendem fazer crer que um possível envio de 10 mil soldados nigerianos para combaterem ao lado do M.P.L.A. teria o acordo de Washington. Na verdade, não só este tipo de auxílio ao M.P.L.A. não foi ainda decidido em definitivo como, no caso de se concretizar, contará com a inevitável oposição de Washington, cujas relações com Lagos atingiram grande tensão em vésperas da última «Cimeira» da O.U.A.

DEBATE NO CONSELHO DE SEGURANÇA

NAÇÕES UNIDAS, 28 — (R.) — No Conselho de Segurança registou-se, ontem à noite, um debate em grande escala sobre o conflito angolano, após a África do Sul aparecer, pela primeira vez, na O.N.U., desde que foi suspensa da Assembleia Geral, em Novembro de 1974.

Numa mudança política inesperada, o embaixador Roelof Botha pediu autorização para falar no Conselho quando se iniciou o debate sobre o problema de Namíbia.

«O meu Governo acolheria com agrado uma investigação no local e prestaria ao Conselho, da melhor vontade, toda a cooperação; disse Botha.

O discurso de Botha provocou uma reacção indignada do representante soviético Mikhail Kharlamov, que afirmou que «nunca se registara uma declaração mais falsa... na história do Conselho».

Acusou o delegado sul-africano de tentar desviar as atenções da questão de Namíbia, cujo povo fora «transformado em escravo em pleno meio do século XX».

«A U.R.S.S. não tem quaisquer interesses em Angola, além de ajudar o povo desse país a escolher livremente o seu próprio futuro», acrescentou Kharlamov.

O embaixador Salim A. Salim, da Tanzânia, este mês presidente do Conselho, atacou também as observações de Botha dizendo que, desde que existisse «apartheid» racial na África do Sul, era «absolutamente ridículo que os representantes do regime de Vorster» fossem ao Conselho intervir em nome de interesses africanos.

«A caridade começa em casa», comentou Salim.

CUBA ACUSA A CHINA

HAVANA, 28 — (R.) — Cuba acusou ontem a China de apoiar grupos «secessionistas» angolanos contra o Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.).

«O imperialismo, o maoísmo e o regime racista sul-africano são coniventes numa repugnante união contra a República Popular de Angola», dizia o jornal do Partido Comunista, «Granma», num editorial de primeira página.

«O Granma» recordava que os Partidos Comunistas latino-americanos, numa declaração emitida no ano passado, haviam condenado a política externa da China por «namorar» o imperialismo americano, promovendo uma política de guerra fria contra a União Soviética e apoiando o Governo militar do Chile.

PRETÓRIA PEDE CESSAR-FOGO

CIDADE DO CABO, 28 — (R.) — O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, dr. Hilgard Muller, pediu um cessar-fogo em Angola.

Falando no Parlamento o dr. Muller disse que o mundo não-comunista devia compreender que o que está a acontecer em Angola não é apenas mais uma pequena guerra civil longínqua.

A África do Sul parece ter agora embarcado numa política total de tentar obter o reconhecimento, pelo Ocidente, da interferência soviética na África.

REPRESENTANTES VOTAM CONTRA FORD

WASHINGTON, 28 — (R./F.P./U.P.I./ANOP) — A Câmara dos Representantes aprovou, por 322 votos contra 100, a suspensão de novo auxílio militar americano às facções anti-M.P.L.A. em Angola, não obstante um apelo de última hora feito pelo presidente Ford.

O escrutínio da Câmara completou a acção congressional sobre a medida, que agora tem de ser apresentada ao presidente Ford. Embora fosse de prever, o fracasso que esta votação representa para Ford e Henry Kissinger surge tanto mais nítido quanto é certo que os membros republicanos da Câmara dos Representantes se dividiram em duas facções quase iguais: em 139, 72 apoiaram a proibição, ao passo que apenas 69 se lhe opuseram e três não tomaram parte na votação.

Antes das votações do Senado e da Câmara, o Governo gastara já cerca de 33 milhões de dólares em auxílio à F.N.L.A. e à U.N.I.T.A.

Soares sobre o conflito

Oposição à política do C.R.?

. Apesar das últimas indicações segundo as quais o Conselho da Revolução poderá, ainda esta semana, pronunciar-se a favor do reconhecimento da República Popular de Angola, o líder do Partido Socialista Português, dr. Mário Soares, em novas declarações proferidas em Washington, continua a defender a tese das negociações internacionais sobre o problema e de uma política portuguesa de «estrita neutralidade» face à sua antiga colónia. As posições publicamente expressas pelo dr. Mário Soares levantam sérias interrogações quanto à possibilidade do seu partido se opor a uma eventual viragem do C. R. favorável ao M.P.L.A., cujas recentes vitórias militares conduziram já a um virtual aniquilamento da F. N. L. A. no terreno de batalha e apontam para igual sorte no que respeita à U. N. I. T. A.

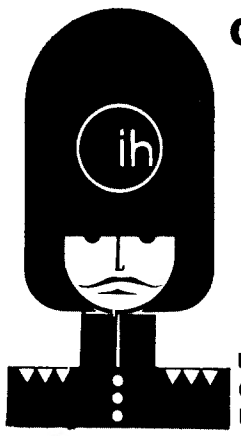
«A situação em Angola não pode ser solucionada através de uma vitória militar, mas através de negociações», disse o dr. Mário Soares que nos últimos dias tem efectuado contactos com altas entidades americanas defensoras de idêntica posição. E acrescentou ainda: «Uma vez que os três lados têm apoio, penso que as negociações deviam ser de natureza internacional. Todos têm um interesse vital em que Angola não se transforme num novo Vietname».

O problema das negociações, que passaria inevitavelmente por um prévio cessar fogo e um acordo (impossível segundo o M. P. L. A.) entre as partes em confronto, foi também focado pelo ministro zambiano dos Negócios Estrangeiros, Rupiah Banda, ao receber credenciais do encarregado dos Negócios de Portugal em Lusaca, Vasco Taveira da Cunha. Rupiah Banda criticou a forma como Portugal conduziu a descolonização de Angola, afirmando que competia ao nosso país reconciliar os três movimentos antes de se retirar. O ministro da Zâmbia — país que se inclui no bloco dos 22 Estados africanos anti-M.P.L.A. — e que apoia a U. N. I. T. A. — acrescentou que era muito lamentável que Portugal tivesse concedido a independência a Angola sem tentar encontrar uma solução pacífica para o conflito.

Taveira da Cunha respondeu que Portugal e a Zâmbia mantinham uma política idêntica em relação à questão angolana, a favor de um Governo de «Unidade» Nacional.

ESTUDE **LÍNGUAS** CONNOSCO

COM CONFIANÇA



CURSOS INTENSIVOS

e

SEMI-INTENSIVOS

A COMEÇAR EM FEVEREIRO

INGLÊS E ITALIANO

Para informações e inscrições:
CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES - INTERNATIONAL HOUSE
Rua Marquês Sá da Bandeira, 16 Tel. 5714 6 - 534054 - 534062

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SERVIÇOS DE PORTARIA, VIGILÂNCIA, LIMPEZA E ACT. SIMILARES

(Antigo Sind. dos Contínuos e Porteiros)

COMUNICADO N.º 4

AOS TRABALHADORES PORTEIROS

Companheiro (a) Porteiro (a):

Conforme a classe já por muitas vezes se pronunciou, vão-se realizar reuniões de Trabalhadores Porteiros para se debater assuntos referentes à actual Portaria e à futura, e para se analisar a Dinamização do Sector Porteiros. Assim, e conforme o quadro abaixo, vão-se realizar consoante as ZONAS DE HABITAÇÃO:

DIA		
28	Lumiar	Acad. Joaquim X. Pinheiro — Alameda das Linhas de Torres
30	Alvalade e Areeiro	Anfiteatro de Eng. do Inst. Superior Técnico
3/2	Cascais e Oeiras	Bombeiros de Oeiras
4/2	Almada	Acad. Almadense — Rua Capitão Leitão
6/2	Setúbal	Capricho Setubalense — Largo da Misericórdia

Companheiro (a), comparece à reunião da tua ZONA e avisa os teus colegas de trabalho.

NÃO FALTES

SÓS NADA SOMOS — UNIDOS VENCEREMOS

A DIRECÇÃO

NOTA — TODAS AS REUNIÕES SÃO ÀS 21 HORAS

Trabalho

PUB

Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — Lisboa-1
Telefones: 77 02 74 — 76 32 76 — 77 00 66

CONVOCATÓRIA

Os Sindicatos signatários convocam todas as Comissões de Trabalhadores e Comissões de Delegados Sindicais das Empresas de Transportes Nacionalizadas, para uma reunião a realizar no dia 29/1/76, Quinta-feira, pelas 21.30 horas, na sede do Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, sita na Av. Visconde de Valmor, 34 em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único:

Tomada de posição face às manobras do subsecretário de Estado dos Transportes, Sr. Dr. Manuel Luís Cidade Pereira de Moura, que visam atingir os trabalhadores das empresas nacionalizadas.

VEM DEFENDER AS CONQUISTAS PORQUE TANTO LUTASTE!
É O TEU PÃO QUE ESTÁ EM JOGO!
COMO TRABALHADOR, ELEVA A TUA VOZ AOS QUE TENTAM CALÁR-TA!

SINDICATO DOS TRABALHADORES RODOVIÁRIOS
SINDICATO DOS METALÚRGICOS
SINDICATO DAS GARAGENS

Rogério Torres

PUB

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO MUNICÍPIO DE SETÚBAL

AVISO

LOTEAMENTOS URBANOS

1. — Avisam-se os interessados de que em reunião ordinária desta Comissão Administrativa, realizada em 19 do corrente mês de Janeiro, foi deliberado, nos termos do despacho do Senhor Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, de 23 de Dezembro de 1975, publicado no n.º 5, da 2.ª série do «Diário do Governo» de 7, também do mês em curso, o levantamento da suspensão das licenças de loteamento urbano em toda a área do concelho.

2. — Os critérios a que obedecerão as decisões a tomar sobre os referidos loteamentos, nas várias zonas do concelho, constam da acta da reunião ordinária desta Comissão Administrativa de 18 de Novembro de 1975 transcritos no edital, desta data, afixado no edifício dos Paços do Concelho.

3. — Chama-se a atenção dos interessados para o disposto nos artigos 5.º e 6.º do Decreto-Lei n.º 511-75, de 20 de Setembro, segundo os quais o termo da suspensão da validade das licenças de loteamento não implica a renovação automática das mesmas licenças nem determina o movimento dos processos, conferindo apenas, aos respectivos titulares, a faculdade de pedirem a revisão das licenças concedidas ou de requererem o prosseguimento dos processos, nos termos e com as consequências a que se referem os vários números dos artigos citados. Entre elas é de destacar que se considera haver desistência do pedido quando os interessados não solicitarem o prosseguimento do processo dentro dos 45 dias seguintes ao da publicação deste aviso no «Diário do Governo», salvo nos casos de prosseguimento oficioso do processo se o loteamento for considerado de interesse público.

Setúbal, 23 de Janeiro de 1976.

O VICE-PRESIDENTE
DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA
Francisco Leonel Rodrigues Lobo

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5 D — Rua Infantaria 16, 55 C — 1350 A
Telef. 726603 — Telef. 668064

CAPITAL TENTA RECUPERAR...

Ofensiva na Martins e Rebello contra a comissão administrativa

. As tentativas de recuperação pelo capital das posições perdidas durante o período de tempo em que o processo revolucionário português caminhava com menos ambiguidades para o socialismo estão a multiplicar-se, revestindo figurinos vários, alguns muito requintados nos seus contornos e subtis na sua «linha». Uma fórmula generalizada de ataque às conquistas dos trabalhadores é a crítica, muitas vezes caluniosa, à actuação de comissões administrativas designadas pelo Estado para salvarem empresas da falência para que ex-patrões e sabotadores económicos as conduziam. Tenha-se em vista o caso da firma «Martins e Rebelo», sobre a qual recai, em parte muito importante, o abastecimento ao País de leite e seus derivados. Trata-se de um processo — digamos — quase exemplar!

. O «escândalo» rebentou em Maio, quando a comissão de trabalhadores de uma das unidades fabris da empresa denunciou, em extenso comunicado, «que milhares de contos de queijo queimado e enterrado e milhares de litros de leite deitados para os esgotos» eram «obra da administração da empresa, autêntico coito de parasitas.»

Os mesmos trabalhadores relataram então que «antes de 25 de Abril de 1974, a firma Martins e Rebelo comprava todo o leite (média entre Janeiro de 1973 e Março de 1974, 45 000 litros diários), a fim de evitar a concorrência», embora antecipadamente se previsse a impossibilidade da laboração. Isto levou a que houvesse — ainda conforme a comissão de trabalhadores — «queijo pelos corredores, em anexos, etc. Andou-se a fabricar queijo com o único objectivo de o «despachar para a caldeira, para queimar ou para aumentar a capacidade da lixeira, para depois ser enterrado. Segundo alguns dados que então vieram a lume, foram pagos 15 mil e 500 escudos pelo trabalho de um «bulldozer» que andou a tapar as lixeiras anexas às instalações fabris; queimaram-se, durante cerca de 13 meses cerca de quatro mil contos de queijo, não havendo números concretos quanto à enorme quantidade de produtos enterrados. Foi com base nestas e noutras anomalias que a comissão de trabalhadores de Avis, com o apoio dos trabalhadores da sede, em Lisboa, e dos camaradas de Vale de Cambra exigiu um inquérito aos serviços centrais e a intervenção do Estado, através da nomeação de uma comissão administrativa.

C. A.: UM BALANÇO POSITIVO

Uma «comissão de verificação» nomeada pelo Ministério do Trabalho concluiu que a situação da empresa era «desesperada, motivando sérias apreensões quanto ao regular abastecimento de produtos essenciais à sobrevivência das populações — leite e manteiga — e muito particularmente quanto ao espectro de desemprego de cerca de 3 mil e 300 trabalhadores». Dado que os relatórios elaborados se pronunciavam pela viabilidade económica da empresa, o Conselho de Ministros resolveu, em Junho do ano passado, suspender a gerência e nomear uma comissão administrativa,

tal como era desejo da grande maioria dos trabalhadores. A resolução ministerial que determinou a intervenção considerava nomeadamente que «no sector dos lacticínios importa salvaguardar o interesse nacional, através do controlo da produção e da distribuição». Em obediência a esta política, a Comissão Administrativa, no segundo semestre de 1975, «colocou à disposição do mercado consumidor, que se mantém sobre pressão ascensional, todos os produtos laborados», prática não seguida pela gerência anterior, a qual, prosseguindo uma actividade na mira dos lucros, praticava um método de retenção de produtos, conservando toneladas em «stock», na expectativa de aumentos de preços, não levando em conta o interesse do público consumidor». Isto mesmo se pode ler no relatório da Comissão Administrativa sobre a situação global da empresa.

A C.A. deparou no segundo semestre do ano passado, com dificuldades várias que motivaram a carência de produtos, nos mercados. Essas dificuldades resultaram, fundamentalmente, da falta de matéria-prima — o leite — que nessa época do ano diminui, do aumento da capacidade aquisitiva de amplas camadas da população e do próprio aumento numérico da população consumidora do leite em natureza — que tem a prioridade por exigência legal — resultante em boa parte do retorno de milhares de pessoas das antigas colónias. A agravar estas dificuldades, estava a pesada herança da má administração patronal.

Ainda assim, a C.A. considera que «num espírito unitário de franca e leal colaboração, os trabalhadores de Martins e Rebelo conseguiram em Junho de 1975 a resolução da grave crise que a empresa atravessava, através da intervenção do Estado». Foram garantidos os postos de trabalho e os salários, tendo sido possível um aumento que, em média, significa cerca de 25 por cento mais do que o total dos vencimentos anteriormente pagos. A C.A. ressalva, neste ponto, o contributo dos trabalhadores para a salvação da firma, sublinhando a acção dos trabalhadores de Vale de Cambra «que, num sentimento de perfeita consciência da sua importância como motor da Empresa, não só melhoraram a qualidade dos produtos, como aumentaram a produção, nos últimos cinco meses».

UMA CARTA DO EX-PATRÃO

Num comunicado datado de Dezembro, a Comissão Administrativa evoca pela primeira vez as manobras de recuperação pela antiga gerência, referindo-se a uma carta que o ex-patrão endereçou aos trabalhadores da empresa e suas associadas, alertando-os sobre dificuldades que a C.A. admite terem existido, «umas derivadas da sua própria acção (conforme aceita), outras resultantes da própria intervenção do Estado (caso dos fornecimentos por associadas dos Açores, que diminuiram 15 por cento)».

No intuito de corrigir o que eventualmente estaria mal, foi convocado uma reunião entre o ex-gerente, as Comissões de Trabalhadores e a C. A., «recusando-se o ex-gerente a informar o que, no seu entender estava a dar prejuízo e qual a forma de o poder evitar». Subsequentemente, «numa tentativa de confundir os trabalhadores — conforme adianta a Comissão Administrativa — ela começou a ser sistematicamente contestada, havendo pessoas que, em vez de ajudarem a resolver os problemas os agitam como espantalhos, trazendo para dentro da empresa um clima de apreensão e insegurança sobre o futuro da Martins e Rebelo.»

PLANO PARA 6 MESES

Por seu lado, a Comissão administrativa afirma sentir-se preparada para superar as dificuldades, tendo já elaborado um plano de actuação para seis meses que passa por uma completa reestruturação dos serviços administrativos, económicos e financeiros, e pela formação de um departamento técnico. Projecta desenvolver uma política de descentralização controlada das empresas associadas e assegurar fórmulas de relações que lhe permitam conquistar um maior prestígio junto da Lavoura. Nesse sentido, foi apresentado aos organismos oficiais um plano de fomento da produção que já teve uma resposta concreta no distrito de Santarém, esperando a C.A. que o mesmo aconteça noutros distritos.

«É precisamente quando se pretende dar uma nova dinâmica à firma — sublinharam-nos — que, aproveitando-se do clima resultante dos acontecimentos de 25 de Novembro, determinados trabalhadores ligados ao ex-patrão pretendem a substituição da actual Comissão Administrativa, acusando-a de dificuldades existentes a que ela é alheia». Conforme nos acrescentaram, «neste momento trata-se de saber se os trabalhadores e o público consumidor estão interessados em manter Martins e Rebelo dirigida por quem defende os interesses da empresa e dos trabalhadores, ou se trata de nomear uma nova C.A. de inspiração patronal com todas as consequências funestas conhecidas. Quando ao Governo — dizem-nos a terminar — trata-se também de saber se está interessado em que os dinheiros públicos sejam administrados, nas empresas sob intervenção, por pessoas que defendem a linha política do 25 de Abril, ou se por pessoas que, quando utilizam o 25 de Abril, pretendem apenas o apoio do Estado para conseguirem uma recuperação capitalista».

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

OPERA NO COLISEU DOS RECREIOS

AIDA

(DE VERDI)

AVISA-SE O PÚBLICO DO ESPECTÁCULO ANUNCIADO PARA ONTEM E QUE NÃO SE PÔDE REALIZAR POR DOENÇA DE DOIS CANTORES PRINCIPAIS, QUE A RÉCITA SE REALIZA AMANHÃ, 5.ª FEIRA, 29, ÀS 21 HORAS, COM ELENCO RENOVADO. A ANUNCIAR AMANHÃ. AS PESSOAS QUE NÃO PUDEREM OU NÃO QUISEREM CONSERVAR OS BILHETES ADQUIRIDOS SERÃO REEMBOLSADAS SE OS ENTREGAREM NA BILHETEIRA ATÉ A HORA DO COMEÇO DO ESPECTÁCULO.

A DIRECÇÃO

Trabalho

Substituição de administradores nas rodoviárias desencadeia movimento de protesto dos trabalhadores

Os trabalhadores das empresas rodoviárias nacionalizadas, em plenários sectoriais e através de abaixo-assinados, estão a manifestar o seu apoio aos elementos das comissões administrativas nomeadas pelo Governo, ameaçados de substituição por razões que não estão de todo clarificadas, mas que se presume estejam relacionadas com a atitude crítica adoptada por esses administradores, por altura do aumento tarifário no sector dos transportes.

Delegações de diversas empresas, integradas por trabalhadores e elementos das comissões administrativas, têm procurado, nos últimos dias, infrutiferamente, expor as suas razões directamente ao ministro dos Transportes. Têm sido recebidas, isso sim, pelo subscretário de Estado dos Transportes, embora considerem não ser este o interlocutor ideal.

A iminência da substituição de gestores que têm a confiança expressa dos trabalhadores ocorre na altura em que há indícios de movimentação dos antigos patrões no sentido do regresso às empresas de que foram afastados, devido à sua nacionalização.

Como exemplo, cite-se um comunicado anónimo distrubuído este fim-de-semana em Torres Novas, dirigido aos trabalhadores do grupo Claras. Refere-se, ali, o caso da Têxtil Manuel Gonçalves (empresa de Famalicão onde o patrão conseguiu impor o seu regresso), para concluir: «Os patrões são, ainda, na maioria dos casos, os únicos que sabem por experiência adquirida ao longo de anos, dirigir as suas empresas».

O mesmo comunicado ataca um representante dos trabalhadores na comissão administrativa, aliás qualificada de «canalha exploradora».

Tudo isto foi já anunciado pela comissão coordenadora dos trabalhadores e pela comissão administrativa do grupo Claras, recordando recente «manobra desencadeada por sectores minoritários, cujo objectivo final era repor o patronato, mas cujos resultados foram funestos para os seus promotores, tendo culminado num plenário em Leiria, das Comissões de Trabalhadores de todo o Grupo de Empresas, num total de quarenta e duas, que denunciaram este estratagema e manifestaram por votação secreta e por esmagadora maioria o apoio à actual estrutura organizativa dos trabalhadores».

Agora, perante a eventualidade da substituição dos administradores nomeados pelo Governo (parece não estarem em causa os administradores eleitos pelos trabalhadores), os trabalhadores começam a reagir. Desde o último fim-de-semana, realizaram-se plenários em diversas empresas, estando a circular, em muitas delas, abaixo-assinados de apoio que contam com uma adesão massiva.

Em reunião das suas estruturas representativas, no sábado, o grupo Sernache tomou posição, invocando razões facilmente generalizáveis. Assim, «os trabalhadores do grupo teriam sido colocados à margem dum processo, do qual foram principais impulsionadores, sendo relegados para uma situação de simples espectadores passivos, num caso que lhes está directamente ligado e em que, melhor que ninguém, se podem pronunciar. Por outro lado, «não é de um dia para o outro que se passa a conhecer os problemas e se estudam as soluções para um grupoda dimensão» da Sernache. Em conclusão: os trabalhadores discordam da substituição prevista e da forma como foi decidida.

Na Transul, na Eva, na Claras e na Boa Viagem, os trabalhadores têm adoptado idênticas posições.

RAZÕES POUCO CLARAS

. A substituição de alguns elementos das comissões administrativas das empresas rodoviárias nacionalizadas foi anunciada pelo subsecretário de Estado dos Transportes, dr. Manuel Moura, durante um encontro com o Secretariado das Comissões de Trabalhadores do sector, na semana passada. A medida afectaria sete empresas nacionalizadas: grupo Claras, Transul, Boa Viagem, grupo Sernache, Adelino Pereira Marques, EVA, e Eduardo Jorge.

Esta decisão, comunicada oralmente, aguarda concretização legal em próximo Conselho de Ministros. Há informações que permitem supor que os novos elementos, a indigitar, poderiam desempenhar as suas funções, durante algum tempo, em simultâneo com os membros cessantes das comissões administrativas.

As razões de tal substituição, segundo se crê, remontam a fins de Dezembro, altura em que 23 elementos das comissões administrativas recusaram o seu aval ao aumento tarifário decretado pelo Governo. Em carta dirigida ao presidente da Comissão Coordenadora e Instaladora da Rodoviária Nacional (C.C.I.R.N.), datada de 30 de Dezembro, afirmavam, explicitamente: «todo o processo de elaboração de novas tabelas nos é alheio, do qual nos distanciamos e discordamos da forma mais completa».

Segundo os signatários, a nova tabela conserva a antiga estrutura tarifária, originando, até, «maiores disparidades, sendo as classes mais desfavorecidas as mais pesadamente oneradas». Aliás — escrevem —, «O VI Governo teve mais de quatro meses para implantar estudos que todos (Comissões Administrativas, Comissões de Trabalhadores, Sindicatos, Comissões de Moradores) desejavam, com vista a uma reestruturação do sector. Nada foi feito, e é de chofre, positivamente de um dia para o outro, que o Governo lança um brusco aumento de tarifas, que se traduz, linhas gerais, na aplicação de uma taxa pesada, sem que nós conheçamos em que base foi encontrada».

Sabe-se, também, que o aumento tarifário foi precipitado em função de uma conjuntura política favorável — isto é, de refluxo do movimento popular de massas. Daí, as lacunas que revela.

No entanto, as razões invocadas são outras: mera «rotação» de pessoas, segundo afirmações do dr. Manuel Moura, que se mostra firme nas suas intenções. De nada adianta — teria dito ao Secretariado das CTs — que os trabalhadores façam manifestações, paralisações ou greves para apoiar as comissões administrativas. Até podem atirar os autocarros ao rio, no caso da Transul — teria acrescentado, segundo relato público dos trabalhadores.

Entretanto, as empresas correm o risco de ver cercados os financiamentos, ao mesmo tempo que os responsáveis anunciam a intenção de proceder ao estudo das indemnizações a atribuir aos antigos patrões das rodoviárias nacionalizadas.

O "CASO TIMEX"

"A ATITUDE DA ADMINISTRAÇÃO NÃO FOI CORRECTA"

— afirmou o ministro do Trabalho

. «Não me parece correcta a posição da administração e compreenderei a posição dos trabalhadores, a quem peço que não metam no mesmo saco o Ministério do Trabalho, que está a tentar fazer o que realmente é possível» — afirmou o ministro do Trabalho, capitão Tomás Rosa, à entrada do Palácio de S.Bento para mais uma reunião do Conselho de Ministros. Referia-se ao problema da Timex.

Depois de acentuar que o seu Ministério não reconhecerá quaisquer despedimentos sem que esteja concluído o parecer da Comissão Técnica, disse: «Fiquei, pois, muitíssimo admirado ao verificar, abruptamente, uma tomada de posição daquele género por parte da administração. Isso foi-lhe já feito sentir e eu aguardo por estes dias o parecer da Comissão de Alálise que tem técnicos qualificados de todos os sectores do Ministério. Eles hão-de dar uma solução ou, pelo menos, algumas hipóteses de solução para o problema».

A Timex lembra a Applied Magnetics e outras empresas em dificuldades. Qual o papel das multinacionais na Revolução portuguesa? O capitão Tomás Rosa: «Vamos constituir uma equipa que se vai dedicar exclusivamente ao estudo das multinacionais. Este é um problema que não me ocorreu só agora, mas que estava já na minha mente — o levantamento da situação de todas as multinacionais. Porque poderá haver, efectivamente, empresas desse tipo que respeitem a nossa lei, a nossa situação, o regime para que queremos caminhar e que possam contribuir para o desenvolvimento económico, tapando lacunas da nossa indústria. O importante é que a nossa indústria vá preenchendo essas lacunas, para que nós não precisemos tanto, como temos precisado, das empresas estrangeiras».

A criação de uma indústria nacional de relojoaria, poderá vir a constituir uma das soluções para o «caso Timex», segundo adiantou o ministro do Trabalho.

Entretanto, cerca de dois mil trabalhadores continuam nas instalações da Timex, a cumprir os seus horários. Recusam-se firmemente, como desde o início do conflito, a aceitar o despedimento de 700 trabalhadores e a redução para três dias de trabalho semanal.

A INTER EM BELÉM

"Contratação colectiva suspensa só até final de Fevereiro"

«A contratação colectiva estará suspensa somente até ao dia 28 de Fevereiro conforme está decretado. Mas isso não impede que os patrões negociem o aumento de salários» — declarou à Anop, um elemento do Secretariado Nacional da Intersindical, após o encontro, no sábado, com o Primeiro-Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo.

No encontro, que foi muito rápido, foram abordados somente dois pontos: a contratação colectiva e o aumento do custo de vida. Segundo ainda o elemento da Intersindical, na audiência com o almirante Pinheiro de Azevedo, ficou assente, que para combater o aumento do custo de vida, o Governo deverá tomar medidas contra os abusos dos preços e que vão ser postas brigadas de fiscalização na rua.

Por outro lado, elementos do Secretariado Nacional da Intersindical, avistar-se-ão ainda hoje com o capitão Sousa e Castro, do Conselho da Revolução, e com o general Costa Gomes, para entrega das moções que foram aprovadas no último plenário nacional, realizado em Coimbra. Essas moções são nomeadamente sobre o aumento do custo de vida, congelamento da contratação colectiva, controlo operário, Reforma agrária, previdência, órgãos de Comunicação Social e horário de trabalho nacional.

DIRIGENTES SINDICAIS

Os dirigentes sindicais socialistas vão realizar um Encontro Nacional para analisar e clarificar as linhas fundamentais do Movimento Sindical Português. O encontro dos dirigentes socialistas será realizado, em Aveiro, nos dias 30, 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro.

SE NÃO HOUVER RETRATAÇÃO

Sindicato dos Vidreiros vai processar Comissão de Inquérito ao 25 de Novembro

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira vai proceder judicialmente contra a Comissão de Inquérito aos acontecimentos do 25 de Novembro, caso este se não retrate publicamente de uma afirmação contida no «Relatório Preliminar», em que identifica o Sindicato com o Partido Comunista, e que é considerada «difamatória».

Em carta enviada à Comissão de Inquérito — que se presume ter sido recebida anteontem — a direcção daquele Sindicato concede o prazo de três dias para a retratação, a inserir «nos mesmos jornais onde foi publicado o **Relatório Preliminar**». O caso está confiado ao consultor jurídico do Sindicato, dr. António Guarda Ribeiro.

É o seguinte o texto integral da referida carta, cuja publicação, aliás, nos é solicitada:

«A Comissão de Inquérito aos acontecimentos de 25 de Novembro:

1 — Na rubrica «Base Aérea N.º 5-B-15», do «Relatório Preliminar do 25 de Novembro», está inserida a expressão «Sindicato dos Vidreiros (PCP) da Marinha Grande».

2 — Esta frase foi escrita com a manifesta intenção de identificar o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira com um partido político; e tem objectivamente esse significado.

3 — De harmonia com o art.º 1.º dos seus Estatutos, «o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira abrange todos os trabalhadores desta Indústria»; o art.º 6.º prescreve que «o Sindicato tem por fim, em especial: a) Defender por todos os meios ao seu alcance os interesses da associação enquanto colectividade económica e social e de cada um dos seus membros enquanto os interesses decorram da sua condição de trabalhador»; e o art.º 9.º, que «o Sindicato exerce a sua actividade com total independência relativamente ao patronato, Governo, partidos políticos, igrejas ou quaisquer outros agrupamentos».

4 — A expressão mencionada no Ponto 1, significando uma infracção às regras estatutárias, é difamatória, pois contém uma referência inverídica e errónea que afecta o bom nome do Sindicato.

5 — Em face do exposto, a direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira notifica a Comissão de Inquérito de que lhe concede o prazo de três dias para, nos mesmos jornais onde foi publicado o «Relatório Preliminar», vir retratar-se da afirmação que fez.

6 — Findo este prazo sem que tal retratação seja efectuada, o Sindicato quequererá em Tribunal o competente procedimento.»

Comissões de trabalhadores também criticam o Relatório

As comissões de trabalhadores de algumas das principais empresas da Cintura Industrial de Lisboa acabam de tomar posição sobre o Relatório Preliminar do 25 de Novembro, repudiando a «maneira falsa e tendenciosa» com que «a burguesia e o poder instituído tentam desesperadamente fazer crer ao povo português na existência da um golpe de esquerda».

Aqui fica, na íntegra, esta tomada de posição, representativa de muitos milhares de trabalhadores:

«As comissões de trabalhadores da Lisnave/Gaslimpo, J.Pimenta, Xavier de Lima, Companhia Portuguesa de Pesca, Parry e Son e Arsenal do Alfeite, reunidas para a apreciação do Relatório Preliminar dos acontecimentos do 25 de Novembro, e considerando que:

. 1.º O Relatório Preliminar do 25 de Novembro é alienatório e que apenas serve para intimidar e confundir o povo acerca das realidades dos acontecimentos;

. 2.º O Relatório Preliminar do suposto golpe de esquerda do 25 de Novembro é falso, até porqu não fundamenta, quando acusa os trabalhadores e as suas CTs de terem interferido directamente nele, quando estes mais não fizeram do que tentar organizar-se minimamente (como o fizeram no 28 de Setembro e no 11 de Março), contra o golpe de direita feito contra as unidades militares progressistas que sempre estiveram com a classe trabalhadora;

. 3.º Os objectivos das forças de direita neste momento é pôr de parte todos os militares que fizeram a sua opção de classe pondo-se ao lado da justa luta da classe trabalhadora explorada deste País;

. 4.º Os que de momento se julguem defensores das liberdades, oprimem em prisões militares e civis revolucionários, em estado de incomunicabilidade, com promessas de inquéritos que não se fazem, ou quando se fazem são deturpantes das realidades dos acontecimentos, e que se tornam autênticos atentados aos mais elementares direitos do homem;

. 5.º Diariamente lançam-se no desemprego camaradas dos órgãos de Informação, falada e escrita, que a burguesia aponta como intervenientes de uma «farsa» em que não participaram.

Por tudo isto:

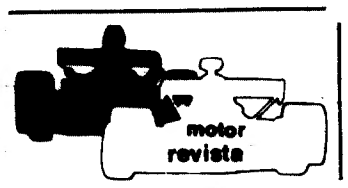
. Repudiamos a maneira falsa e tendenciosa do Relatório Preliminar em que a burguesia e o poder instituído tentam desesperadamente fazer crer ao povo português a existência de um golpe de esquerda, quando na prática se apresentam nas prisões militares e civis que nos libertaram do fascismo.

Também dizemos não à prisão doutras figuras acusadas no demogógico relatório, pretexto para novos bodes expiatórios, e consequentemente visando alargar a repressão e prisão de mais militares e civis revolucionários, para além dos que já impunemente foram detidos.

Estas comissões de trabalhadores, cientes das suas responsabilidades, afirmam tomar todos os processos de luta que julgarem necessários para travar toda esta escalada».

Valongo: mineiros suspendem greve

Após conversações com a respectiva administração, os mineiros da empresa de Lousa, Valongo, regressaram hoje aos seus postos de trabalho, depois de concederem à entidade patronal um novo prazo (até 5 de Fevereiro próximo) para estudo do seu caderno reivindicativo.



Em ALJUSTREL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFE ALIANÇA

Nacional

LÃ E ALGODÃO: A MEADA ENREDADA (3)

ROGÉRIO VIDIGAL (TEXTO)
RUI PACHECO (FOTOS)

Unhais da Serra fica numa encosta. No vale falou-se durante dezenas de anos da família Garrett: eram hectares mais hectares, era uma fábrica das mais modernas de tudo o que existe no nosso país em matéria de lanifícios.

Unhais da Serra entrou no nosso itinerário a partir de um comunicado também divulgado na Covilhã, que tratava de «A Penteadora», a tal fábrica, em que se repudiava «o comunicado anónimo falsamente assinado por um falso grupo de trabalhadores», manifestando «o maior repúdio pelas mentiras contidas no dito comunicado» e «toda a confiança na sua Comissão de Trabalhadores e na Comissão Administrativa da empresa».

Tratava-se, segundo apurámos, de um «comunicado» que teria sido assinado por «trabalhadores» da empresa que foi da família Garrett, hoje ocupada pelos operários, e em que se falava do regresso do antigo patrão. Pura falsidade, foi-nos afirmado em conversa que mantivemos com as respectivas Comissões de Trabalhadores e Administrativa, que continuam a laborar normalmente, fazendo as suas encomendas, produzindo e labutando para que novos investimentos se concretizem.

No trabalho

As máquinas voltaram a trabalhar. Nas «self-actings», as carruagens iam e vinham, vinham e iam, como se nem elas, nem os pegadores de fios que atrás delas corriam, houvessem jamais parado. De manhã, aquelas correrias dele e dos seus companheiros tinham parecido a Horácio tão pitorescas como um castigo infantil ou exercício desportivo. Mas, agora, após o almoço, sentia as pernas fatigadas. De quando em quando, ele desviava a vista, rapidamente, para o resto da fábrica, que ainda não havia percorrido. Era um grande quadrilongo asfaltado e com vidros foscos e semiabertos à altura dos beirais, para seu arejamento. A Horácio aquilo parecia excelente. Muito mais limpo e simpático do que o quartel; e com as casas de Manteigas, a respeito de luz e de asseio, nem havia comparação. Surpreendia-o, porém, não ver por parte alguma mais operários à moverem-se, a correr a todo o minuto, como ele e seus parceiros. As outras máquinas eram diferentes e homens e mulheres estavam junto delas, quedos, como se fossem sentinelas. Raramente se movimentavam para intervir na laboração e, se o faziam, pouco tempo depois aquietavam-se de novo. «Aqueles é que têm boa vida — pensou Horácio. — As máquinas trabalham por eles. Não são como estas aqui». Após o raciocínio, estranhou que os outros não mostrassem caras alegres. Ao contrário, sempre que, num relance, olhava para eles, via-os graves, sombrios, os mais diferentes rostos de homens e mulheres apresentando uma expressão fria, uma espécie de dignidade cristalizada ao contacto com as máquinas. Não pareciam os mesmos que ele vira no refeitório à hora do almoço. Dir-se-ia que toda aquela gente jamais tinha rido na sua vida. «Aborrecem-se, porque estar assim parados até dá sono. Se andassem aqui, a correr, estariam de outra maneira» — tornou Horácio a pensar. Mas, pouco depois, olhando para os pegadores de fios, que corriam ao seu lado, para os próprios garotos que se haviam sorrido, ironicamente, quando ele entrara de manhã, viu que também eles tinham, agora, a mesma expressão dos outros — uma uma seriedade precoce e cansada. Foi, então, que Horácio apreendeu que na fábrica havia mais alguma coisa do que ele enxergava, havia um ambiente dominador que lhe causava o mesmo desagrado sofrido nos seus primeiros dias de quartel, quando os oficiais se encontravam presentes. Ali, porém, a vontade que produzia esse ar carregado de obediência parecia estar ausente, porque, mesmo quando o Mateus se encafuava no seu gabinete envidraçado, ao fim da fábrica, operários e operárias continuavam de fisionomia parada, como se o trabalho fosse o único acto profundo da sua vida, a obrigação que não admitia um sorriso. Alguns deles, via-se-lhes nos olhos, estavam de espírito distante, mas, pela força do hábito, a abstracção quebrava-se logo que a máquina lhes exigia uma intervenção.

— Em todas as fábricas é assim? — perguntou Horácio a Pedro.

— Assim o quê?

— Assim... como a guardar defuntos?

Pedro seguiu-lhe o olhar e a intenção e respondeu com piedade pela sua ignorância:

— Claro que é. Você queria um baile? O Rodrigo, que esteve em França, nas fábricas de Lião, disse que lá ainda há mais disciplina.

As máquinas continuavam a laborar. E os homens e as mulheres, colocados ao seu lado, sombrios, ensimesmados, acompanhavam-lhes silenciosamente o trabalho, que ali só elas tinham voz.

Horácio sentia um imenso desejo de fumar, mas já de manhã Pedro lhe dissera que era proibido fazê-lo ali.

— Se fumássemos, que mal poderia acontecer? A lã não arde...

Desta vez, Pedro respondeu bruscamente:

— Nós estamos aqui para trabalhar e não para nos divertirmos. Parece que você nunca trabalhou... Bem se vê que vem da serra...

«A Lã e a Neve», Ferreira de Castro.

Nesta linha, contrariando certas orientações na zona, toda a matéria-prima consumida no funcionamento normal tem sido substituída com a aquisição de novos «stocks». Sessenta teares encontram-se já instalados num edifício em fase de acabamento e mais 40 são esperados para ali serem montados. Nenhum trabalhador foi despedido e, antes pelo contrário, novos postos serão criados quando esta centena de teares entrar em funcionamento, completando todo o circuito de produção da fábrica, da penteação e cardagem à tecelagem.

«Pouco antes de termos tomado conta da empresa» — conta-nos um elemento da Comissão de Trabalhadores «o engenheiro Gonçalo pôs a hipótese de despedimento de 250 a 500 trabalhadores da empresa, alegando dificuldades económicas, ou, como contrapartida, o funcionamento a meio tempo, para assegurar emprego para a totalidade do pessoal. Nós conseguimos superar isso e, além do mais temos tido escoamento para a nossa produção, continuando os investimentos».

Com a tomada da gerência da empresa por uma Comissão Administrativa, um novo ciclo da empresa se inaugurou. Pode dizer-se que existe de certo modo um «controlo operário», embora de forma imperfeita.

«A nossa empresa é dirigida pela CA, nomeada pelo Governo, mas na verdade não toma decisões, pelo menos nos problemas mais importantes, sem previamente consultar a Comissão de Trabalhadores. Além disso, quando há problemas ainda mais graves, é consultado directamente o plenário de trabalhadores.»

A luta, conta-nos um porta-voz da Comissão de Trabalhadores, que se encontrava reunida na altura em que por nós foi contactada, é só na defesa dos interesses de toda a gente. Dificuldades financeiras têm sido frequentes, particularmente no que respeita ao financiamento de novos investimentos. A título de exemplo, o arranque de cada novo tear custa cerca de mil contos. Ora, «A Penteadora» vai instalar cerca de cem.

«Temos dificuldades monetárias mas esperamos que o Estado nos resolva alguns problemas. Não queremos que nos dêem dinheiro, mas que ajudem a desenvolver a economia nacional, através de uma empresa com total viabilidade.

UMA HISTÓRIA DE SANEAMENTO

No dia 15 de Maio de 1975, os trabalhadores de «A Penteadora» resolveram ocupar a empresa, pedindo a intervenção do Governo na administração. Antes, tinham decidido sanear a anterior administração composta pelos engenheiros Gonçalo e Manuel Garrett.

As razões para estes saneamentos surgiram com o desaparecimento, depois do 11 de Março, dos dois ex-administradores, o que levou a firma a uma situação relativamente grave. A medida então tomada foi desde logo acompanhada da formação de piquetes e de tomada de medidas que evitassem a divisão dos trabalhadores.

Nessa altura foi divulgado um extenso comunicado em que a massa operária da fábrica manifestava a decisão de «levar a sua justa luta até à vitória final e à realização do objectivo que se propuseram atingir: ser a empresa gerida pelos próprios trabalhadores, em regime de autogestão, embora entendam ser necessária a participação do Governo, através de um seu representante, que sirva de garante da ordem da empresa e da disciplina do trabalho, bem como dos mercados, quer da colocação, quer do abastecimento, já que não podemos esquecer-nos do possível boicote que os reaccionários ainda existentes nos poderão mover».

Os objectivos que se manifestavam já nessa altura era a manutenção dos postos de trabalho e, se possível, alargá-los, em condições de não criarem encargos ao País.

No entanto, a luta dos trabalhadores de «A Penteadora» «para se libertarem da exploração a que a família Garrett os sujeitava, é, também, já antiga».

Por exemplo, façamos remontar os factos a 1969, altura em que, como resultado de estudos efectuados por uma firma americana, a administração pretendia impor maiores cargas de trabalho aos operários.

«Nessa altura, a luta foi muito dura», assinalam os trabalhadores. «A GNR fascista atacou-nos obedecendo a ordens superiores e então houve despedimentos e hospitalizações». Os despedimentos suscitaram a luta dos trabalhadores contra o patronato, com resultados concretos.

Depois do 25 de Abril de 1974, «tivemos de encontrar novas formas de luta e devemos salientar a oposição que tenazmente foi feita à administração que queria passar a empresa a um regime de três dias semanais, baseando-se na falta de vendas».

A participação de «A Penteadora», na luta dos trabalhadores da indústria contra a resistência do patronato, foi ainda evidente em Maio de 1974, quando em todo o País se entrou em greve, na luta pela concretização de melhores condições de trabalho e de vencimentos menos miseráveis. Do trabalho de consciencialização então desenvolvido, resultou a eleição de uma Comissão de Trabalhadores, com a participação de mais de 90 por cento do pessoal da empresa.

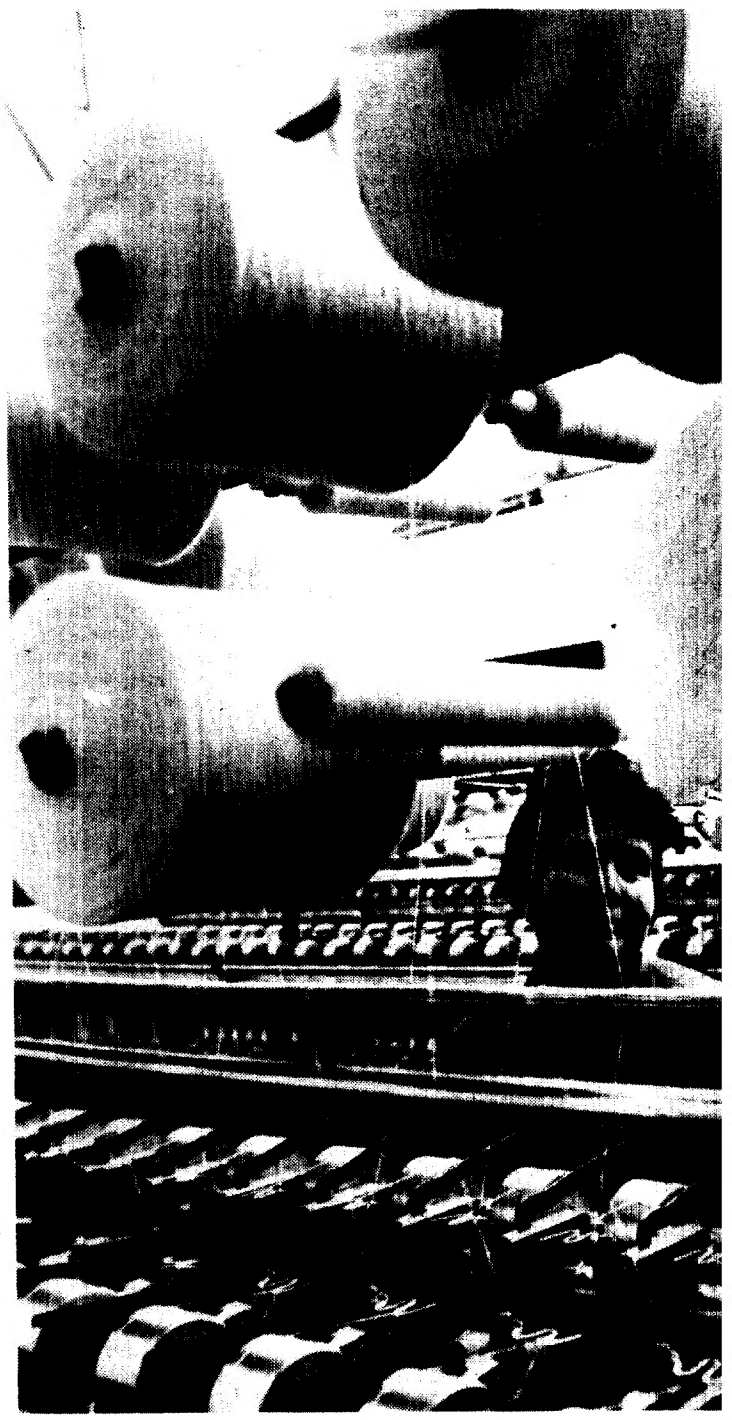
O «11 DE MARÇO»

E, assim, se entra no período do 11 de Março.

«Nesse dia», relata-se num comunicado emitido na altura, «o capitalista Gonçalo Garrett

POR EXEM

"A PENTE



A mão-de-obra dos têxteis é essencialmente feminina. No mun constituem, muitas vezes, como que uma terriv

esteve de manhã na fábrica, mas de tarde já não foi à empresa e nunca mais foi visto. Supõe-se que esteja no estrangeiro desde essa data. A partir de 11 de Março os trabalhadores de «A Penteadora» aceleraram a sua luta contra o capitalismo».

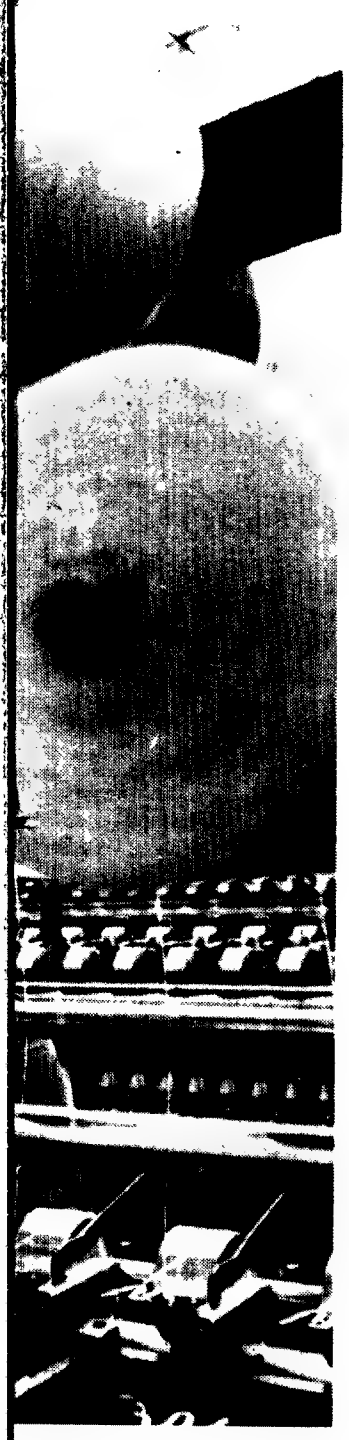
Abril aparece com um caderno reivindicativo que os trabalhadores apresentam ao que resta da administração: reconhecimento da Comissão de Trabalhadores, proibição de aumentos salariais, admissões, promoções ou sanções disciplinares, sem o acordo da CT; instalação de um infantário para os filhos das trabalhadoras e de uma cantina para todo o pessoal; anulação dos vencimentos pagos a accionistas que não exercessem na empresa qualquer actividade; obrigação de dar à Comissão uma nota mensal das vendas e da produção.

A tentativa de adiamento da resposta, por parte da administração, para princípios de Maio, foi anulada com o desenvolvimento de um outro processo reivindicativo que se desenvolve na vizinha Quinta da Vargem, propriedade de Manuel Garrett Este processo dos trabalhadores rurais é então (e depois) apoiado pela fábrica.

«Não temos mesmo dúvidas — em afirmar que o processo desenvolvido na Quinta da Vargem foi levado avante especialmente após os seus trabalhadores terem verificado que contavam com o apoio dos trabalhadores de «A Penteadora», afirmam-nos na fábrica. Este apoio foi mais concreto: os dias de greve na Quinta seriam cobertos pela unidade fabril.

Problemas se levantaram, de acordo com um comunicado então elaborado, já que os empréstimos concedidos pela banca, já nacionalizada, tinham sido baseados no aval que as propriedades da família Garrett constituíam. Na quinta, nem sempre esta questão terá

MPLO, ADORA"



o das bobinas de fios, estas
l ameaça...

nismos estatais acabaram por esclarecer a situação e «exortaram todos os trabalhadores da fábrica a acabarem com a exploração desenfreada de que todos eram vítimas por parte da família Garrett».

A ocupação da Quinta terá tornado os accionistas mais conciliatórios: a assembleia que deveria decidir sobre as iniciais propostas da Comissão de Trabalhadores, propôs novas formas de gestão em colaboração com eles próprios. A esta proposta respondeu o plenário de trabalhadores da fábrica saneando os administradores Garrett, ocupando a empresa e solicitando a intervenção do Governo.

Hoje, em Unhais da Serra, a quem passa pelo café, enquanto bebe o seu «zimbre», é dado aperceber-se de que algo se passa contra os ocupantes da quinta. De resto, isso dá a ideia de que o falso comunicado pedindo o regresso do patrão não aparece isoladamente, mas fazendo parte de uma campanha perfeitamente orquestrada.

No café:

. «Esteve cá a mulher do eng.º Manuel e diz que faltam muitas coisas de prata, lá no palacete, e que faltam muitas garrafas na garrafeira. E outras coisas. Mas eles (referem-se aos ocupantes) têm que dar contas ao povo do que têm roubado.»

. A esta linguagem perguntamos se será verdade. Respondem que não sabem. E inquirimos o que é isso de prestar contas ao povo. «Não são povo os ocupantes?». «São», respondem-nos, «é tão pobres como nós».

Perguntamos: «Então?».

E o homem: «é o que a gente ouve dizer, qu'é que quer?»

«A PENTEADORA» HOJE

A enorme fábrica, aos pés da serra, parece funcionar hoje em pleno. Percorrer o seu interior é cansativo, tantas são as secções, os andares, os desvios. Máquinas antiquadas encontram-se já cobertas de lona, aguardando que cheguem as novas, dentro de pouco tempo, para serem retiradas para a sucata.

Nos armazéns de matéria-prima, a situação parece excelente: até ao tecto, as «ramas» brancas acumulam-se, numa quantidade impressionante:

. «Temos conseguido manter os *stocks* de matéria-prima, pois vamos substituindo todos os gastos com a laboração normal. Deste modo, temos neste momento em armazém o suficiente para manter a fábrica durante cinco anos, sem novas compras de matéria-prima».

As trabalhadoras, pois trata-se em grande parte de mão-de-obra feminina, vão eficientemente cumprindo o seu papel. Chegada a hora da reunião da Comissão de Trabalhadores, os interessados retiram-se para uma sala anexa e começam os trabalhos.

Mais à frente, enormes instalações abrem-se aos cem novos teares que em breve estarão intregralmente montados e permitirão o fecho do ciclo produtivo da unidade. No mesmo pavilhão, no piso inferior, um armazém para as peças tecidas e uma grande sala para cantina dos, dentro de pouco tempo, setecentos trabalhadores.

São 60 os novos teares que já estão montados em «A Penteadora». Alguns deles já se encontram em funcionamento. Variando com os tecidos, cerca de 250 metros de peças saem de cada um deles, ao longo das 24 horas, com os seus vários turnos

Há quem nos diga cá fora: era uma empresa estupenda e, se continua, isso deve-se ao apetrechamento que os antigos donos tiveram o cuidado de ir fazendo. Essas pessoas realçam ainda as qualidades profissionais dos antigos patrões e, como prova, apresentam o facto de o eng.º Gonçalo Garrett ter imediatamente encontrado colocação numa grande empresa do Brasil onde actualmente vive.

Na empresa confirmam-nos o bom apetrechamento. Mas há quem não esqueça que esse reapetrechamento se foi fazendo ao longo dos anos, à custa da mais-valia dos trabalhadores que ali laboraram durante anos e anos, permitindo a acumulação de riqueza do patrão e a revalorização do seu património.

«Importante ainda é que, com a sua saída, nada disto parou. Temos podido e sabido manter tudo em funcionamento. Agora precisamos de apoio da banca, das instâncias oficiais, para que nada disto pare com falta de apoio económico. E o lucro não será só nosso. O País também ganhará.»

. À frente, no interior da vila, pobre e quase abandonada, uma velhota foge mas rejubila com a fotografia. E conta-nos a sua história: uma questão de remédios.

«Então os senhores não querem saber que eu não tenho direito a remédios, só o meu marido é que tem!? Mas ele trabalhou tantos anos lá na fábrica, isto não está certo, pois não, meu senhor?»

. Dizemos que não, e a velhota prossegue:

«E com um conto e seiscentos que ele ganha, depois de tantos anos de trabalho, que é que a gente pode fazer?»

. O homem, que acarretava água, muitos anos de idade na pele encarquilhada, mais de 80, chegou então. E ralhou à mulher por falar assim.

«Estes senhores não fazem mal, home...»

. «Mas está calada. Estamos quase mortos, mulher, não vale a pena...»

DO CONTROLO AO DÉFICE

«O controlo operário exerce-se através da Comissão de Trabalhadores o que consideramos uma forma imperfeita de controlo. O que nós queremos é aplicar o *projecto de Ofir*», explica-nos o representante da Comissão de Trabalhadores.

O mesmo porta-voz, perante o silêncio dos restantes componentes daquele órgão, explica-nos a crise dos lanifícios, que considera muito grave. Esse facto originou, a determinada altura, uma redução de cinco por cento na produção da fábrica. No entanto, com os recursos financeiros que a empresa apresentava, foi possível continuar a efectuar os pagamentos ao pessoal.

«Entretanto, havia um empréstimo que tinha sido pedido à Caixa Geral de Depósitos, no valor de 95 mil contos. Mas, na verdade, foram pedidos 150 mil contos para desenvolvimento da empresa, até porque só o arranque dos cem teares representa desde logo uma centena de milhares de contos e nós pretendíamos constituir um fundo de maneio para futuras operações».

Neste momento, a questão fundamental para a CA de «A Penteadora» põe-se exactamente em relação a estes empréstimos que permitem o arranque de outra fase da unidade industrial. A Caixa Geral de Depósitos já concedeu alguns dos empréstimos, mas esse financiamento dá apenas para pagamento das máquinas adquiridas. Uma exposição feita ao Ministério das Finanças ainda não obteve qualquer resultado. O mesmo porta-voz aguarda que a aparente estabilização do Governo, verificada neste momento, permita fornecer directrizes concretas, não só para este caso particular mas para outros, onde estão incluídos casos de menor viabilidade económica.

Falámos, depois, de défice. E o facto surge como perfeitamente natural, dado que na mesma situação se encontra toda a indústria no nosso país e, no caso desta empresa, houve problemas com o desequilíbrio provocado pelos investimentos que se fazem.

«Mas logo que as máquinas arranquem, contamos cobrir esse défice e, já em 1977, poderemos repor a totalidade desse dinheiro. O grande problema não é de falta de dinheiro, mas sim de estruturas e de fundo», adianta o nosso informador.

A SAÍDA DO PATRÃO

«A saída do patrão foi um benefício para os trabalhadores», avalia o nosso entrevistado. «E digo isto porque agora continuamos a ter trabalho, contrariamente ao que ele desejava e, além disso, conseguimos todos os direitos e regalias a que tínhamos direito. Isso, qualquer trabalhador pode dizer-lho, não acontecia dantes. Agora recebe-se pela tabela e os trabalhadores têm uma parte activa na vida da sua empresa...»

. Os trabalhadores manifestam consciência da precariedade da sua situação, mas não havia outra solução na altura. Para eles, o que se passa, agora, pode dar origem ou a casos como o da firma Manuel Gonçalves, no Porto, ou mesmo a outros casos de repressão.

«Em consequência da recente viragem à direita que se verificou no poder, começamos a pensar em termos de estabilidade da empresa. Neste momento, a nossa luta é no sentido de aperfeiçoarmos o controlo operário, porque pensamos que, se os trabalhadores sentirem que de facto participam na vida da fábrica, torna-se mais difícil a concretização de qualquer daquelas hipóteses».

O caso não é o único. O avanço da organização operária nas mais diversas unidades está agora em vias de encarar o retrocesso. O comunicado que surge, sugerindo o regresso do patrão Garrett à «A Penteadora», surge no momento exacto em que os elementos da CA se tinham deslocado a Lisboa, para contactos a nível governamental. A sua deslocação foi tratada especulativamente por determinados sectores no local do trabalho: os mais privilegiados com o antigo regime. O folheto anónimo é, portanto, um filho da saudade.

UMA OPINIÃO

De uma entervista com José Rabaça:

. «A propósito de ocupações, gostaria que referisse o caso concreto da «A Penteadora», caso que, segundo supomos, conhece. De facto estivemos lá e parece que, mesmo com a ocupação, a viabilidade económica da empresa se mantém...

«Não tenho dados concretos em relação ao problema de «A Penteadora» para me poder pronunciar, mas é natural que essa empresa ao longo do ano de 1975 tenha prejuízo e, portanto, demagogicamente, isso poderia ser aproveitado para dizer «Ora aí está o que resulta de uma transferência de uma gestão clássica para uma gestão nova.» Seria demagógico porque admito que com a gestão clássica os prejuízos existissem na mesma.

«Conheço os proprietários da empresa, a família Garrett. E uma empresa bem equipada, que procedia em termos normais na indústria de lanifícios, não pagava nem mais nem menos do que os contratos mandavam pagar, tinha uma capacidade financeira acima do normal. Tenho a impressão portanto de que não havia conflitos baseados em procedimentos menos certos por parte do patrão. Estavam em curso investimentos que em Abril de 74 foram mantidos, para os quais eram necessários empréstimos da banca que eram garantidos pelos bens particulares da família proprietária.»

A QUINTA

Num comunicado difundido por altura dessas lutas, chamava-se a atenção dos trabalhadores da Quinta para que se não deixassem manobrar por interesses partidários. «Embora na nossa Comissão de Trabalhadores haja pessoas com diversas simpatias partidárias, a verdade é que a nossa luta não obedece a qualquer orientação» — garantia-se.

De acordo com o mesmo texto, o desenvolvimento da luta foi beneficiado por todo este processo, já que até elementos das Forças Armadas e de orga-

sido bem compreendida, mas a situação então criada foi imediatamente sanada com a presença das Forças Armadas e de representantes do Ministério do Trabalho.

É de grande importância a questão que a Quinta da Vargem levantou e ainda levanta.

Alguns números

. Entre lãs e fibras, «A Penteadora» tem uma capacidade de produção de cinco toneladas por dia. Os armazéns de matérias-primas têm, para bom funcionamento da firma, 350 toneladas em «stock».

Uma barragem privativa, com quatro geradores, fornece 15 milhões de quilovátios por ano. A energia que não é consumida pela unidade industrial é vendida à União Eléctrica das Beiras.

A tinturaria tem capacidade para tingir três toneladas e meia de tecidos por dia. Uma ribeira fornece excelentes águas que trazem a neve escorrendo da montanha e leva a poluição resultante do funcionamento da fábrica.

Vinte mil fusos, e quatro máquinas de fiar [illegible] última palavra, asseguram uma produção diária de quatro toneladas. Na cardação, seis cardas e 2500 fusos asseguram outra secção.

Uma centena de modernos teares, um laboratório detector de imperfeições, e outro equipamento, garantem uma unidade completa: agora nas mãos do País, porque nas mãos dos trabalhadores.

Geral

UM DEBATE ACTUAL

Reestruturação da banca - como é?

. Um ano depois da nacionalização dos bancos continuamos à espera da reorganização do sistema bancário, que depende naturalmente da reorganização do sistema financeiro, cuja definição está dependente das opções políticas.

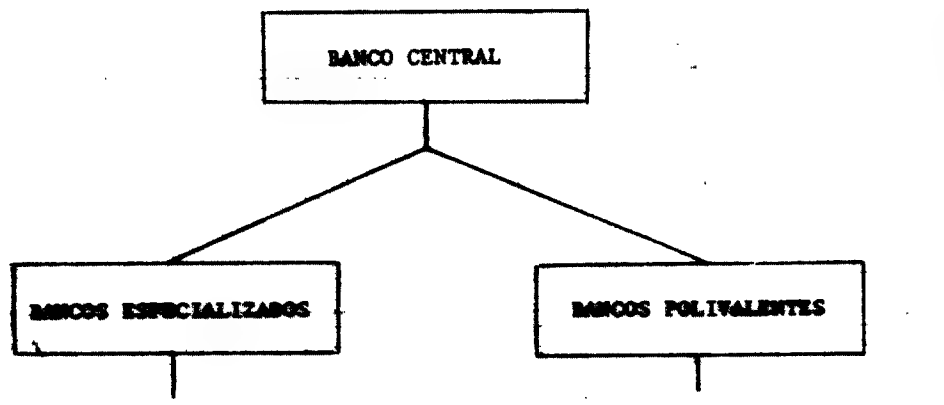
A construção da sociedade socialista, que as massas trabalhadoras já demonstraram clara e inequivocamente desejar, exige e depende, em grande parte, das acções que forem desenvolvidas para a reestruturação dos sistema bancário, segundo se afirma na introdução a dois trabalhos sobre a reestruturação da banca elaborados pelos técnicos do Banco de Fomento Nacional e pelo dr. Palmeiro Ribeiro, membro da Comissão de Reestruturação do Sistema Bancário, em representação do Ministério das Finanças trabalhos esses distribuídos aos elementos desta comissão e aos sindicatos, e dos quais extraímos o presente resumo.

O sistema bancário segundo o Decreto-Lei n.º 132-A/75, de 14 de Março constitui a alavanca fundamental do comando da economia e é por meio dele que se pode dinamizar a actividade económica, pois daí depende a criação de novos postos de trabalho, a mobilização das poupanças e a sua orientação para investimentos que visem dar satisfação às reais necessidades da população portuguesa e apoiar as pequenas e médias empresas.

O estudo do dr. Palmeiro Ribeiro afirma que a reestruturação do sistema bancário é uma tarefa delicada, devendo ser objecto de muita ponderação e processada tendo em consideração que o crédito, tanto interno como externo, de que o mesmo tem usufruído tradicionalmente deve ser salvaguardado.

A proposta do Banco de Fomento afirma, por seu lado, que o sistema financeiro numa economia e sociedade socialista adquire uma natureza distinta das instituições financeiras do capitalismo. E isto porque, seno o socialismo um sistema produtor de valores de uso, adquire primazia a sequência MercadoriaDinheiroMercadoria, desempenhando a moeda um função instrumental. Pelo contrário, no modo de produção capitalista, em que a ênfase reside na sequência Dinheiro-Mercadoria-Dinheiro, como processo ajustado das relações de classe e produção de valores de troca inerente àquele modo de produção, o sistema financeiro adquire autonomia por si mesmo e longe de constituir um instrumento, emerge como sede privilegiada do domínio do capital, precisamente no seu estádio mais avançado — o domínio do capital financeiro. O sistema financeiro do capitalismo constitui sede própria do poder e não se subordina, na essência, aos processos «reais» de produção e da distribuição, antes substancialmente os comanda. A actividade **decisional** sobre a concessão de crédito é uma actividade inerente à natureza de uma instituição financeira capitalista. O sistema financeiro do socialismo *serve* os fluxos «reais» do investimento, da produção da distribuição e do consumo, mas não comanda nem necessariamente participa das decisões que configuram aqueles fluxos «reais». Mas, se a instrumentalidade e a subordinação emergem como traços essenciais do sistema, em socialismo, avoluma-se por outro lado a sua função de controlo da observância da execução do plano (ou planos), controlo através da moeda, sobretudo da moeda escritural.

A nacionalização do sistema bancário, inserida num processo de transição para o socialismo, coloca obviamente problemas de *reconversão organizativa do sistema* e bem assim problemas de *reconversão dos comportamentos*. A médio prazo, afirma a proposta de reestruturação do Banco de Fomento e tendo em atenção organização administrativa e económica global de que se deve revestir a sociedade portuguesa, no mesmo período, a configuração do sistema financeiro deve caracterizar-se pelos seguintes dados: ao nível de *reconversão reoganizativa* a diminuição do número de instituições não deverá ultrapassar



um dado grau de concentração muito menos se vendo vantagem na porposta de uma meta de banco único ou sistema monobancário; ao nível de *reconservsão dos comportamentos* não deverá passar-se da situação de sujeito autónomo e dominante na manipulação de moeda e do crédito para a situação de sujeito passivo totalmente subordinado à mera contabilização dos fluxos económicos «reais», tratando-se antes de passagem da primeira situação para uma outra bicaracterizada: atribuição *vinculada e subordinada* do financiamento ao sector público ou publicamente controlado e aos projectos do sector privado ou autogestionário,suficientemente identificados no Plano e aí incluídos com feição imperativa; decisão autónoma no que às demais áreas de financiamento se refere, autonomia contudo inserida nas directrizes de política económica geral, sectorial e regional contidas no Plano ou em programas conjunturais e inserida também nas linhas de política financeira que cada instituição estabeleça.

Os critérios que devem presidir à *reorganização* do sistema bancário segundo esta proposta, são os seguintes:

. a) — O sistema deve ser integrado por instituições onde claramente se verifique o benefício de *economias de escala*. Este critério conduzirá por certo à diminuição (por fusão) do número de bancos especializados nas operações a curto prazo.

b) — As instituições do sistema serão dotadas de personalidade jurídica com consequente *responsabilidade de gestão* nos termos que os respectivos estatutos definirem. Socialismo ou trânsito para ele, não significa irresponsabilidade a coberto da diluição num amplo corpo público.

c) — O sistema deverá acolher o princípio da *especialização funcional* das instituições. O princípio do «banco comserviçocompleto»pertence à lógica da concorrência capitalista; o princípio da racionalização insere-se na racionalidade socialista. Convém separar as instituições que financiam o *funcionamento* das unidades produtivas dos que financiam o *investimento*; e de entre estas convém autonomizar as que se dirigem ao financiamento de *tipos específicos d investimento*.

d) — Substituição da atitude concorrencial capitalista *por conceitos de eficácia socialista*. A eficácia socialista tem de assentar na economia progressiva de meios e sua racionalização e no conceito de serviço a prestar aos utentes.

e) — Importa reorganizar a implantação do sistema no território, suprimindo pontos de implantação, suprimindo pontos de implantação parasitários e criando novos balcões, à luz de um conceito de serviço a distâncias razoáveis a prestar às populações.

f) — *Racionalização dos circuitos internos de captação de fundos* e unificação dos circuitos de captação de poupança externa;

. g) — *Decisão centralizada quanto à veiculação dos fundos* (captados ou respectivas transferências parciais) para as várias instituições do sistema. Esta competência decisória deverá sediar-se no núcleo central do sistema e repartir-se pelos seus dois pólos Tesouro e Banco Central.

h) — *Atribuição do finaniamento suborinado às directivas do Plano* e às directivas públicas da política económica, na parte em que as aludidas directivas constituem normas precisas e vinculativa, suficientemente identificadas.

i) — *Autonomia de apreciação e atribuição do financiamento* na parte restante à luz da política de crescimento ou da política conjuntural inferida de planos gerais ou parciais, e ainda segundo políticas próprias de cada uma das instituições (de natureza sectorial, regional ou de definição de critérios de risco) que continuem aprofundem as políticas de desenvolvimento definidas pelo governo.

j) — Finalmente o esquema global de reestruturação do sistema financeiro deverá abarcar *e ter em conta a existência de diversos fundos públicos autónomos*, considerando a respectiva extinção, manutenção, associação ou incorporação noutras instituições.

O núcleo central deste esquema apresentado pelo Banco de Fomento é constituído pelo Banco Central e pelo Tesouro. O primeiro com as suas funções de «banqueiro do sistema» e de centralizador das relações cambiais e das transacções com o exterior. O Tesouro, desempenhará funções de distribuidor de fundos, em especial para a parte do sistema aposta ao financiamento do investimento, continuando o responsável último pela política monetária e financeira.

. As modificações estruturais do sistema bancário e as especializações das instituições de crédito, que não devem efectuar-se, operar-se, de forma a que não seja afectada a confiança dos seus depositantes, nem a sua eficiência, nem diminuida a sua capacidade de crédito externo, devem subordinar-se, segundo a proposta do dr. Palmeiro Ribeiro às seguintes linhas orientadoras:

. — Reestruturação do sistema bancário visando a *sua integração num modelo de organização da nossa economia*, em que o Plano assuma funções de relevo;

. — *Especialização funcional das instituições* de crédito, visando a sua mais correcta intervenção nos mercados monetários e financeiros e a eficácia da sua actuação no apoio aos grandes sectores da actividade económica nacional;

. — *Manutenção das condições de concorrência* entre instituições em domínios menos especializados, nomeadamente na recolha de poupanças e prestação de serviços visando maior eficácia e dinamismo no sistema com a diminuição do efeito monopolistico;

. — Racionalização e *optimização das condições de funcionamento* e exploração das instituições de crédito;

. — *Racionalização da cobertura bancária nacional...;*

. — Criação de serviços *centraliados de apoio* ao sistema e desenvolvimento da cooperação entre instituições.

Os bancos populares serão segundo a nossa interpretação, bancos regionais, sujeitos ao controlo do Estado através da União dos bancos populares, em que estarão também interessada as cooperativas, as P.M.E. e os artesões da região.

LEMBRA MICHEL ROCARD

"A economia é rigorosa"

«A economia é rigorosa e no seu campo não se podem cometer riscos» — afirmou Michel Rocard, dirigente do Partido Socialista Francês e economista de renome mundial, durante uma conferência de Imprensa e a propósito da situação económica portuguesa.

Michel Rochard, que se encontra no nosso País a convite do Instituto de Aperfeiçoamento Técnico Acelerado, declarou que uma das deficiências da economia portuguesa era a de não nos conhecermos bem, isto em termos de planificação, estatísticas, estruturas, etc. Se os países socialistas da Europa, e não só, estão interessados em ajudar Portugal, isso não chega, pois tal como disse Mao Tsé-Tung os povos têm de contar com as suas próprias forças e possibilidades. Devido à sua situação geográfica e posição internacional, Portugal não pode contar muito com o auxílio do exterior. É preferível não procurar investimentos estrangeiros maciços e tudo ser controlado por Portugal do que aceleramentos que conduzem, historicamente, à dependência dos países altamente desenvolvidos.

No final das suas respostas às perguntas dos jornalistas Michel Rocard alertou os presentes para o perigo de Portugal se deixar estrangular economicamente e, a suceder assim, jamais se poderá falar de socialismo no nosso País.

NOTA OFICIOSA

A Secretaria de Estado do Abastecimento e Preços remeteu-nos para publicação a seguinte nota oficiosa:

Perante a gravidade dos acontecimentos ocorridos em 15 de Janeiro no matadouro de Arrentela (concelho do Seixal), em que uma brigada da fiscalização económica foi sequestrada por um numeroso grupo de talhantes do concelho, os quais pretendiam com este acto fazer chantagem para que a fiscalização económica não actuasse no sector de carnes e permitisse aos talhantes a prática de preços arbitrários, a Secretaria de Estado do Abastecimento e Preços torna público o seguinte:

«1. Foi remetido ao tribunal da comarca do Seixal um processo-crime em que são arguidos Manuel Francisco da Silva Costa e Adelino Baptista Portugal, entre outros, por crime de desobediência à autoridade, injúrias e cárcere privado.

2. A brigada de fiscalização conomica da zona de Setúbal deslocara-se ao matadouro de Arrentela para a realização de diligências relacionadas com a investigação de um crime de especulação, e no local foi detida por um numeroso grupo de talhantes que exigiram que as brigadas da fiscalização económica não actuassem contra os talhantes encontrados em especulação, o que, obviamente, não podia ser aceite pelos fiscais.

Esta detenção só cessou graças à intervenção da Guarda Nacional Republicana.

3. É de salientar o apoio dado à brigada da fiscalização económica por várias comissões de moradores do Seixal, as quais, além da sua presença em protesto pela detenção da brigada, fizeram sentir à autoridade local o seu desejo de que fossem tomadas providências para que a brigada fosse libertada.

4. Verificou-se que alguns dos arguidos, que já estão identificados, têm um abastro de crimes de especulação e infracção antieconómica.»

MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Biblioteca Nacional de Lisboa

Vigilância das Instalações

Está aberto concurso público, pelo prazo de 15 dias, a contar da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», para a vigilância das instalações da Biblioteca Nacional de Lisboa, Rua Ocidental do Campo Grande n.º 83 a efectuar durante o ano de 1976.

O caderno de encargos existente no Serviço de Contabilidade da Biblioteca Nacional, pode ser consultado todos os dias úteis às horas de expediente.

Estrangeiro

Discurso de Arias Navarro

Reformas em Espanha anunciadas nas Cortes

. MADRID, 28 — (R) — O primeiro-ministro Carlos Arias Navarro anunciou hoje que a Espanha estabeleceria um Parlamento de duas Câmaras e levantaria uma proíbição sobre todos os partidos políticos excepto os comunistas e os anarquistas.

Num discurso político às Cortes (Parlamento), há muito aguardado, prometeu também afrouxar algumas restrições sobre a liberdade de expressão, reunião e manifestações.

Mas disse que o Governo pós-Franco não toleraria a anarquia nem a desordem.

O Partido Comunista é considerado por observadores políticos como uma força relativamente poderosa no país, mas julga-se que os anarquistas não possuem muitos adeptos.

Arias Navarro declarou que as leis sobre a sucessão real seriam revistas para permitir ao príncipe Felipe, de 7 anos de idade, filho do rei Juan Carlos, assumir o trono antes de ter 30 anos e autorizar que a rainha ou uma filha governassem se fosse necessário.

Prometeu descentralizar o Governo e dar uma maior autonomia a minorias como os bascos e os catalães.

O Governo estava decidido a instituir uma democracia de estilo espanhol — disse.

Mas não anunciou um referendo para alterar a Constituição e não disse se qualquer das duas Câmaras do Parlamento seria eleita por sufrágio universal.

Milhões de espanhóis observaram Arias Navarro na Televisão quando este anunciou as suas reformas políticas às Cortes.

Arias Navarro afirmou que seriam adoptadas reformas tributárias para obter uma maior justiça social e tomadas medidas para solucionar problemas económicos que provocaram sérios distúrbios laborais em Espanha.

O primeiro-ministro reafirmou o desejo da Espanha de entrar para o Mercado Comum Europeu e o seu interesse na admissão na Organização do Tratado do Atlântico Norte (N.A.T.O).

Sobre a questão de Gibraltar, declarou que a Espanha prosseguiria a sua reclamação ao território controlado pela Grã-Bretanha através de negociações.

ENTREVISTA DE CARRILLO CENSURADA

Entretanto, o Governo espanhol censurou ontem uma longa entrevista com o exilado dirigente do Partido Comunista Espanhol, Santiago Carrilo, na última edição do semanário liberal Guadiana».

«Recebemos ordem para eliminar a capa e seis páginas da entrevista» — declarou um informador da revista.

Foi a primeira vez que o Governo censurou um artigo político desde que o general Franco morreu em Novembro passado.

O Governo prometera maior liberdade de Imprensa como parte das reformas para colocar a Espanha a par da Europa Ocidental.

Carrillo foi entrevistado pela revista em Paris.

Conferência proibida

. MADRID, 28 — (FP) — As autoridades proibiram, ontem, uma conferência do economista Ramon Tamames, professor da Universidade de Madrid e personalidade muito conhecida da oposição democrática — soube-se através de fonte bem informada.

A conferência, que tinha por tema «crise económica e futuro democrático», fora organizada por um lar universitário madrileno, de colaboração com um grupo de empresas. As autoridades não forneceram nenhuma explicação acerca desta proibição.

Desmentida colaboração do Papa com a C.I.A.

. CIDADE DO VATICANO, 28 — (ANOP) — O Vaticano rejeitou ontem, apelidando de «ficção política» e romances de mistério, notícias vindas a lume na revista italiana «Panorama» segundo as quais o Papa Paulo VI teria colaborado com a CIA quando era funcionário da Secretaria de Estado do Vaticano.

«Trata-se de ficção política» — afirmou Federico Alessandrini, porta-voz do Vaticano a propósito da notícia. «Não temos tempo para perder com romances de mistério».

Alessandrini acrescentou que uma notícia semelhante sobre contactos entre o Papa e a CIA foi já desmentida anteriormente.

Citando um livro intitulado «Os Americanos em Itália», que deve surgir em breve no mercado, a revista «Panorama» afirma que alguns funcionários da Secretaria de Estado do Vaticano colaboraram entre 1942 e 1950 com o departamento norte-americano de serviços estratégicos e a CIA.

Os autores do livro, Marco Fini e Roberto Faenza, baseando-se no que dizem ser documentos oficiais da Secretaria de Estado norte americana, afirmam que alguns elementos fornecidos pelo Vaticano aos serviços secretos norte-americanos foram dados por mons. Giovanni Battista Montini, o actual Papa.

A revista italiana diz que mons. Montini informou em 29 de Março de 1947 a Embaixada norte-americana em Roma sobre «actividades subversivas dos comunistas» em Itália.

A «Panorama» acrescenta que o Vaticano colaborou com a CIA para provocar em 1948 a cisão no movimento operário italiano, então dominado pelos comunistas, para apoiar forças anticomunistas na campanha eleitoral desse ano e para subsidiar algumas facções do partido Democrata-Cristão italiano.

Nove países comunistas reforçarão a luta contra o imperialismo

VARSÓVIA, 28 — (FP) — Os nove países comunistas que participaram na conferência celebrada em Varsóvia declaram-se decididos a reforçar «a luta contra as tentativas de deformação do teor da política interna e externa dos países socialistas».

O comunicado final, publicado ontem em Varsóvia, precisa que estes países reforçarão também o seu combate contra «a ideologia e a propaganda reaccionária imperialista, contra a política de força e de imposição, contra o colonialismo e o neocolonialismo, o anticomunismo, o fascismo e o racismo».

Exprimem, por outro lado, a sua «solidariedade com a luta do povo da República Popular de Angola pela liberdade e a independência».

O comunicado acentua, além disso «os progressos reais da cooperação ideológica multilateral e bilateral dos partidos irmãos nos domínios do marxismo-leninismo e do internacionalismo socialista».

«Tudo o que conduz à cooperação pela realização dos objectivos da construção do socialismo e do comunismo em cada país tem influência positiva na consolidação da homogeneidade dos países da comunidade socialista e sua cooperação na arena internacional» — acrescenta o comunicado.

Os participantes dizem-se «prontos a agir com vista à realização de todos os princípios de todas as tarefas constantes da acta final da conferência pan-europeia de Helsínquia e a apoiar todas as forças sociais que ajam neste sentido».

Impasse na crise política italiana

ROMA, 28 — (R.) — O primeiro-ministro designado, Aldo Moro, a braços com um aparente impasse, talvez abandone hoje as suas tentativas para formar um novo Governo italiano.

Fontes dignas de crédito declararam a noite passada que, após duas semanas de negociações, aquele estava a considerar entregar o seu mandato ao presidente Giovanni Leone.

Aldo Moro fracassou em tentativas sucessivas para cimentar um novo gabinete de coligações agrupando os seus democratas-cristãos com, respectivamente, os socialistas, os socialistas e republicanos, e os republicanos e sociais-democratas.

Numa tentativa final para evitar eleições gerais antecipadas que paralisariam o Governo numa altura em que o país, está a atravessar uma grave crise económica e monetária, Aldo Moro tem estado agora a tentar formar um Governo cristão-democrata minoritário.

Mas as fontes disseram que membros proeminentes do seu partido se insurgiram contra tal solução.

Crêem que o Governo teria de tomar medidas económicas impopulares pelas quais os democratas-cristãos seriam responsabilizados pelos eleitores.

As fontes acrescentaram que, por outro lado, não era previsível o apoio de outros partidos, necessário para que tal Governo funcionasse.

A chefia democrata-cristã reúne-se hoje para examinar a situação.

Observadores declararam que aquela poderia decidir pedir um voto de confiança parlamentar para o gabinete de Aldo Moro que apresentou a sua demissão há três semanas.

Isto equivaleria quase certamente a convocar eleições gerais antecipadas, uma vez que existem poucas perspectivas do antigo Governo sobreviver a tal votação.

Alternadamente, a chefia poderia pedir a outro democrata-cristão que formasse um gabinete minoritário. Um dos principais problemas de Aldo Moro é a profunda hostilidade que enfrenta dos socialistas. Como terceiro maior partido de Itália, o seu apoio é vital para qualquer Governo.

Caleidoscópio

LOPEZ REGA

BUENOS AIRES, 28 — (F.P.) — O juiz federal argentino Alfredo Nocetti Fasolino pediu por via diplomática à justiça espanhola que o informe a respeito do eventual falecimento de Lopez Rega, em Novembro passado, às mãos da polícia espanhola.

DIVERGÊMCIA

LONDRES, 28 — (F.P.) — Terminaram ontem à noite as negociações anglo-islandesas quanto à pesca do bacalhau, sem que se saiba se os dois países resolveram a sua divergência.

CONDENAÇÃO

BERLIM ORIENTA, 28 — (R) — Um tribunal de Berlim Oriental condenou o berlinense ocidental Rainer Schubert, de 29 anos, a 15 anos de prisão, por ajudar quase 100 alemães orientais a fugir para o Ocidente e sabotar o Estado comunista da Alemanha Oriental.

PETRÓLEO

AMÃ, 28 — (ANOP) — A Arábia Saudita está prestes a chegar a acordo para a nacionalização completa da companhia petrolífera Aramco anunciou a Rádio de Riad, captada em Amã.

«FRACASSO»

PEQUIM, 28 — (F.P.) — A China considera um «fracasso» a recente visita a Tóquio do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, e felicitou o Japão por não ter «cedido às pressões de Moscovo».

LUTA NO SARA

Marroquinos aprisionaram 12 soldados argelinos

. ARGEL, 28 (R.) — O Governo argelino decidiu tomar «um certo número de medidas», após a batalha travada ontem entre forças marroquinas e uma unidade do Exército argelino adentro do Sará Ocidental — anunciou a agência noticiosa oficial A.P.S.

A agência não forneceu qualquer sugestão sobre qual a acção em que a Argélia pensava, mas a fraseologia do comunicado indicava algo pouco inferior a uma resposta militar em grande escala.

A A.P.S. noticiara antes que se travava luta renhida, após os marroquinos atacarem uma unidade do Exército regular argelino perto de Amgala, um oásis a cerca de 300 quilómetros a oeste da fronteira da Argélia.

A unidade levava víveres e medicamentos para a população sariana.

Argel permaneceu oficialmente silenciosa acerca de notícias marroquinas de que 12 soldados argelinos foram aprisionados e que Amgala se achava agora sob domínio marroquino.

As notícias dos combates de ontem foram o primeiro reconhecimento oficial em Argel de que soldados argelinos tinham chegado mesmo a entrar no Sará Ocidental em que Marrocos e a Mauritânia substituiram a Espanha como potências gestoras nos termos de um acordo firmado em Novembro.

No entanto, é um segredo de polichinelo que a Argélia, que se opôs ao pacto e apoia os guerrilheiros nacionalistas do território, a Frente Polisário, tem aumentado enormemente os seus efectivos militares ao longo da fronteira.

Até ontem, todas as escaramuças no deserto eram anunciadas em Argel como obra da Frente Polisário, que pretende a independência do território. Essas notícias diziam que guerrilheiros da Polisario tinham morto um total superior a mil soldados marroquinos e mauritanos, desde o outono.

Marrocos sugeriu, porém, na segunda-feira, envolvimento argelino, quando anunciou que um dos seus caça-bombardeiros F-5 tinha sido abatido por um míssil SAM-6, de fabrico soviético, quando sobrevoava a Mauritânia, perto da fronteira com a Argélia.

Forças regulares de Marrocos e da Argélia estiveram empenhadas durante um mês numa guerra fronteiriça em 1963.

PUB

ORGANIZAÇÃO PRÓ-SINDICAL DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA

AOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA

A Comissão Dinamizadora, depois de apreciar as reclamações sobre as votações das «Normas para o Processo de Constituição Legal do Sindicato e Aprovação dos Estatutos», decidiu:

1. Proceder às rectificações requeridas pela Direcção-Geral das Construções Escolares e pela Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros.
2. Aceitar os resultados das votações da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, da Direcção-Geral do Comércio Interno, do Serviço de Apoio ao Desenvolvimento Agrário, do Hospital de St.º António dos Capuchos, do Liceu Nacional de Oeiras, do Laboratório de Electroquímica do INII e da Inspecção de Seguros.
3. Suspender, até ulterior resolução, os resultados dos seguintes organismos:

Emissora Nacional (impugnado por trabalhadores da Emissora Nacional)
Escola Industrial e C. de Vila Franca de Xira (impugnado pelo projecto de estatutos C)
Escola Prof. Delfim Santos (impugnado pelo projecto de estatutos C)
— Escola Industrial Fonseca Benevides (impugnado pelo projecto de estatutos C)
— Escola Ind. e Comercial de Torres Vedras (impugnado pelo projecto de estatutos C)
Hospital de St.ª Maria (impugnado pelo projecto de estatutos C)

e do Plenário realizado na Escola Preparatória Afonso de Albuquerque (impugnado pelo projecto de estatutos C).

Lisboa, 27 de Janeiro de 1976

A COMISSÃO DINAMIZADORA

Espectáculos

CRÍTICA DE TEATRO

O Grupo de Sete Rios representa Miguel Barbosa

«UMA FLORA NA MORÁVIA», de Miguel Barbosa. Espectáculo feito por: João Vieira, João Gonçalves, Orlando Silva, Carlos Alberto, Paula Mora, Arnaldo Ribeiro, Paulo Oliveira e Carlos Marques. «O Grupo». Salão das Furnas. 16/1/76.

Referi-me há meses a este grupo amador de Sete Rios a propósito de um espectáculo com um texto de Mrozek, «No Alto Mar» Elogiei então o acerto da encenação e até o rigor da interpretação. Infelizmente, estas qualidades desapareceram por completo deste novo espectáculo. O texto prolixo, confuso e confusionista, em que a poesia é sempre de pechisbeque, a filosofia sempre de almanaque, e os aspectos pretensamente surrealistas um equívoco (é certamente o pior texto de Miguel Barbosa) dificilmente podia ser defendido por um grupo de amadores demasiado incipientes e incapazes de fazerem o prévio trabalho dramatúrgico que se impunha. Sem uma encenação minimamente capaz e sem uma direcção de actores que corrigisse erros demasido gritantes (como é o caso do actos que passa a vida precisamente aos gritos), este espectáculo não se inscreve, de maneira nenhuma, no teatro amador que interessa fazer. Com uma agravante (aparente): ter sido o texto escolhido em função dos brilharetes que parece permite a alguns intérpretes.

Como acontecera com o espectáculo anterior, o Salão das Furnas estava quase vazio. Para além do facto de não ser com espectáculos como este que se poderão mobilizar o público popular, é necessário que este grupo, como outros, tenha em conta a necessidade de fazer um trabalho de animação junto dos habitantes do respectivo bairro. Trabalho que pode consistir em coisas simples, como recitais de canções e poesia, filmes, sessões de crítica de teatro na televisão, por exemplo. Até culminar num trabalho colectivo de criação teatral.

MARIA VITÓRIA

TODOS OS DIAS

2 SESSÕES

Não aconselhável a menores de 18 anos

em novos horários:

1.ª SESSÃO, às 20.30
2.ª SESSÃO, às 22.45
terminando os espectáculos à 1 hora

Força, Força,

Camarada Zé!

FLORBELA em «A Visita da Velha Senhora»

Salvador•Florbela Henrique Santana

Vítor Mendes
Carlos Gonçalves

Atracção:
Cidália Moreira

LOURDES LIMA ★ DANIEL GARCIA ★ ODETE ANTUNES ★ NELA DUARTE ★ IGOR SAMPAIO ★ AIDA GOUVEIA à frente de um grande elenco e de um corpo de baile internacional

●

AOS DOMINGOS E FERIADOS
«MATINÉE» às 16 horas
Às 2.as-feiras: Descanso da Companhia

●

TEATRO INFANTIL
AOS SÁBADOS
às 16 horas (para todos)
«O PRÍNCIPE DAS ORELHAS DE BURRO»

●

Entradas a 10$00, 15$00 e 20$00 (SÓ!)

1.º Festival amador de canto livre

. O I Festival Amador de Canto Livre, em Lisboa, terá lugar no dia 7 de Fevereiro, organizado pela União da Juventude Comunista.

Este festival surge com o principal objectivo de encontrar novos valores do Canto Livre e reforçar os laços de amizade e fraternidade que unem os jovens na luta antifascista.

Os trabalhos, em pauta musical ou fita magnética gravada, em sobrecrito fechado, deverão ser entregues até ao próximo dia 30, nas sedes ou centros de trabalho da UJC. Terminado este prazo, os trabalhos serão seleccionados pela comissão organizadora do festival e por um júri, que apurará dez canções.

As canções apuradas serao apresentadas perante um júri composto por compositores, intérpretes, escritores e críticos, no próximo dia 7 de Fevereiro, pelas 21 h, na Academia de Santo Amaro.

CANÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Entretanto, e também por iniciativa da UJC, está em curso a organização de um Festival da Canção Revolucionária, no concelho de Oeiras, aberto a todos os jovens que queiram concorrer.

As canções apuradas por um júri serão apresentadas no dia 1 de Fevereiro, na CEL-CAT, Venda Nova, Amadora.

Teatro Maria Matos

A RTP apresenta

«SCHWEYK NA II GUERRA MUNDIAL»
de Bertolt Brecht
com
RAUL SOLNADO
no protagonista

Todos os dias às 21.30 horas — Domingos «matinées», às 16 horas. Segunda-feira — Descanso da Companhia
Bilheteira Tel.: 897017
A.B.E.P. Tel.: 328823
Não aconselhável a menores de 13 anos

Em ALTER DO CHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TIPOGRAFIA TRIUNFO Rua do Álamo 12

CARLOS PORTO

Seminário sobre "Jazz" encerra com Gunther Hampel

. Com um concerto a realizar hoje, pelas 21.30 h, no Instituto Alemão, encerra o seminário sobre «jazz» que tem estado a decorrer sob a orientação do «jazzman» Gunther Hampel.

O seminário, organizado por aquele Instituto com a colaboração do Hot Clube de Portugal e da Direcção Geral dos Assuntos Culturais, encerra com uma exibição pública na qual tomam parte Gunther Hampel e os participantes do curso.

A vinda de Gunther Hampel a Lisboa para reger este seminário especialmente dedicado aos músicos portugueses interessados na linguagem musical designada por «jazz», marca o início de uma colaboração entre o Instituto Alemão e o Hot Clube.

Em Portugal, o interesse pelo «jazz» tem vindo a crescer nos últimos anos. O Festival Internacional de Cascais, pelo número e qualidade de executantes que tem trazido e o esforço de divulgação, que vai da sessão fonográfica comentada à organização de concertos «ao vivo», que o Hot Clube de Portugal tem vindo a desenvolver há 25 anos, são os dois factores fundamentais que explicam esse facto.

Nos últimos anos, o número de executantes portugueses dedicados ao «jazz» tem aumentado. O êxito do Quarteto Araripa no 5.º Cascais «Jazz» pode ter sido altamente significativo e estimulante para os músicos nacionais.

A carência de professores e a não existência de músicos afro-americanos residentes, tem feito que os executantes portugueses sejam praticamente autodidactas.

A deslocação a Portugal de Gunther Hampel, fundamentalmente para contactar com músicos portugueses, reveste-se portanto de grande importância.

O Festival de «Jazz» de Cascais tem sido o principal fomentador do recente interesse dos portugueses por este tipo de música

Lady Randolph Churchill inspira nova série da TV

. Lady Randolph Churchill, mãe de «sir» Winston Churchill, inspirou a série televisiva «Jennie», cuja transmissão a RTP inicia hoje, pelas 21 h., no I Programa.

--«Jennie» é o título da série e é o nome da personagem (real) que a anima: Jennie Jerome — uma mulher americana, bela, que se tornou famosa a partir do momento em que desposou o «lord» Randolph Churchill, filho do duque de Marlboroug. Esposa de um político que teve pouco tempo para mostrar que o era (a morte arrebatou-o quando jovem) viria a ser mãe do mais célebre dos políticos ingleses contemporâneos, e esse sim, um político de excepcional envergadura: Winston Churchill.

Sendo um filme sobre a vida de uma atraente mulher, «Jennie» é, simultaneamente, um quadro sugestivo da sociedade inglesa das primeiras décadas deste século e, em particular, das camadas políticas dirigentes. Nele se verá a influência tida por Lady Randolph Churchill na carreira do que viria a ser «sir» Winston.

Os episódios cobrem a vida de Jennie desde a sua juventude em Paris, por alturas da queda do III Império, até à sua morte em 1921 — trazendo para a cena as andanças de muitas das mais importantes figuras políticas da classe dirigente inglesa desta época.

Ao longo da sua vida, Jennie escreveu numerosas cartas. Julian Mitchell inspirou-se nessa correspondência para escrever o argumento a partir do qual James Cellan Jones realizou para a Thames Television International os vários episódios do telefilme com o qual, a TV inglesa assinalou, em 1974, o centenário do nascimento de Winston Churchill.

LEE REMICK É JENNIE

Uma estrela de Hollywood, Lee Remick, interpreta a figura de Jennie. E fê-lo com a segurança que está apenas ao alcance das artistas com grande experiência cinematográfica, como é o seu caso. Quando da estreia em Londres, o crítico do «Times» escreveu: «... notável, brilhante é a interpretação confiada a Lee Remick. Meia Londres supôs estar apaixonada pela jovem Jennie, mas eu não tenho dúvidas de que no final do 2.º episódio meia Inglaterra estará apaixonada por «miss» Remick».

Ronald Pickup (R. Churchill), Cyril Luckham (duque de Marlborough) e John Westbrook (lord Blandford) são outros dos intérpretes principais neste 1.º episódio de «Jennie» — uma série que enfileira ao lado das grandes «histórias de famílias» em que a TV inglesa se especializou, notadamente após ter produzido essa inesquecível «The Forsyte Saga».

Lee Remick apaixonou a Inglaterra com a sua interpretação de Ldy Randolph Churchill

«O 1.º EPISÓDIO»

Os pais de Jennie, Leonard e Clara, formavam um casal a que se podia chamar perfeito. Clara, com ambições sociais, mostrava-se, todavia, mais feliz na Europa. Leonard, sempre ansioso por realizar negócios, preferia New York. Nesta medida os dois encontraram uma solução: Clara e as três filhas do casal iriam para Paris. Ali permaneceram até à queda do II Imperio, altura em que tiveram de deslocar-se para Inglaterra.

As jovens filhas do casal, muito belas, eram muito cortejadas. Jennie, entretanto, era a mais assediada. Tocava bem piano, era brilhante em conversação — com um à-vontade que, aos olhos da etiqueta, parecia excessivo — e via-se adorada por homens de todas as idades e nacionalidades. Sempre franca, Jennie flirtava sem receio. Mas só quando encontrou «lord» Randolph Churchill, num baile real, deu por si realmente apaixonada.

Randolph, o filho mais jovem do duque de Marlborough, não mostrara até então grande interesse pelas mulheres. Aos 23 anos, não tinha ainda convicções assentes nem grandes ambições. As suas únicas paixões eram os cavalos e a caça. Mas, naquele baile, fica apaixonado por Jennie, então com 19 anos. No terceiro encontro que têm, «lord» Randolph propõe-lhe casamento...

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

DESCULPEM, ENGALINHO COM ESTAS GALAS

. Aquilo era *tout-paris*. Mais ainda. aquilo era «tout-monde». Estava ali, naquela sala consagrada à mitologia da canção leve (tantas vezes leviana, mas isso é já outra história).

Antigamente, a gente via sempre. Era da *Unicef*, era para ajudar os meninos probezinhos e abandonados de todo o mundo, de maneira que a gente, que éramos muito compreensivos e tínhamos muita pena dos meninos tristes do plainetа terrestre, de todos, menos dos meninos pobres da cintura de lata de Lisboa, de maneira que a gente assistíamos sempre e havia sempre palavras de compreensão e de apresentação muito sentidas e muito sinceras do Henrique Mendes, da Alice Cruz, do Gomes Ferreira, desses ou de quaisquer outros, não me recordo bem. Ai, é verdade, e também cantava a Amália e dizia o Ustinof, ou o Kaye, ou qualquer outro do género que ela era a embaixatriz disto e daquilo _ a embaixatriz do fado a embaixatriz do nosso país, enfim, as coisas amaviosas que os colegas sabem dizer uns prós outros.

Ontem lá voltamos lá à gala da UNICEF, mas antes vimos e ouvimos dizer ao dr. Zenha que, como Cristo, não percebe nada de finanças (ò Cristo, olha do que tu te safaste, se fosse hoje faziam de ti ministro!) ouvimo-lo dizer que não senhor, não estamos nada preocupados com a alteração na cotação do ouro, que o ouro em baixo, ou em cima, para nós era igual ao litro, que a solução para o nosso problema não está aí, a solução está na recuperação económica, nhã-nhã, nhã-nhã.

Ò doutor, eu não quero ser amigo da onça, mas a minha senhora, que é quem me traz a par destas coisas de valores e de preços, está aqui a dizer-me que talvez não seja bem assim, está aqui a dizer-me que, se a cotação do outro descesse a não sei quanto, isso representaria a bancarrota do sistema capitalista mundial. Ora eu, na minha simpleza, cuido que, se a máquina mundial gripasse, como diabo ia fugir disso a pequena máquina lusitana?

. Pelo que lhe aconselho a rever os apontamentos com os seus conselheiros, não vá dar-se o caso de estar a ensinar-nos mal, não por querer, mas por ingenuidade.

Também antes da Gala ouvimos no *Telejornal* o Helder de Sousa (uma das muitas caras novas que por lá germinaram no pós 25 de Novembro) ler que os Estados Unidos estão a rever a sua atitude face à política angolana, vão ou pensam fazer isto e mais aquilo *para contrabalançar a presença soviética em Angola, expressa por exemplo através dos militares cubanos.*

Qualquer dia, quando me apanhar com tempo livre, vou rever o arquivo para fazer a montagem do comportamento da *Televisão* face ao problema angolano. Enquanto isso, não quero perder a oportunidade de mostrar aos meus concidadãos como se trata a informação no *Telejornal*. No trecho citado, repare-se como Cuba não passa de um satélite da União Soviética, a União Soviética a dispor dos soldados cubanos como se seus fossem...

Enfim, uma pequena jóia de malandrice.

É claro que a União Soviética não tem que esconder o seu apoio ao MPLA. Esse apoio é, para a União Soviética, uma questão de coerência. Para a União Soviética a solidariedade com os povos oprimidos não é uma expressão vazia de sentido; é, pelo contrário, a própria alma do regime socialista.

Esse apoio não é de agora: é de sempre. Sempre o MPLA teve a seu lado a União Soviética e os outros países socialistas. Cuba incluída. Aliás, cada país lá sabe a quem ajuda. Já há anos, a União Soviética ajudava Agostinho Neto e os Estados Unidos ajudavam Salazar. A União Soviética ajudava o povo angolano a libertar-se do fascismo, os Estados Unidos ajudavam o fascismo a oprimir o povo angolano. Pois claro, nem podia deixar de ser assim...

O auxílio aos povos oprimidos é um imperativo do regime socialista. Assim se explica a atitude firme da pequena, da Cuba heróica, que não precisa de receber ordens de ninguém para cumprir o seu dever internacionalista. A Radiotelevisão Portuguesa, nacionalizada, ou estatizada, ou governizada, ou lá o que é, não tem o direito de ofender um povo amigo que fez aquilo que outros, porventura com mais responsabilidades históricas, deveriam ter feito.

«O LIVRO É UMA MULHER »

Ah, é claro, a gala da *Unicef*.

Dedicada ao ano internacional da mulher. E como se notava ali o ano internacional da mulher? Principalmente pela presença em massa das mulheres. Mais nada. No resto, igualzinha a qualquer outra. Umas cantiguinhas e pronto, está safa a libertação dos humanos.

Vem a Lana Cantrell, a australiana, uma voz de carícias nocturnas: qué o nosso dia há-de chegar, que um dia haverá um mundo novo, ó Lanazinha, olha que esse mundo novo já vai havendo, tu se calhar la na Austrália, entretida com os cangurus, não dás por isso, mas em Cuba, na Bulgária, no Vietname, na União Soviética, etc., etc., esse tal mundo novo já não é esperança para um dia, é já uma realidade.

E lá continuou o desfile das celebridades femininas e o Ano Internacional da Mulher a servir, quase só, para aquela engenhosa rábula do Ustinov.

Quanto a nós, coube-nos Amália Rodrigues. Amália, que era a embaixatriz do fado, que era a embaixatriz de Portugal _ passou ontem, pela voz de Ustinov, a ser também a embaixatriz das mulheres!!! Meu Deus, como é que uma mulher só pode com tantos cargos diplomáticos?

. Já nos contentávamos que a cançonetista se exibisse bem, mas nem ao menos isso. Extremamente nervosa, deu-lhe para pôr o público a cantarolar em «lá,lá,lá», o refrão de uma cantiga.

Lamentam alguns a longa ausência da fadista. De qualquer modo, para além de lhe proporcionar um período de meditação, tamanha ausência levou-a a refundir totalmente o seu já estafado reportório. As duas canções que ontem estreou _ *Coimbra é uma canção* e *Lisboa antiga* _ vão certamente constituir dois grandes êxitos. O seu conteúdo altamente progressista (revolucionário, pode mesmo dizer-se) apontam-nas como dignas de figurar na antologia para a libertação da mulher. Foram, pois, optimamente escolhidas na comemoração daquele dia internacional do hímen. Para o futuro, no Dia Internacional da Mulher, quando se cantar *Coimbra é uma canção*, canta-se o hino: *o livro é uma mulher, só passa quem souber...*

Madrugala. Canta o galo. Já a gala vai longe, longe, longe. Chatice. Para a outra vez, no Dia Internacional da Mulher, em vez de gala, arranje-se uma galinha. Sempre põe ovos. Ao preço a que estão, é negócio para a UNICEF.

PUB

INQUÉRITO 25 DE NOV.º

O que se passou realmente em 25 Novembro?

Leia o PODER POPULAR de hoje

PUB

S. R.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

INSTITUTO DE APOIO AO RETORNO DE NACIONAIS

AVISO

Comunica-se a todos os interessados que, a partir **do dia 31 de Janeiro do corrente**, e porque as actuais condições de integração dos retornados já o não justifica, deixarão de ser passadas pelos Serviços do IARN :

1 — Requisições de bilhetes para transportes públicos no espaço metropolitano.

2 — Declarações que até agora substituiam as guias de desembaraço e que funcionavam como elementos de identificação.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1976.

O DIRECTOR

Fernando Cardoso do Amaral

Major

PUB

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

A CARRIS INFORMA

PASSES SOCIAIS

A fim de facilitar ao público a aquisição dos bilhetes de transporte para Fevereiro, destinados ao cartão de identificação de assinante, são criados os seguintes Postos de Venda (a título experimental), além dos já existentes :

— Na Estação das Amoreiras (junto à entrada da R. Silva Carvalho).

— Nas Cabinas dos Controladores de :

— MOSCAVIDE
— POCO DO BISPO
— GOMES FREIRE
— CAMPO PEQUENO
— ESTRELA (eléctricos)
— RATO
— BENFICA
— ALGÉS
— SETE RIOS

Estes postos funcionam no seguinte horário :

das 12 às 15 horas e das 16 às 19 horas
Todos os dias (excepto domingos)
De 26 de Janeiro a 3 de Fevereiro

NOTA : Os cartões de identificação de assinante só podem ser requisitados nos postos principais de Santo Amaro, Arco do Cego, Santa Justa e Cabo Ruivo, que funcionam no horário das 9 às 12 e das 13 às 19 horas, de 2.ª a 6. feira.

Hoje

«Pesquisa»

I PROGRAMA

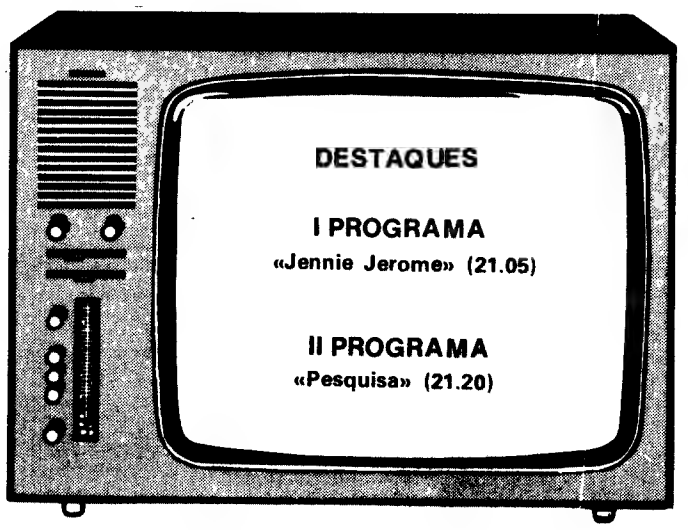
19.00 Abertura e **«Era uma Vez... Três»** — «Sebastião, o Homem das Forças» _ intérpretes: Eunice Muñoz, João Perry e Carlos Cabral — «Barba Papa».
19.25 **Desenhos Animados**
19.45 **Documentário**
20.10 **Vamos Jogar no Totobola** — os prognósticos para o próximo concurso.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do país e do estrangeiro.
21.05 **«Jennie Jerome»** _ série filmada, com Lee Remick.

Jennie Jerome, uma americana que vive em Paris, onde se aborrece encontra num baile lorde Randolph Churchill...

22.05 **O Mundo que Nós Somos** _ o Togo, a escola do Diabo.
22.50 **Telejornal** _ 3.ª edição
23.10 Fecho

II PROGRAMA

20.30 Abertura e série **«Os Robinsons Suíços»**
20.55 **Recital de Piano** — «Gaspard de la Nuit», de Ravel, por Sequeira Costa. Realização de Jorge Listopad.
21.20 **«Pesquisa»** — «Operação Homem de Gelo» com Anthony Franciosa.
22.10 **Telejornal** _ em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
22.40 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período** — **12.45**: Abertura e Da Saúde e da Vida; **13.00**: Vivendo o Futuro — locução de Gina Esteves; **13.15**: Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: «O Golfinho Branco» — série filmada; **14.00**: Logo à Noite — cartaz dos cinemas e Porto e da TV. **Ciclo Preparatório TV** — **14.10**: Língua Portuguesa (1.º ano); **14.35**: Matemática (2.º ano); **15.00**: Francês (1.º ano); **15.25**: Ciências da Natureza (2.º ano); **15.50**: Educação Visual (1.º ano); **17.10**: Matemática (1.º ano); **17.35**: Língua Portuguesa (2.º ano); **18.00**: Trabalhos Manuais (1.º ano); **18.25**: Francês (2.º ano); **2.º Período** — **19.00** «Um mundo novo»; **19.30**: Momento Desportivo; **20.00**: Com todas as Letras; **20.30**: Telejornal _ 2.ª edição _ noticiário do país e do estrangeiro; **21.00**: Momento político; **22.10**: Temas e Problemas; **23.00** Telejornal — 3.ª edição; **23.20**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . . **20.30**: Abertura e Da Saúde e a Vida; **20.45**: Vivendo o Futuro; **21.00**: «Madigan» — «O Ritmo de Harlem» — com Richard Widmark, Marlene Warfield, Robert Moore e Cab Calloway. Realização de Jack Smight; **21.50** . documentário; **22.20**: Telejornal _ em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30; **22.50**: Fecho.

Desporto

A luz não vem do alto

. Já não sabemos como mais adequadamente considerar o pobre e triste rosto do desporto futebolístico, no seu aspecto disciplinar que dando apenas à estampa (quem sabe se para auxiliar no encontro do bom caminho) a leva de castigos aplicados nos sectores mais jovens da prática oficial do chuto.

Atiram-nos para os olhos com alguns dos últimos mapas disciplinares emitidos pela Federação e ficamos siderados, tal o volume de penalidades que vão direitinhas para moços que mal dão o primeiro passo para o amanhã e, logo, vislumbram as carreiras maculadas. Tantas vezes por deficiente formação (carência de apoio no seu circulo de infância, debilidade sócio económico, exemplo caseiro a puxar para o pior) como, acrescente-se, por absoluta falta de correctos técnicos, orientadores e dirigentes em profusão, muito especialmente nas colectividades de menor densidade populacional mas mais aglutinada massa associativa, de cariz bairrista e de cor vincada em excesso.

Semana a semana, é um **ver se te avias**: atitudes incorrectas para com árbitros e colegas de outro emblema «ah, a tristeza de ver em relatórios oficiais a palavra «adversário»...), agressões, faltas de toda a indole (que vão da injúria ao murro e à cabeçada) de tudo é fértil e profusa a montanha de boletins arbitrais que, à falta de outra matéria para julgamento, serve aos disciplinadores do pontapé na bola para aplicação da lei regulamenar.

Há, aqui, uma clara evidência: o atentado contra a mais simples expressão de liberdade do indivíduo, a impossibilidade de meio mundo se poder defender de outro meio, de uma parte de certo universo esgrimir, com a sua verdade, face às palavras alinhadas (mal ou bem) por quem detém as rédeas do jogo. Mas, essa falta aflitiva de um tribunal desportivo, anos a fio prometido e jamais concedido, perdido entre estudos e análises, terá de ficar como anteriormente: no tinteiro da Imprensa, já que os administradores-mores do Desporto português (nessa matéria) não querem, não podem ou não desejam perder na sua efectivação um pouquinho do precioso tempo.

Fica-nos, assim e para lamento, apenas uma possibilidade de enunciar os castigos recentemente saídos da disciplina federativa, directamente dirigidos às camadas de praticantes ainda em idade escolar. E, na simples focagem dos mais duros ou acres, deixar ao leitor toda a margem para dúvida, censura ou julgamento sereno. Desde aquele juniorzinho do Vitória setubalense que foi castigado com suspensão por cinco jogos por «agressão a um adversário» (penalidade aplicada a Diamantino Manuel Fernandes Miranda) até à avalanche de castigos que partiu com o endereço do Leixões, «por injúrias à equipa de arbitragem, atitude incorrecta para com a equipa de arbitragem, injúrias ao árbitro, prática de jogo violento e ameaças de agressão ao árbitro, com sucessão de faltas»), houve de tudo um pouco, como na farmácia mais abastecida. Uma estrela de cintilância muito tremida, a marcar o rumo de seis leixonenses fora de si: Artur Fernando Pinto Ferreira Silva, Joaquim Batista Mendes Pereira, Joaquim José Martins Barbosa, Joaquim Fernando Costa Ribeiro, Jorge Manuel Veloso Madureira e Manuel Carlos Mendes Carvalho.

Evidentemente que, a sombra **exemplar** de episódicos **idolos** barrentos transforma-se, inconcebivelmente, em chama que atrai as borboletas mais novas: daí que a divulgação pública dos castigos raramente tenha, por si só, comando eficaz para um volte-face nos nomes ou figuras atingidos. A luz que vem do alto, de alguns **brilhantes** «internacionais» como de **excepcionais** «dirigentes», usurpa, para um reino nefasto, muitos dos jovens que ora se iniciam no futebol, cativados para a magia de uma bola aos pulos, hábilmente comandada por aquelas pernas e aquelas cabeças e aquelas mãos que, desde os papelinhos coloridos de embrulhar rebuçados até às grandes parangonas da «caixa alta», se transformaram em imans para certo sector da juventude portuguesa.

NEVES DE SOUSA

O«cincominístros»jáé«capitão» do F. C. do Porto...

Cubillas: oitavo nas Américas

O chileno Elias Figueroa, defesa do Internacional de Porto Alegre (Brasil), foi novamente eleito «o melhor futebolista da América», através do referendo anual que o diário «El Mundo», de Caracas, efectua entre os cronistas desportivos latino-americanos.

A mesma distinção já lhe fora concedida em 1974.

Em 1971, quando teve início o referendo, foi eleito o brasileiro Tostão; em 1972, o peruano Teofilo Cubillas e, em 1973, «rei» Pelé.

Os jornalistas latino-americanos entenderam que os melhores futebolistas de 1975 foram, depois de Figueroa (que obteve 50 pontos), os seguintes: 2. «Beto» Alonso (River Plate, Argentina), 24 pontos; 3. Fernando Morena (Peñarol, Uruguai), 23 pontos; 4. Nelinho (Cruzeiro, Brasil), 20 pontos; 5. Luís Pereira (Atlético de Madrid. Espanha), 16 pontos; 6. Hugo Sotil (Barcelona, Espanha), 12 pontos; 7. Horácio Scotta (San Lorenzo, Argentina), 11 pontos; 8. Teofilo Cubillas (F. C. Porto, Portugal) e Ricardo Bochini (Independiente, Argentina), 10 pontos; 9. Leivinha (Atlético de Madrid, Espanha), 7 pontos; 10. Pedro Zape (Cali, Colômbia), Willington Ortiz (Milionários, Colômbia), Rivelino (Fluminense, Brasil) e Percy Rojas (Independiente, Argentina), 6 pontos.

Seguiram-se, apenas com 5 pontos, o famoso Pelé, (Cosmos, E. U. A.), Saturnino Arrua (Zaragoza, Espanha) e Ignácio Calderon («U», de Guadalajara, México).

As perguntas que fazemos

. . Definitivamente escolhidos os sete atletas portugueses que, no próximo fim-de-semana, vão exibir-se no estrangeiro. Passeio até à U. R. S. S. para Luís Azevedo, Helder de Jesus, Carlos Cabral e Raposo Borges. Até à Roménia, a digressão é aberta a Adília Silvério, Joaquim Serra e José Carvalho. Diga-se, em complemento desta notícia, que a escolha de alguns destes atletas (nomeadamente Luís Azevedo, José Carvalho e Raposo Borges) gerou grande controvérsia no sector de praticantes afectos ao atletismo, não sendo de estranhar que surjam deserções relacionadas com o afastamento das duas sedutoras passeatas inopinadamente tombadas do céu.

O Gil Vicente (de Barcelos) que o treinador Joaquim Meirim procurou lançar na alta roda local do chuto na bola, está em maus lençóis: uma acção judicial movida pela «Puma» (Sociedade de Artigos de Desporto, de Lisboa) penhora-lhe os bens, numa atitude que é quase inédita pelas nossas bandas.

Continua em impasse a situação de Simões da Silva, funcionário superior da Associação de Futebol de Lisboa, que já foi acusado de alguns actos que não cometeu e, em outros, parece disposto a provar que também não é tido nem achado. Entretanto, permanece suspenso da actividade...

Embora sem ter um único ciclista a treinar (ou de compromisso firmado) o Sporting brilha, com oito presenças) no novo elenco directivo da Associação de Lisboa. Pergunta-se: vai orientar uma modalidade onde não tem representação ou criar uma equipa só para poder mandar na Associação?

. A terminar: já se sabe alguma coisa a respeito do número de clubes que sobem ou descem, nos vários campeonatos nacionais de futebol, ou estão à espera (os doutos legisladores) de se verem as tabelas finais para, só então, desaguarem em Lisboa as forças vivas de certas terras a clamarem por **justiça**?

Portugal

Na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, encontra-se em funcionamento uma secção/escola de xadrez.

De acordo com as conversações havidas entre a Comissão Central de Árbitros de Lutas Amadoras e a Direcção-Geral dos Desportos, foi proposto elaborarem acções de formação nos seguintes moldes: Um curso para novos árbitros: um estágio de qualificação de todos os árbitros; um estágio de aperfeiçoamento e qualificação a nível internacional, para os 3 árbitros nacionais com melhor qualificação nacional e não possuam qualificação internacional e um estágio de aperfeiçoamento para os dois novos árbitros que obtiveram melhor classificação no curso a efectuar.

Para o curso de novos árbitros o recutamento deverá ser feito de forma a serem inscritos pelo menos dois candidatos da cada clube, de preferência antigos ou actuais atletas.

De entre os actuais atletas devem estar incluídos os lutadores internacionais que pretendem voltar a sê-lo. Por proposta da Comissão a Federação Portuguesa de Lutas Amadoras acordou-se na obrigatoriedade de os atletas internacionais frequentatem um curso de árbitros.

A direcção do Clube Desportivo dos Olivais resolveu considerar «Dia do Clube», o encontro do próximo domingo entre o Olivais e o Povoense.

A comissão representativa dos clubes da Associação de Andebol de Lisboa, convoca todos os restantes clubes para estarem presentes à reunião que terá lugar hoje pelas 21.30 horas, no Ginásio do Clube Atlético de Campo de Ourique.

A reunião, a que estará presente o inspector da modalidade, da D.G.D. tem como objectivo dar a conhecer ao representante da D.G.D. os problemas que a modalidade enfrenta na área da jurisdição da Associação de Andebol de Lisboa e ainda a nível nacional.

Realiza-se no próximo dia 29 de Fevereiro, no campo da F.P.T.A., no Estádio Nacional, a prova «Diário de Lisboa» de Tiro ao Arco. O regulamento da prova é o seguinte:

Júri Técnico: — o árbitro e os capitães de equipas concorrentes. Prova: Uma volta F I T A (114 flechas divididas em quatro séries de 36). Distâcias — 90 e 70 metros. Homens 70 e 60 senhoras e juniores 2 disparos alternados de 3 flechas cada e nos 50 e 30 homens, senhoras e juniores 1 disparo de 3 flechas. Admissão: — Aos arqueiros devidamente inscritos na F.P.T.A. Inscrição e Sorteio — Na Federação no dia 26 de Fevereiro, às 21.30 horas. Taxa — 50$00, por cada arqueiro inscrito pelos clubes. Chamada — Ás 9.0 horas, seguida da inspecção do material. Início da prova — Ás 9.30 horas, impreterivelmente. Ensaio — Facultativo de 6 flechas 3 recolha 3 recolha. 90 metros homens. 70 metros senhoras e juniores. Alvos — De 1.22m e 8.80 m. modelo F.I.T.A., a usar como determina o Regulamento Técnico desta Federação. Registos — No final dos disparos regulamentares por distâncias. Intervalos — De 15 minutos entre cada distância, e 1.30 horas entre as distâncias longas e curtas. Prémios — Colectivo: Taça «Diário de Lisboa», para a 1.ª equipa homens seniores. Taça «Diário de Lisboa», para a 2.ª e 3.ª equipa seniores se necessário. Taça «Diário de Lisboa», para a 1./ equipa senhoras se necessário. Individuais: Medalhas para os 3 primeiros classificados de cada categoria. Os prémios serão distribuídos oportunamente.

O Clube Oriental de Lisboa vai reunir-se em assembleia magna, para tratar de assuntos de interesse para o clube, no próximo dia 30, às 21 e 30 horas.

A intervenção da equipa de futebol de Portugal, no calendário do próximo «mundial», já tem datas marcadas. Anotem-se, em relação ao ano corrente: 16 de Outubro, Portugal-Polónia; 17 de Novembro, Portugal-Dinamarca; 5 de Dezembro, Chipre-Portugal. Para 1977: 9 de Outubro, Dinamarca-Portugal; 29 de Outubro, Polónia-Portugal; 16 de Novembro, Portugal-Chipre.

O defesa Barros, que termina este ano o seu contrato com o Benfica, é falado em diversos órgãos informativos. Diz-se que o seu contrato é pretendido por dois emblemas nortenhos (no caso apontado: Boavista e Porto) mas dirigentes destes clubes afirmaram que nunca abordariam o jogador sem autorização do Benfica.

Godinho, «internacional» do Belenenses, foi operado a uma coxa, pelo dr. Camacho Vieira.

Resultados da 2.ª jornada do torneio de hóquei patinado promovido pela Juventude Salesiana: Sporting, 10-Parede, 4; Salesiana, 7-Cascais, 2 e Sotto Mayor, 4-Paço de Arcos, 2. Classificação actual: Salesiana, 6 pontos; Sporting e Sotto Makor, 5; Paço de Arcos, 4; Cascais e Parede, 2.

Basquetebol feminino: a contar para o nacional primodivisonário, o CIF bateu o Nacional, por 59-29. Para o torneio da 2.ª divisão: Casa Pia, 41-Seixal, 16; Hóquei de Sintra, 25-Barreirense, 24; Académica da Amadora, 26-DAC, 44.

"Equipa": 2.º ano

. Aí está, nas bancas, o n.º 11 do camarada «Equipa» (selecções desportivas) que, sob orientação de Nonteiro Poças, enceta o segundo ano de vida. Preenchendo um espaço antes não ocupado na Imprensa portuguesa, «Equipa» tem apresentado a público problemas e temas de bom valor, especialmente quando (como nesta sua recente edição) aborda (pela pena de Carlos Arsénio) o caso da pequenita Carla Maria (12 anos) retida num leito, por *obra* do «Atletismo à porta de casa», impossibilitada (até ao momento) de ir concluir o seu tratamento (Inglaterra, Alemanha) por falta de fundos.

Essa e outras reportagens (realce para o depoimento de José Henrique a respeito de Costa Pereira) revalidam, para «Equipa», o prestígio já logrado em 12 meses de existência.

Hipnose no futebol

. A hipnose poderá ser a causa da série de triunfos que está a obter, contra todas as previsões, o Cesena, equipa que esta época subiu à primeira divisão e que ocupa sensacionalmente o o terceiro lugar na classificação: esta é a opinião de alguns peritos futebolísticos e críticos desportivos italianos.

Os êxitos da turma do Cesena dever-se-iam — segundo aqueles peritos — à hipnose que é aplicada regularmente aos jogadores pelo professor Magni, sociólogo contratado pelo clube.

Esta experiência da utilização da hipnose do desporto não é novidade em Itália, embora o seja a nível do campeonato nacional de futebol da primeira divisão.

Segundo críticos desportivos, o Centro Internacional de Hipnose Médica e Sociologia, que há alguns anos funciona em Milão, realizou já experiências em diversos sectores e com grandes resultados.

Por exemplo, o dr. Giuseppe Mastendrea tinha efectuado uma experiência com os jogadores da equipa Algheuse, da Sardenha. Além disso, sabe-se que outros desportistas italianos (o campeão mundial de esqui, Gustavo Khoeni, e os tenistas Adriano Panatta e Lea Pericoli) se submeteram frequentemente a sessões de hipnose, a qual, segundo os seus defensores, proporciona ao atleta um completo domínio do corpo e da psique, aumentando a capacidade realizadora e a concentração no esforço físico.

Afirma-se, também, que a hipnose tem sido já aplicada no desporto de outros países, como os Estados Unidos e a União Soviética, onde as experiências mais positivas se realizaram com basquetebolistas.

Lá fora

EXPLICAÇÃO DÚBIA

. . Os futebolistas húngaros Josef Horvath e Laszlo Harsanvi, que pediram asilo político à Suíça para si e para as suas famílias, afirmaram que nada os convenceria voltar à Hungria. Até agora, o Governo suíço não decidiu sobre o pédido de asilo, feito no princípio do ano.

Harsanyi afirmou que vários clubes da Europa Ocidental lhes fizeram já propostas, mas que eles desejam ficar na Suíça, onde dois «teams» (o Lucerne e o Grasshoppers) estão interessados neles.

Horvath declarou que já tinha problemas com o seu clube húngaro (o Ujpest Dosza), antes de pedir asilo político à Suíça, acrescentando: **Quando viemos pela primeira vez a Zurique, disseram-me que eu jogava, mas depois fiquei no banco dos suplentes. Só se lembraram de mim quando havia 4-0.**

Depois desse jogo, Horvath e Harsanyi voltaram à Hungria: mas, pouco depois, regressavam à Suíça com as suas famílias.

«DAVIS» EQUACIONADA

. . A Comissão de Emergência da Federação Internacional de Ténis reuniu, tendo recomendado a expulsão do México da «Taça Davis», por período de três anos, caso esse país se recuse a jogar com a África do Sul.

A comissão foi convocada em consequência de uma decisão do Governo mexicano, que proíbe a sua equipa de ténis de jogar com a África do Sul, na meia-final da zona norte-americana. Note-se, porem, que a Federação não tem nenhumá autoridade sobre a «Taça Davis», devendo qualquer acção contra o México ser ratificada pela assembleia geral anual das nações que participam na «Taça».

CASTIGO DRÁSTICO

. . A Federação Colombiana de Futebol anunciou «castigos exemplares» para os cinco jogadores da selecção nacional pré-olímpica que na madrugada de ontem chegaram embriagados ao hotel onde se encontravam hospedados, na cidade do Recife (Brasil). Segundo o director técnico da equipa (Blagoge Vidinic), os futebolistas Janis Mina Camacho e Ariel Valenciano (do Independente de Santa Fé e do Milionarios, respectivamente) foram expulsos da selecção, tendo regressado à Colombia. Os restantes (Américo Quiñones, Oscar Vera e Juan Moreno), ficaram no Brasil por determinação de Vidinic, para que a equipa não ficasse **totalmente desmantelada**. Já perdeu dois jogos (frente ao Peru e ao Brasil) e terá que disputar ainda três desafios.

Alfonso Senior Quevedo, presidente da Federação, declarou que «deplorável o comportamento deos cinco futebolistas pelo que serão exemplarmente castigados».

PERDA... OLÍMPICA

Faleceu o vice-presidente executivo da Comissão Organizadora dos Jogos Olímpicos de Montreal, Simon St. Pierre, vítima de um coágulo sanguíneo que se alojou no cérebro na sequencia de uma hemorragia.

St. Pierre sofreu a hemorragia cerebral quando andava a cavalo no centro equestre de Bromont. Caiu do cavalo, foi levado para o Instituto de Neurologia de Montreal onde sofreu uma intervenção cirurgica da qual, porém, não conseguiu recuperar.

MUNDIAL JUVENIL

. . O Campeonato Mundial de Futebol Juvenil de 1977, disputa-se em Tunes — afirmou o presidente da Confederação Sul-Africana de Futebol, Teófilo Salinas, que está em Madrid para ultimar pormenores deste torneio.

Salinas acrescentou que o campeonato se disputa entre 28 de Junho e 10 de Julho e que na fase final intervêm 16 países, apurados nas eliminatórias.

Os jogadores participantes deverão ter no máximo 19 anos, feitos até 1 de Janeiro de 1977, não importando que tenham sido «internacionais» ou «olimpicos» pelos seus países.

Participam na fase final 6 países europeus, 3 sul-americanos, 2 da América Central, 2 africanos, 2 asiáticos e o país organizador.

FRANCESES NOS «STATES»

. . Cinco dos mais destacados atletas franceses participam numa série de provas de atletismo em recinto coberto, a primeira das quais se realiza na sexta-feira o Madison Square Garden.

Os atletas franceses são: o recordista mundial dos 110 metros barreiras, Guy Drut, o velocista Jean-Claude Amoureux, o saltador em altura Paul Poaniewa, e os saltadores com vara, François Tracanelli e Patrick Abada.

PEDIDO INDEFERIDO

O clube automóvel A.V.D., da Alemanha Federal, anunciou que não tenciona transferir o Grande Prémio da Alemanha, marcado para 1 de Agosto, da pista de Nuerburgring para Hockenheim, como fora, ao que parece, solicitado pelos pilotos no Grande Prémio do Brasil, disputado em São Paulo.

Hans-Juergen Linden, dirigente do A. V. D., declarou que tinha tomado conhecimento por notícias publicadas em alguns jornais que no Grande Prémio do Brasil vários pilotos tinham sugerido que dadas as altas velocidades atingidas hoje em dia, o circuito de Nuerburgring era um perigo para a segurança dos pilotos, mas acrescentou:

Nada temos contra a sugestão dos pilotos para disputarem a prova em Hockenheim, mas temos estado a investir mais de 17 milhões de marcos no circuito de Nuerburgring para satisfazer todos os requisitos de segurança.

MUNDIAL À TABELA

. . Continuam com toda a celeridade as obras do complexo desportivo para o «mundial» de futebol de 1978 — comunicou a Comissão Desportiva de Mendonza, subsede desta competição desportiva.

Os empreiteiros garantiram a conclusão dos trabalhos antes da data prevista — Dezembro de 1977 — pondo em acção um plano que não tem pausas e permitirá antecipar de dois meses a data prevista para o termo das obras.

Stankovic: sim ou sopa?

. . . . É bem capaz de terminar hoje, após uma reunião da directiva do F. C. Porto (fortemente pressionada por larguíssimo sector da massa associativa) a presença do único treinador estrangeiro que se ligou esta temporada ao futebol português, ainda que a título particular, em vista do seu contrato oficial jamais ter recebido o beneplácito do Sindicato e, assim, não ter a real valia.

De facto, em face da onda de péssimos resultados conseguidos esta temporada por um verdadeiro escol de atletas que, pagos a ouro e recrutados nas melhores procedências, viajam a léguas do título que estava **praticamente** ao alcance do seu menor esforço, encontra-se em séria equação a continuidade do jugoslavo Branko Stankovic à frente do «plantel» dos **azuis-brancos**, já correndo em vários bastidores a indicação do nome do seu eventual mas imediato substituto: o ex-seleccionador nacional José Augusto, treinador com excelentes provas dadas e, actualmente, sem qualquer compromisso clubista.

O traço de Pargana

O brasileiro Salvador

(do Boavista)

Calendário desportivo

JULHO

Dia 3: Campeonato Mundial de Trampolim (Tulsa).
Dia 4: Automobilismo, Grande Prémio da França, em Fórmula 1 (Le Castellet), Grande Prémio da Bélgica, em Motociclismo (Spa).
Dia 5: Campeonato Mundial de Vela (420) em Narragansett Bay.
Dia 7: Torneio Aberto de Golfe, da Inglaterra (Liverpool).
Dia 17: Grande Prémio da Inglaterra em Fórmula um (Brands Hatch). Jogos Olímpicos (Montreal) até 4 de Agosto.
Dia 18 Campeonato Mundial de Vela (505) em Hayling Island (Inglaterra).
Dia 25: Grande Prémio da Suécia em motociclismo.
Dia 30: Grande Prémio de Motociclismo, em Imatra.

AGOSTO

Dia 1: Grande Prémio da Alemanha de Fórmula 1 (Nurburgring).
Dia 8: Campeonato da Europa de Vela (420) em Dun Laoghaire (Irlanda).
Dia 9: Campeonato da Europa de Vela (Star) em Marstrand (Suécia).
Dia 14: Natação, finais da Taça da Europa (homens) na Itália. Campeonato da Europa de Vela (470) em Kerteminde (Dinamarca).
Dia 15: Grande Prémio da Áustria (Fórmula um).
Dia 22: Capeonato da Europa de Fórmula 2 (Silverstone, Inglaterra).
Dia 23: Grande Prémio da Checoslováquia, em Motociclismo.
Dia 26: Campeonato da Europa de Vela (Dragão) em Starnburger See, (Alemanha).
Dia 29: Grande Prémio da Holanda, Fórmula 1, em Zandvoort, Grande Prémio da Alemanha, em Motociclismo.

Dia 30: Campeonatos Mundiais de Ciclismo (Manteroni de Lecce, Itália) até dia 2 de Setembro.

U.E.F.A. decide

. Diversas resoluções foram tomadas pelo Conselho Executivo da U.E.F.A., reunido ontem (em Marbella(sob a presidência do dirigente máximo do futebol europeu (o italiano Artemio Franchi).

Entre as decisões aprovadas destaca-se a referente aos torneios da «Taça dos Campeões Europeus», «Taça U.E.F.A.», nos quais só podem ser considerados «cabeça de série» (no sorteio inicial) os clubes que, nos cinco anos anteriores, tenham chegado, pelo menos, às meias-finais de qualquer das três competições. Esta inovação entra em vigor na temporada de 1976-77.

Uma lista de prioridades para organização da fase final da «Taça da Europa das Nações», foi também aprovada na reunião, pela seguinte ordem: Jugoslávia, República Federal da Alemanha e Holanda (ou Bélgica).

A próxima reunião do Comité Executivo da U.E.F.A. realiza-se em Zurique, a 26 de Março deste ano.

Batido mas não convencido

O "DL" fomenta a desforra

. Empenhados numa campanha de preparação para o duro e difícil «campeonato» que é o da Imprensa, a equipa do «DL» defrontou há dias, em jogo-treino, a conhecida e categorizada formação do Fundo de Fomento e Exportação. Apesar de se tratar de um «match» de amigos e de apuramento físico da equipa, os nossos «exportadores», no entanto, em crise da actividade, resolveram desforrar-se no «DL» e levaram aquilo de tal maneira a sério que «exportaram» três tentos para as nossas redes.

Quando resolvemos dar a devida **lição** ao ousado adversário já era tarde. Faltavam poucos minutos para o jogo terminar. No entanto, a nossa equipa marcou ainda um golo de verdadeira antologia, como o esférico, trocado por todo o ataque, a circular rente ao solo e a chegar a Cardoso II que não perdoou.

Fontes geralmente bem informadas dizem-nos que a equipa do FFE fez um estágio prolongado para este encontro com o «DL», admitindo-se mesmo que o célebre Meirim lhes tenha ministrado alguns treinos numa praia algarvia...

Os elementos do «DL», que saíram do trabalho a correr para o Estádio Universitário prometem (entretanto), uma desforra para breve! É de salientar que a numerosa assistência presente ao encontro (falava-se em milhares) apreciou o nível técnico da nossa equipa, notando-lhe apenas uma certa falta de pernas.

Parece ainda, que a Direcção do nosso jornal, ciente da gravidade do problema pensa na dispensa do horário de trabalho dos elementos que tão galhardamente se exibiram frente ao Fomento, para que possam treinar-se convenientemente para o próximo encontro.

O «DL» apresentou a seguinte constituição: Cardoso; Adelino, Augusto, Gil e Roque; F. Carvalho, Salvador e Fernando; Fernando, Eugénio Alves e Aparício. Actuaram, ainda: Martins, Adelino, Armindo, Magalhães, Acácio, Tavares e Cardoso II. Por sua vez o Fomento apresentou: José Luís; Rosa, Tavares, Marques e Carneiro; Jorge, António Fernandes e António Sá; Vermelhudo, Emílio e João Lima. Jogaram, também: Martins Soares, Pereira, António e João Neutal.

O «timaço» cá da casa: o técnico Roque e o massagista Rui Madeira foram os grandes responsáveis pela frescura da equipa

Diz um capitão de porto

Urgente proteger bancos de pesca a 40 milhas da costa

O alargamento do limite das zonas pesqueiras ao longo da costa portuguesa é a solução preconizada pelo comandante Faria dos Santos, capitão do porto de Aveiro, para que Portugal possa proteger os bancos de pesca que se encontram a 40 milhas da costa portuguesa.

Em entrevista concedida à Anop, o comandante Faria dos Santos desmentiu a existência de qualquer acordo bilateral que permite aos barcos cubanos e soviéticos pescarem em águas territoriais portuguesas, esclarecendo que barcos de várias nacionalidades (também franceses e espanhóis) actuam próximo da costa portuguesa, mas já em zona considerada fora do limite da nossa soberania, (12 milhas).

Acrescentou ainda que se essas embarcações acidentalmente entram na zona limite, a penetração é insignificante.

PORTUGAL INTERESSADO NO LIMITE DE 200 MILHAS NA COSTA NORUEGUESA

OSLO, 28 — (R.) — A Noruega vai efectuar conversações preliminares com Portugal e Espanha sobre o possível estabelecimento de um limite económico e de pesca de 200 milhas em torno da costa norueguesa, declarou o ministro da Lei do Mar, Jens Evensen. As conversações com Portugal serão realizadas em Lisboa em 19 e 20 de Fevereiro, declarou Evensen à Reuter. Com a Espanha, terão lugar em Oslo em 2 e 3 de Março. Evensen disse que Portugal e a Espanha tinham pedido aquelas conversações. Sob a actual política do Governo, os dois países considerados como visitantes relativamente recentes nos bancos da Noruega não seriam autorizados a enviar traineiras de pesca para o interior das 200 milhas. Apenas países tais como a Grã-Bretanha e a União Soviética, que podem oferecer direitos de pesca recíprocos, poderiam esperar essas concessões. Fontes digmas de crédito declararam que não havia qualquer indício de que o Governo norueguês alterou a sua posição. Afirmaram que o Governo acharia difícil mudar a sua posição em face das eleições gerais marcadas para o próximo ano em que esperava conquistar votos com a questão da pesca costeira.

Da liberalização ao preço máximo

Batata a 7$50/kg

. A batata constitui um dos produtos base da alimentação dos portugueses, especialmente das classes mais pobres. Cada português consome, em média, cerca de 111,738 kg de batata por ano. Esta média é apenas superada pela do consumo de hortícolas (148,998 kg «per capita»).

A liberalização do preço da batata pelo Ministério do Comércio Interno originou uma subida de preços em flecha, que ultrapassou os 12$50 em alguns pontos de venda e obrigou o Governo a intervir na fixação do preço máximo. Se os comerciantes cumprirem as disposições contidas na nota da Secretaria de Estado de Abastecimento e Preços que a seguir transcrevemos, teremos desde agora batata a 7$50 kg.

NOTA OFICIOSA

. . «Esclarece-se a população que, pelo Decreto-Lei n.º 73/76, de 27 de Janeiro entrou já em vigor o preço máximo de venda ao público da batata de consumo, tanto nacional como importada, que é de 7$50.

A título complementar, **esclarece-se** os produtores e comerciantes **do seguinte:**

1 — A margem máxima e total de comercialização da batata de consumo normal é de 1$70 por quilo, a adicionar aos preços de aquisição à produção.

2 — As margens máximas de comercialização do retalhista mantêm-se em: a) $70 por quilo para a batata de consumo por ele adquirida a granel $55 por quilo para a batata de consumo por ele adquirida pré-embalada.

3 — a) É fixado até 31 de Maio de 1976, em 5$80 por quilo o preço de garantia a praticar pela Junta Nacional das Frutas à produção nacional:

b) A partir daquela data e até 31 de Dezembro de 1976, o preço da garantia a praticar pela Junta Nacional das Frutas à produção nacional não será inferior a 4$50 por quilo.

4 — Os preços de venda de batata importada a praticar pela Junta Nacional das Frutas serão os seguintes: ao armazenista; 6$10 por quilo; b) retalhista, 6$80 por quilo.

Tanto os produtores como os comerciantes e consumidores, a partir desta data, sempre que tenham conhecimento de especulação ou de não cumprimento dos preços tabelados para a batata de consumo, devem contactar imediatamente a Direcção-Geral da Fiscalização Económica, implantada em todas as capitais de distrito, informando-a das irregularidades detectadas.

Lombo de vitela a 140$00/kg

Não se pode dizer que a carne de vitela seja um produto de grande consumo entre os portugueses. A média do consumo anual por pessoa é, aproximadamente, de 2,144 quilos por pessoa. É evidente que a maior parte nunca comeu a parte que as estatísticas lhe atribuem e que alguém a comeu.

Em nota oficiosa, a Secretaria de Estado do Abastecimento e Preços esclarece a população consumidora que, pelo Decreto n.º 80/76, de 27 de Janeiro, entraram já em vigor os preços máximos de venda de carne de vitela ao público, no continente, que são os seguintes:

. Lombo — 140$00/kg; perna, cheio, agula e sete da pá — 130$00/kg; costeletas — 110$00/kg; restos da pá, fundo e cachaço — 70$00/kg (sem osso) e 53$00/kg (com osso); chambões, peito, abas e rabo — 50$00/kg (sem osso) e 38$00 (com osso); rins — 80$00/kg; gordura — 4$00/kg.

Tanto os talhantes, como os consumidores, a partir desta data sempre que tenham conhecimento de especulação ou de não cumprimento dos preços tabelados para a carne de vitela, devem contactar imediatamente com a Direcção-Geral da Fiscalização Económica, implantada em todas as capitais de distrito, informando-a das irregularidades detectadas.

No ALGUEIRÃO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na TABACARIA MIMO

COMUNA
Teatro de Pesquisa

DIARIAMENTE, às 21.30

FOGO!

TEXTO COLECTIVO
DOMINGO — Matinée às 18 h.
2.ª FEIRA — DESCANSO
Preço único — 20$00
PRAÇA DE ESPANHA
METRO - PALHAVÃ
Tel. 762624

CURSOS

Estão abertas as matrículas até 5-2-76 para os cursos de Perfuração/Verificação. Sistemas: IBM e UNIVAC. Início dos cursos 6-2-76. As inscrições são limitadas. Matrículas no

EXTERNATO CONTINENTAL
T. 364272-R. do Arsenal, 100-1.º

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE SETÚBA

ANÚNCIO

Assunto:

ZONA HABITACIONAL DA AZEDA — CONSTRUÇÃO DE 650 FOGOS DE HABITAÇÃO SOCIAL.

A Comissão Administrativa do concelho de Setúbal informa que o prazo para entrega de propostas para concurso de pré-selecção cujo anúncio foi mandado publicar em 30 de Dezembro último e terminava em 16 do mês corrente, foi prorrogado até 30 do mesmo mês.

Qualquer informação suplementar pode ser prestada pelos Serviços Técnicos Municipais.

Paços do Concelho de Setúbal, 23 de Janeiro de 1976

O VICE-PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA, em exercício

Francisco Leonel Rodrigues Lobo

Geral

Universidade Nova promove ciclo de conferências

«Livro e Sociedade» é o tema da conferência de Maria Beatriz Nizza da Silva na Universidade Nova de Lisboa, amanhã à tarde (18 horas), integrada no ciclo «Área das Ciências Humanas e Sociais».

O ciclo, que começou com Paulo Monteiro sobre «Marx: Mitos e Textos», terá uma terceira sessão assegurada por José Baptista

Ensino Superior

Academia de Lisboa discute orçamento

Realizou-se ontem, no anfiteatro da Faculdade de Farmácia, uma reunião alargada dos conselhos de gestão da Academia de Lisboa, associações de estudantes e estruturas representativas.

Assunto na ordem do dia: as reduções drásticas nos orçamentos das Faculdades e que, segundo a assembleia, visam a «asfixia económica e a paralisação das escolas a curto prazo». Pelo que, o repúdio às medidas do M. E. I. C. foi a tónica de todas as posições tomadas. Os presentes alertaram os estudantes para as «manobras de divisão do M. E. I. C.» quando são prometidos aumentos de verba a algumas escolas, como sucedeu com a Universidade de Coimbra, «ainda que para isso possa vir a tornar-se necessário fazer alguns cortes» nos orçamentos de outras.

Face ao exposto foi aprovada uma proposta: que as estruturas representativas presentes se comprometam a convocar Assembleias Gerais de Escola no mais curto espaço de tempo para tomar posição em relação aos cortes de orçamento, «apoiar e fazer-se representar no Encontro Nacional de estruturas representativas a realizar na próxima segunda-feira, dia 2 de Fevereiro, às 15 horas no anfiteatro de Biologia da Faculdade de Farmácia de Lisboa».

A SITUAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Docentes e investigadores não docentes da Faculdade de Ciências de Lisboa, aprovaram um documento em que analisam as medidas tomadas pelo M. E. I. C. em relação à Universidade Clássica e que têm sido vivamente contestadas pelos docentes e discentes de todas as Faculdades atingidas com os drásticos cortes orçamentais que, em casos como Direito, põe em perigo o funcionamento da escola.

«O M. E. I. C.-diz o documento aprovado na Assembleia de docentes — foi até hoje incapaz de apresentar uma política de ensino coerente que permitisse a tão falada «prioridade de acesso ao ensino das camadas mais desfavorecidas».

A tensão criada pelos constantes conflitos entre o M. E. I. C. e as escolas, agravada pela existência de uma população discente «não dócil» que o M. E. I. C. não tem conseguido controlar, levaram-no primeiro a utilizar formas de pressão sobre os professores no intuito de os utilizar como controladores da situação das escolas. Posteriormente, foram abandonados, um a um, os vários planos de pseudo-solução que os sucessivos elencos ministeriais tinham adoptado, argumentando com a impossibilidade de chegar a um acordo com as escolas».

Com efeito, «o súbito abandono de projectos, como a elaboração da reestruturação da carreira docente, a reestruturação do ensino com troncos comuns em cursos afins, e até, o próprio desinteresse pelo não cumprimento por parte das escolas do «decreto de gestão», conjugado com as recentes medidas autoritárias de que a Universidade Clássica foi alvo, leva-nos a concluir que o M. E. I. C. pretende acabar com as escolas existentes por meio da asfixia económica».

A comprovar as afirmações o documento refere entre outras medidas do M. E. I. C. a «redução drástica do orçamento ordinário das escolas da Universidade de Lisboa; despacho 70/75 que estabelece condições de contratação especial de docentes que exerçam outros cargos ou funções; criação da Faculdade de Pedagogia destinada à formação de docentes do Ensino Secundário».

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 23/4 %	290$	290$	–
Cons. 3 %	320$	310$	–
Cons. 3 1/2 %	350$	350$	–
Centenários	800$	800$	–
Tes. 5 %	–	810$	–
Tes. 10 %	530$	525$	535$
Extern. 1.ª - s.	–	–	–
Extern. 1.ª - c.	–	–	–
Extern. 3.ª - s.	–	–	–
Extern. 3.ª - c.	–	–	–
Caut. 3.ª - s.	–	–	–
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	770$	760$	800$
C.M.L. 5 3/4 %	–	800$	930$
C.P. 5 1/2 % — 67	720$	700$	–
C.P. 5 1/2 % — 68	–	–	–
C.P. 5 1/2 % — 69	–	–	750$
Corr. 5 3/4 %	–	800$	–
Metr. 5 3/4 %	–	–	–
Tur. 5 3/4 %	–	810$	–
C.P. 6 3/4 %	810$	800$	820$
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	–	–	–
G. 5 % — 59	–	–	–
G. 5 % — 62	–	–	–
G. 5 % — 63	–	–	–
G. 5 % — 64	–	–	–
G. 5 % — 65	–	–	–
G. 6 % — 67	–	–	–
G. 6 % — 69	–	–	930$
G. 7 %	–	800$	–
H.E.A.A. 5 %	–	580$	–
H.E.C. 5 %	–	–	650$
H.E.C. 6 %	–	760$	–
H.E.D. 5 %	–	–	650$
H.E.D. 6 %	–	720$	750$
H.E.N.P. 5 %	700$	700$	–
H.E.S.E. 5 %	–	–	–
H.E.S.E. 6 %	–	–	–
H.E.Z. 5 % — 57	–	–	700$
H.E.Zêz. 6 %	750$	740$	750$
N. Elec. 5 %	650$	600$	650$
N. Elec. 6 %	–	–	780$
Termoel. 5 %	620$	600$	620$
U.E.P. 5 % — 60	–	–	650$
U.E.P. 5 % — 63	–	–	–
U.E.P. 6 %	–	–	750$
U.E.P. 7 %	–	–	800$
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	–	–	750$
A.P.T. 5 % — 58	–	–	–
Lisnave 6 %	–	–	–
Nitratos — 60	–	–	–
Pet. 2.ª e 3.ª	–	860$	–
Sacor 7 %	–	810$	900$
Sacor 5 % — 54	–	–	–
Sacor 5 % — 60	–	850$	–
Sid. 5 % — 2.ª	–	750$	–
Sid. 5 % — 3.ª	–	–	800$
Sid. 5 % — 4.ª	–	750$	900$
Socel 5 %	–	850$	–
R. Fabril — 67	820$	820$	850$
R. Fabril — 68	–	820$	–
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	–	–	–
Rev. 5 % — 57	–	–	–
Rev. 5 % — 59-60	–	–	–
Moçambique 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	–	–	–
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	–	–	–
F.I.D.E.S.	–	–	–

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado o vento era fraco e chovia em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS

MONTE ESTORIL
Máxima ..... 13,5°

F.deC.RODRIGO
Mínima ..... 07,6°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

ÁguadoMar.....12,4°
Atmosfera ..... 5,2°

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	8°
P.DOURADAS	
COIMBRA	7°
PORTALEGRE	3°
LISBOA	12°
FARO	6°
FUNCHAL	11°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.48	3,7 m	7.45	1,3 m
14.23	3,6 m	20.02	1,3 m
Dia 29			
2.43	3,9 m	8.36	1,1 m
15.14	3,7 m	20.49	1,1 m
Dia 30			
3.31	4,0 m	9.19	1,0 m
15.59	3,9 m	21.30	1,0 m

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Nas regiões de Norte e Centro: céu geralmente muito nublado com períodos de chuva fraca sendo de neve nas terras altas. Nas regiões do Sul: céu pouco nublado e em todo o território vento geralmente fraco.

AMANHÃ

NASCER AS 8.46
OCASO AS 18.54

DIA 31 DIA 8 DIA 15 DIA 22

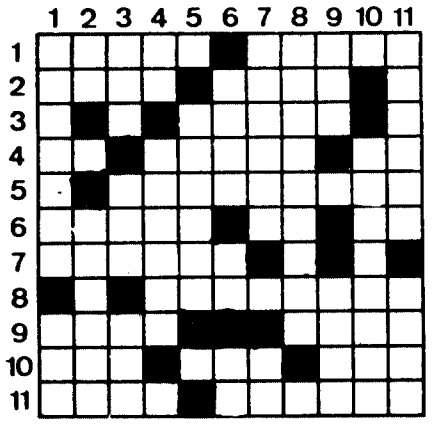
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11281

HORIZONTAIS

1 Em tempo anterior. Cantigas.
2 Fechar as asas para descer mais depressa. O mesmo.
3 Defunto.
4 Seguia. Género de plantas labiadas. Crómio (s.q.).
5 Sufocara.
6 Gesto. Autores. Érbio (s.q.).
7 Brejeira.
8 Dispararia.
9 Sugo o leite materno. Charneca.
10 Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Pronome relativo. Oceano.
11 Cânticos em honra da virgem ou dos santos Coelho pequeno.



VERTICAIS

1 Absorvem. Prejuízo.
2 Níquel (s.q.). Que casou.
3 Ave pernalta do Brasil. Raer. Triture.
4 Pertences. Imundo.
5 Orelha de porco cozinhada com feijão branco (prov.).
6 Cidade da Nigéria. Alumínio (s.q.). Freguesia do concelho de Oliveira de Azemeis.
7 Engata. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal.
8 Emendaram.
9 Íntimo. Uma das encarnações de Vixnú na mitologia Hindú.
10 Fazer crepitação.
11 Bater. Gorgulho tropical.

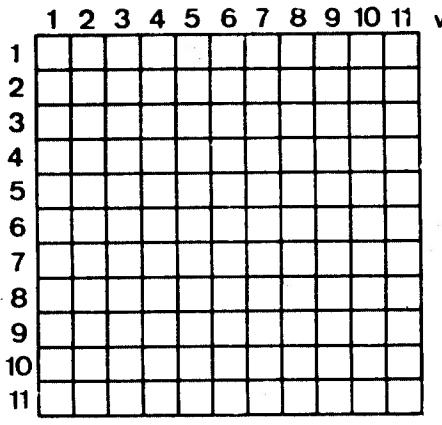
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7441

HORIZONTAIS:

1 **Prega. Desfalque.**
2 Nome de mulher. Habitante da Mauritânia.
3 Nota musical. Que se pode fender ou que facilmente se divide em folhetos ou lâminas delgadas.
4 Venerai. Creme.
5 Atacaram. Grande quantidade.
6 Isolado. Artigo indefinido. Centiare.
7 Apelido. Assinalar.
8 Pertences. Rio dne França que nasce no vale de Aran, Pirinéus espanhois, e desagua no Atlântico.
9 Termina. Acolá.
10 Tomamos nota de.
11 Nome de mulher. Preposição e artigo definido. Oceano.



VERTICAIS:

1 Linha secundária do caminho-de-ferro. Animais bravios e carniceiros.
2 Juntas. Rio de França.
3 Gálio (s.q). Vãos. Maior.
4 Língua negro-africana falada em Leo e na região do sul. Patrona da ilha de Malta.
5 Dera mios. Fruto da ateira.
6 Costurava. Bebe.
7 Zombas. Vedação. O sono das crianças.
8 A Irlanda. Irmãs.
9 Relativo ao Sol. Forma apocopada e proclíttica de vale.
10 Covil. Ave pernalta.
11 Seguraram.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11280

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 VIVA QUEM.	1 Goa. Suara.
2 Sarou. Sina	2 Isar. VENCER.
3 Galo. Arpais.	3 Valas. Meras.
4 Oras. Liem.	4 Aros. Ma.
5 Sr. Ps.	5 Dam. Cs.
6 Barcaças.	6 Qual. Resma.
7 Sem. Meã. Are.	7 Riscariam.
8 Unem. Srs. Am.	8 Espera. Sa.
9 Acra. Mia. Mo.	9 Miam. Ca. Na.
10 Rea. Caa. Nós.	10 Ni. Paramos.
11 Ársis. Moas.	11 Casassemos.

PROVERBIO: **VIVA, QUEM VENCER**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7440

HORIZONTAIS:	VERTICAIS
1 Topa. Airosa.	1 Luta. Sari.
2 Samatra. Ou.	2 Os. Mera. Ien.
3 Razão. Pi.	3 Par. Mias. Ia.
4 Um. Cor. Raso.	4 Amaciarias.
5 Temi. Raer.	5 Azo. Ni.
6 Ária. Arga.	6 Atarracadas.
7 Aar. Coisas.	7 Iró. Arolas.
8 Sinal. Sio.	8 Ra. Regi. Ao.
9 Aí. Aida. Er.	9 Parassem.
10 Reis. Asamos.	10 Soios. Airó.
11 Ina. Ps.	11 Au. Ocaso. Só.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO P-1

TODA A NOITE

AJUDA
Dilena, R.Aliança Operária, 49-A/B (T.636620)
ALVALADE
Neoterápia, Campo Grande, 138 (T.774682); **Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T.725859)
AMOREIRAS
Pátria, C. dos Mestres, 30-A (T.680627)
ANJOS
Góis, R.dos Anjos, 12-C (antiga R.Registo Civil) (T.840101)
AVENIDAS NOVAS
Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (à Av. Barbosa du Bocage) (T.763107)
BENFICA
Lavinha, R.Eng. Paulo de Barros, 28-A (à R.do Casquinho) (T.708242)
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, R.Coelho da Rocha, 119 (T.666206)
CARNIDE
Leal de Matos, R.Neves Costa, 33 (T.780181)
CASTELO
Ziler, R.S.Tomé, 54 9t.862835)
LAPA
Alb, R.de Santana à Lapa, 156 (T.663562)
LUMIAR
S.Tomé, E.do Desvio, lote 12-C (T.790704)
PICHELEIRA
Marlux, C.da Picheleira, 140-B/C (T.720703/728395)
SÃO PAULO
Açoreana, L.Conde Barão, 2 (T.661330)
S.SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Av. Luís Bivar, 11 (T.44324)

TURNO P-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Probidade, R.de Alcântara, 15-A (T.638589)
ALTO DE S.JOÃO
Nova Luz, R.D.Domingos Jardo, 28-A (à Av. D.Afonso III) (T.843439)
ALVALADE
Paris, R.Reinaldo Ferreira, 5-A/B (ao Pote de Água) (T.710131)
ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque d'Ávila, 25-31 (T.47088)
AREEIRO
Vera Cruz, P.Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S.João de Deus) (T.724941)
BAIRRO ACTORES
Esperança, 101-B (T.722868)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, P.Casas Novas, lote 66 (T.310172)
BAIXA
Morão, R.da Assunção, 1 (T.321289)
BENFICA
Sousa, E.de Benfica, 429 (T.780027)
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, R.Silva Carvalho, 232-C (T.650760)
LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D.Amélia, 34-B (Quinta das Mouras) (T.794174)
PENHA DE FRANÇA
Branquinho, R.de Sapadores, 87 (T.842725)
S.SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (T.43212)
XABREGAS
Romana, R.Actor Augusto de Melo, 7-A (T.383800)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R.Ernesto Silva, 81 (T.2112048)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Toda a noite
OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485). Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas.
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T.260116). Até às 22 horas
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (T.260191). Toda a noite
CASCAIS
Cascais, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T.282407). Até às 22 horas; **Misericórdia**, R.Redimento 19, 41 (T.280141). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.9344589); **Campos**, R.Elias Garcia, 185 (T.930072); **Ciabel**, R.António Sardinha, 23-D (T.938551)
DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R.Elias Garcia, 17-C (T.974161)
QUELUZ
Correia, L.do Mercado, 3 (T.950906)
CACÉM
Central, R.Elias Garcia, 55 (T.2940034)
MEM MARTINS
Química, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.224100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Castro Rodrigues, R.Capitão Leitão, 21-A (T.2750076)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T.2073207)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Higiene, R.José Joaquim Marques, 142 (T.2310370)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (T. 22408); **Portugal** R.Camilo Castelo Branco (T.23211)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 7

ATÉ ÀS 22 HORAS

Ameal, R.do Ameal, 1227. **Campo Alegre**, R.do Campo Alegre, 723: **Ferreira da Silva**, R.dos Mártires da Liberdade, 150: **Peninsular**, R.Chã, 100: **Melo Taveira**, R.Alcaide Faria, 77: **S.Roque da Lameira**, R.d S.Roque da Lameira, 1111: **Sá da Bandeira**, R.Sá da Bandeira, 236: **Prelada**, R.Central de Francos, 316: **Martino, Suc.**, P.Marquês de Pombal, 122: **Pombeiro**, Campo dos Mártires da Pátria, 152: **S.Lázaro**, Av. Rodrigues de Freitas, 297

COIMBRA

Cruz e Costa, R.António Vasconcelos, 71 (T.22715); **Silva Coares**, R. Mouzinho Albuquerque, 26 (T.71454); **Vilaça**, R.Ferreira Borges, 132 (T.22043)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Família Até Certo Ponto!»
COMUNA
21.30 (18 anos)
«Fogo»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Força Força Camarada Zé»
MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Schweyk na II Guerra Mundial»

LISBOA/Cinemas

SATÉLITE
21.30 (13 anos)
«Margarida e o Mestre»
CINE-BOLSO
21.30 (18 anos)
«Kermesse Erótica»
EUROPA
21.30 (18 anos)
«Os Prazeres do Vigário2
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«A Violência do Leopardo»
PARIS
21.00 (18 anos)
«O Homem Lei»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Meias Pretas»
JARDIM
21.00 (18 anos)
«Os Punhos Mortais de KungFu»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«A Casa do Pecado»
IDEAL
21.15 (14 anos)
«Os Aventureiros dw Santa Trinita»
S.LUIZ
21.15 (13 anos)
«Bernilde ou a Virgem Mãe»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«Onde o Sol Nunca Brilha»
CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«A Escapadela»
CASCAIS
S.José
21.15 (13 anos)
«Porque se Mata um Magistrado»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Butch Cassidy and the Sundance Kid»
ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«Os Dois Bombeiros»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«A Matriarca»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (18 anos)
«Lisboa Acordou»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Aaina»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«As Confidências de um Leito Muito Acolhedor»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (10 anos)
«Odisseia no Espaço»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«O Cio»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«O Gato, o Medo, o Rato, e o Amor»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Mete o teu diabo no meu Inferno»
RIVOLI
21.15 (13 anos)
«Breve Encontro»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Sou Curiosa»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«A Linguagem do Amor»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Taras Bulba»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Paul e Michele-Amigos e amantes»
TRINDADE
21.15 (18 ano)
«Um Filme Doce»
JÚLIO DINIS
21.15 (13 anos)
«Queda no abismo»

COIMBRA

S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«A Virgem e o Cigano»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Isabella Duquesa do Diabo»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Os Canibais»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Tarzoon a Vergonha da Selva»

cinemas

CASTIL
T. 530194 — 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A REVOLUÇÃO SEXUAL
C/Laura Antonelli-Ricardo Cucciolla

IMPÉRIO
T. 555134 — Estreia às 21.10
Não acons. a menores de 13 anos
Jean-Louis Funtignont - Bernardete Lafonel
VERDADE INTERDITA
(defense de Savoir)
Sessão clássica 18.30 M.18 anos
JULIETA DOS ESPÍRITOS

ROYAL
T. 865037 — 15.15 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
OS SINOS DA MORTE

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
METE O TEU DIABO NO MEU INFERNO
5.ª Semana
O «Sexo» Anda em Escape Livre

VOX
T. 720808 — Estreia às 21.00
Não acons. men. 18 anos
UM FILHO POR ENCOMENDA

ROMA
T. 727778 — 15.30-18.30-21.15
Não acons. a menores de 18 anos
PAULO O QUENTE
Realização de Marco Vicário

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 — 14.00, 16.30, 19.00 21.15
Para todos M/6 anos
Walt Disney productions
UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO
A aventura para além da imaginação
14.ª Semana

EDEN
T.320768 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Int. a men. 18 anos
A ESTALAGEM DO PRAZER
2.ª Semana
Um filme de Alois Brummer

ODEON
T. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
9.ª semana de sensação
A comédia de sexo e de pecado à solta
COMO CAÇAR UM MARIDO
Um festival malandrices «secretas»
Contém cenas eventualmente chocantes

APOLO 70
T. 763319 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A HISTÓRIA DE FERNÃO CAPELO GAIVOTA
5.ª Semana
Hoje às 24.00 (G. D - 18 anos)
O EXÉRCITO DAS SOMBRAS

CASINO ESTORIL
T. 26 4621 — 17.00 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
ONDE O SOL NUNCA BRILHA

S. JORGE
T. 54153/4 — 15.15, 18.15 21.15
Interdito a menores de 18 anos
TRAGAM-ME A CABEÇA DE ALFREDO GARCIA
Uma história de amor e vingança!
2.ª Semana

RESTELO
T. 610375 — 21.00
(Não acons. a men. de 13 anos
Trans. Europa Expresso
com Jean Louis Trintignant

AVIS
T. 47163 — 15.30, 18.30, 21.15
Para todos maiores de 6 anos
OS MALUCOS VÃO À GUERRA
10.ª Semana
c/Les Charlots

MUNDIAL
T. 538743 — 15.15, 18.30 e 21.30
UM SEGREDO INQUIETANTE
c/ Jean Louis Tunbignant
Marlène Jobert
2.ª Semana

ESTÚDIO
T. 555135 — Estreia às 21.15
Interdito a menores de 18 anos
A FILHA DO GUARDA DA PASSAGEM DE NÍVEL
Às 15.30 e 18.30
Brincando com o Fogo

ESTÚDIO 444
T. 779095 — 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
Interdito a menores 18 anos
O RALLY DAS GOZONAS
Este filme contem cenas event. chocantes
5.ª Semana

CARLOS MANUEL — SINTRA
Tel. 2930394 — 21.00
Não acons. men. de 13 anos
SEMENTES DE TAMARINDO
c/ Omar Sharif e Julie Andrews

UNIVERSAL
T. 774402 — 17 e 21 h
Para todos
QUE VIVA MÉXICO E VIVA CUBA
15.00, 19.00, 23.00
Não acons. men. 13 anos
A GREVE

CONDES
T. 322523 — 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. men. 18 anos
Colorido
FRNCH CONVECTION N.º 2
c/ Gene Hackman
O melhor cinema americano

BERNA
T. 776098 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Charles Bronson
O JUSTICEIRO DA NOITE
Um filme de Michael Winner
Em 12.ª Semana

LONDRES
T. 801313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BREVE ENCONTRO
Com Sophia Loren, Richard Burton
Colorido
4.ª Semana

ROXY
T. 48560 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMILIENNE
Com Betty Mars, Nathalie Gurin
Colorido
AVISO: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

TIVOLI
T. 570595 — 15.00, 18.00, 21.00
Não acons. men. 18 anos
SONHO DE AMOR
List a sua música e os seus amores
Um filme de Marton Keleti
2.ª Semana

ALVALADE
T. 897480 — 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. m. 13 anos
O EXPRESSO DE VON RYAN
c/ Franck Sinatra e Trevor Howard

PATHÉ
T. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Int. a men. de 18 anos
A ESTALAGEM DO PRAZER
um filme de Alois Brunmer
2.ª Semana

NIMAS
T. 574362 — 15.00, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
PAULO O QUENTE
c/ Giancarlo Giannini e Rossana Podesta Real. Marco Vicário

rádio

1.º Programa
15.00 Painel da tarde
18.00 Música portuguesa
18.30 Temas sobre a condição de retornado
19.00 Cultura e actualidade, por Luís Pereira de Sousa
19.30 Música variada
20.00 Jornal da noite
20.30 Melodias
21.00 Painel da noite
22.00 Consultório educativo, programa do Secretariado para a Reestruturação do Ensino Secundário**00.00** Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais do Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Porta de Gado e Horta — música na noite
02.00 Música na noite
2.º Programa
18.00 Música portuguesa
19.00 A ópera cómica em 1 acto «Le Docteur Miracle», de Bizet
20.00 Solos de piano
20.25 A Orquestra Filarmónica de Viena
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música sinfónica
22.29 Anúncio de despedida de Lisboa 2 e Norte 2
22.30 Música ligeira variada
00.00 Fecho
Programa Provisório
Emissão Contínua — Onda Média (Lisboa), 290,13 m — 1034 KHZ e 186 m — 1394 KHz; Modulação de Frequência (Lisboa), 97,4 e 99,4 MHZ
RÁDIO RENASCENÇA
Emissão Contínua — Onda Média (Lisboa), 233,2 m — 1286 KHZ: Modulação de Frequência (Lisboa), 93,2 MHz

BARES • BOITES

RESTAURANTES TEATROS

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T.elef. 364859/368197. Tina, Stripteaseuse**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. • 201461/264526/264596/264621/ /264946**

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO. SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Segundo Vítor Alves

F.L.A. interessada em espalhar a confusão

. Regressado esta manhã dos Açores, onde se deslocara para empossar a Comissão Instaladora do Instituto Universitário daquele arquipélago, o major Vítor Alves, fez declarações no aeroporto aos jornalistas acerca do selvático abate de gado bovino e das actividades dos movimentos separatistas, em especial da F.L.A.

«Tive muito pouco tempo para colher informações — afirmou Vítor Alves — Seio no entanto que há cerca de 10 dias houve ali um abate que não sei se hei-de considerar de selvageria ou terrorismo. Esses actos mereceram o repúdio por parte da população. Não se sabe de momento quem foram os selvagens mas a Polícia Judiciária está a investigar o caso e as autoridades militares fazem igualmente um inquérito dado que surgiu uma acusação contra um elemento militar. Foram mandadas fazer rigorosas análises de sangue em determinadas peças de vestuário na Alemanha e nos Estados Unidos. E o general Altino Magalhães está muito interessado no caso.

«Entretanto — prosseguiu o ministro — faz-se à volta deste facto uma campanha política aproveitando-se da aproximação das eleições. Qualquer acto ou facto que surja agora será sempre julgado por forças de um ou outro sector. Mas também não será de pôr de parte, embora não possa de maneira nenhuma afirmar, que não tenha sido um acto de terrorismo político».

Quanto à F.L.A., Vítor Alves não acredita que seja um movimento do povo açoriano. «É sim capaz de ser um movimento — afirmou — formado por forças interessadas neste momento também em espalhar a confusão».

Açorianos já compram bandeiras e galhardetes da "independência"

PONTA DELGADA, 28 — Em muitas lojas do arquipélago vendem-se bandeiras da «independência», e galhardetes da F. L. A. Frente de Libertação dos Açores.

Aliás, a venda das bandeiras parece ser absolutamente livre, já que os compradores não encontram a menor dificuldade na sua obtenção.

Refere-se, por curiosidade, que a bandeira é azul e branca (o azul para o lado do mastro) tendo ao centro o açor com as asas abertas. Na bandeira distinguem-se ainda três grupos de três ilhas, tantas quantas tem o arquipélago.

No galhardete e sob o açor, também de asas abertas, vêem-se nove estrelas em pequenos círculos. Várias inscrições, nas bandeiras e nos galhardetes, aparecem em dourado, notando-se, de resto, muito apuro na sua confecção.

Entretanto, ontem a F. L. A. distribuiu na ilha Terceira um comunicado através do qual responsabiliza o comandante-chefe do arquipélago, Altino de Magalhães, pela violência que possa resultar (a partir da meia-noite de ontem, terça-feira) caso não sejam revelados os nomes dos implicados na chacina de gado ocorrida na noite de 11 para 12 deste mês.

Outra exigência da F. L. A. era a de que tal revelação fosse simultaneamente acompanhada da divulgação das penas mínimas a que estão sujeitos os acusados.

Almeida e Costa visita o Porto

PORTO, 28 — O ministro da Administração Interna, Almeida e Costa, visita amanhã esta cidade para resolver diversos assuntos relacionados com a ordem e tranquilidade públicas, vivência das forças de segurança com a população e luta antiterrorista.

Na sua visita, o ministro será acompanhado pelos comandantes gerais da G. N. R. e da P. S. P. O programa de trabalho inclui uma reunião no Governo Civil do Porto com os comandantes locais e regionais destas organizações a norte do Douro.

PUB

COMUNICADO

DADO ESTRONDOSO ÊXITO N/SALDOS LOJA LANIDOR

DECIDIRAM PÔR À VENDA MAIS 27 650 CAMISOLAS «LAMBSWOOL» E MILHARES DE PEÇAS INCLUINDO CASACOS COMPRIDOS SUÍÇOS.

Soares defende um militar para a presidência

. WASHINGTON, 28 — (F.P.-ANOP) — Mário Soares, pronunciou-se ontem a favor da presença de um militar na Presidência da República Portuguesa, parecendo assim excluir uma candidatura socialista, no caso do presidente ser eleito por sufrágio universal.

Convidado de um almoço oferecido pelo «National Press Club» em Washington, Mário Soares declarou que o perigo de um golpe de extrema-direita ou extrema-esquerda em Portugal, tinha diminuído, mas que apenas um melhoramento da situação económica poderá garantir a estabilidade das instituições democráticas. Para este efeito pediu o auxílio dos Estados Unidos.

Ontem, o secretário de Estado, Henry Kissinger, recebeu Mário Soares e durante a longa reunião prometeu-lhe um programa de auxílio económico para Portugal, o qual, segundo as mesmas fontes, se aproximaria de várias centenas de milhões de dólares.

O secretário-geral do Partido Socialista Português falou dos 400.000 colonos portugueses de Angola que voltaram nos últimos meses à Metrópole e do alto índice de desemprego como sendo um dos maiores problemas do País, mas também declarou que o Governo de Lisboa deveria resolver os abusos que se produziram na Reforma Agrária e na nacionalização de indústrias.

Sobre a delicada questão do arquipélago dos Açores, cujos habitantes têm sido manipulados nos últimos meses com a ideia de uma separação de Portugal, numa campanha promovida, segundo certas fontes diplomáticas, pelos Estados Unidos, Soares declarou que a crise já tinha passado.

Depois de recordar que os açorianos eram portugueses e não habitantes de uma colónia, como o demonstra o facto de habitantes das ilhas terem sido, inclusive, presidentes da República Portuguesa, Mário Soares, declarou ainda que para demonstrar o seu interesse pelos Açores passará quatro dias nas ilhas no seu regresso a Portugal depois da sua visita de boa vontade aos Estados Unidos, que parece haver assinalado uma «aliança» entre os socialistas portugueses e a Secretaria de Estado de Kissinger.

«O que necessitamos sobretudo é de um programa de financiamento de projectos para o desenvolvimento económico de Portugal» — declarou Mário Soares perante a audiência do Clube Nacional de Imprensa.

Embora Soares não o tenha afirmado publicamente, círculos norte-americanos asseguraram que o dirigente português, recebeu aquelas duas coisas.

PCP CRITICA

Recebemos entretanto uma nota da secção de informação e propaganda do PCP a propósito de algumas das declarações que Mário Soares tem feito nos Estados Unidos, onde pretende — diz a nota — «apresentar desde já o seu partido como triunfador certo das próximas eleições, actuando como futuro Primeiro-Ministro, decretando mesmo a seu gosto as percentagens de votos que concede ao PCP».

Afirmando que tais declarações têm, também, evidentes fins eleitoralistas, visando impor à opinião pública uma imagem antecipada dos resultados num esforço para, desse modo a condicionar», a nota do PCP lembra a própria lei eleitoral «interdita manipulações desse tipo» próprias de países (USA) «onde domina a corrupção e a alienação política das massas populares por métodos do mais grosseiro eleitoralismo».

P.S. demarca-se politicamente

. «O P.S. não tem alianças preferenciais nem firma acordos tácitos ou secretos com qualquer formação partidária, mas entende que a conjugação de esforços para a concretização de tarefas inadiáveis de superação da crise económica é não só útil como indispensável» — pode ler-se num texto emanado do Secretariado Nacional do Partido Socialista difundido de ontem para hoje e definindo a posição do partido no momento politico actual. O texto constitui fundamentalmente uma resposta às sucessivas críticas que têm sido dirigidas ao P.S. por parte, por um lado, do P.C.P. e da generalidade das organizações políticas de esquerda, por outro, tanto pelo P.P.D. como pelo C.D.S., como partidos mais representativos dos sectores sociais e políticos da direita.

Começando por chamar a atenção para «as profundas alterações surgidas no panorama político» do País, o documento aponta desde logo para o que classifica de «novos obstáculos» que «ameaçam a consolidação da democracia e a transição pacífica para o socialismo em Portugal». Para o P.S., o C.D.S. e o P.P.D., «cuja participação no embate de 25 de Novembro foi nula quanto ao primeiro e bastante secundário quanto ao segundo, pretendem agora fazer-se passar perante o País como seus salvadores, difundindo uma nova visão triunfalista de sinal contrário à anterior, baseada no velho dilema salazarista — «ou nós ou o comunismo». O P.S. rejeita este dilema, e não só rejeita igualmente o que chama a «visão catastrófica e alarmista do P.C.P. e da extrema-esquerda, baseada no novo dilema cunhalista — «ou nós ou o fascismo». Alternativa: o P.S. propõe a sua «visão realista e responsável da realidade nacional orientada pelos pbjectivos da consolidação e estabilização das instituições democráticas, da recuperação económica a caminho do socialismo em liberdade, da paz cívica, da concórdia e da grandeza nacionais».

«Se dissemos não ao sectarismo do P.C.P. — diz o P.S. — dizemos também e não daremos combate frontal ao sectarismo das forças políticas da direita».

O P.S. critica o P.P.D. e as forças de direita que ultimamente se têm empenhado contra o P.S. E acusa: «Estas mesmas forças de direita vão já ao ponto de atacarem algumas das principais personalidades militares que desempenharam papel de relevo no 25 de Abril e na derrota do golpe de 25 de Novembro, procurando desse modo cavar divisões indesejáveis entre as Forças Armadas».

Seguem-se referências à insinuação de profundas divisões no seio do P.S. Elas não existem — assegura o texto, sublinhando que tais insinuações têm partido tanto do P.C.P. como das forças de direita.

«O P.S. está sereno e confiante — diz o comunicado, a terminar — Mas está igualmente vigilante sobretudo no momento actual face à actual ofensiva da direita. Não pode, por isso, deixar de mostrar a sua preocupação pela vaga de atentados terroristas que têm vindo a assolar o País e apela para as autoridades militares no sentido de intensificarem os seus esforços a fim de pôr cobro a tais actos. Como também não pode deixar de manifestar a sua repulsa pela impunidade que parece cobrir os principais responsáveis do regime fascista e sobretudo do seu aparelho repressivo».

Petardo num automóvel

. PORTO, 28 — Um petardo rebentou esta madrugada, pelas 5.20 h, na Póvoa de Varzim, debaixo do automóvel FM-40-07, propriedade de Custódio José da Costa Sá, militante do Partido Comunista Português.

O explosivo era de fraca potência e apenas produziu ligeiros na parte do motor.

M.D.P. prepara II Congresso

. É muito provável que o II Congresso do MDP/CDE venha a debater a necessidade de se realizarem esforços no sentido de unir as forças democráticas, os quais poderiam ir até uma eventual recomposição da esquerda portuguesa, para a qual, aliás, já foram estabelecidos contactos importantes, stros
do V Governo Provisório e dissidentes de alguns partidos políticos.

O Congresso (aliás II Plenário Nacional de Delegados) efectua-se em 31 do corrente e 1 de Fevereiro no Pavilhão n.º 1 da Feira Internacional de Lisboa, com começo às 10 horas do primeiro daqueles dias. Entretanto, reunido em Encontro Nacional no pretérito fim-de-semana, o MDP/CDE definiu os objectivos da sessão magna, o que fez com a presença de delegações de todos os distritos do País.

Grande expectativa rodeia o congresso, rodeado, de resto, de uma intensa e cuidada preparação em todos os capítulos organizativos.

Pelo que se sabe, as comissões de base e os diversos órgãos nacionais têm realizado inúmeras reuniões para debater a situação política e as perspectivas com que se encara o futuro daquela organização política.

Fontes próximas do MDP/CDE informaram-nos que se espera que o Congresso venha a efectuar um profundo estudo da situação política e uma análise crítica das actividades partidárias.

Neste sentido foi já noticiada a existência de contactos com diversas personalidades independentes, nomeadamente — como atrás referimos — individualidades ligadas ao V Governo Provisório, bem como alguns dissidentes do PS e do MES. No entanto, meios normalmente bem informados pensam que estes contactos se destinam fundamentalmente a uma ampla troca de opiniões sobre a situação política e as exigências que esta põe à unidade das forças e correntes de esquerda, com vista à defesa da Revolução do 25 de Abril e das conquistas democráticas desde então alcançadas.

Sabe-se igualmente que em torno do reforço e da reorganização do partido se tem efectuado igualmente uma larga discussão no seio do MDP, preparatória do debate daquela matéria no Congresso.

Nota tome

INVENTÁRIO?

Acto isolado de quem não sabe preencher melhor as horas vagas ou anseio mórbido de algum ou alguns candidatos a delatores, apareceu na Caixa Geral de Depósitos um documento, sugestivamente intitulado «Inventário de Tendências Políticas», no qual, com requintes de pormenor, aparecem desenhados quadros (a preencher) que (se preenchidos) dariam, secção por secção, a filiação ou as tendências partidárias de cada cidadão trabalhador da Caixa. Muito sugestivamente também, os Partidos são divididos em PS, PPD, PC e outros. Os «outros» são o CDS, CDE, MES, UDP e restantes. Depois há pormenores muito curiosos. Por exemplo uma alínea dedicada aos «comunistas», UDP's ou de outros Partidos que mais se evidenciaram», uma outra visando os «militantes mais arrogantes e que mais subestimaram os antigos», e ainda outra dedicada aos «empregados de comportamento dúbio». Se quem fez isto apenas se quis entreter, convenhamos que tem uma imaginação terrível! Mas será só entretenimento?

AUXÍLIO

Se consideramos a intensa e febril actividade em relação ao nosso país de certos diplomatas estrangeiros, devemos concluir que Portugal é e tem sido, desde o 25 de Abril de 1974, um «quebra-cabeças» mundial...

Enquanto o sr. Carlucci, embaixador dos E. U. A. em Portugal, vai à sede da N. A. T. O. em Bruxelas e conclui com alívio que «a situação já não é tão preocupante», o adjunto de Kissinger vem a Lisboa prometer «auxílio económico».

Esperemos que este «auxílio económico» não se transforme em «auxílio militar para modernizar e reequipar um exército que sofreu muito com as guerras coloniais», o que, segundo fontes americanas, seria a razão profunda da vinda a Portugal do sr. Hartman.